

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

MARCIA ANTUNES DA ROCHA

**UM OLHAR SOBRE VELHICE E ENVELHECIMENTO: PERCEPÇÃO DE
MULHERES PATOBRANQUENSES**

PATO BRANCO

2025

MARCIA ANTUNES DA ROCHA

**UM OLHAR SOBRE VELHICE E ENVELHECIMENTO: PERCEPÇÃO DE
MULHERES PATOBRANQUENSES**

A look at old age and aging: perception of women from Pato Branco

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientadora: Dra. Maria de Lourdes Bernartt

Coorientador: Dr. Luís Carlos Ferreira Bueno

PATO BRANCO

2025



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Pato Branco



MARCIA ANTUNES DA RÓCHA

UM OLHAR SOBRE VELHICE E ENVELHECIMENTO: PERCEPÇÃO DE MULHERES PATOBRANQUENSES

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Desenvolvimento Regional Sustentável.

Data de aprovação: 07 de Julho de 2025

Dra. Maria De Lourdes Bernartt, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Cristiane Maria Tonetto Godoy, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Utfpr)

Franciele Clara Peloso, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Simone Martins, Doutorado - Fundação Universidade Federal de Viçosa (Ufv)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 08/07/2025.

Dedico este trabalho ao meu filhão e à minha
norinha que me presentearam com um lindo netinho,
e, portanto, tornaram-me vovó.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela dádiva da vida, pelo sopro que sustenta cada dia e por seu amor e misericórdia, que alcançam a todos indistintamente. Sem essa graça, a existência na terra seria inimaginável.

Aos estimados professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, pela generosidade na partilha do conhecimento e pela oportunidade de vivenciar trocas enriquecedoras, que contribuíram profundamente para minha jornada acadêmica e pessoal.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Maria de Lourdes Bernartt, cuja paciência, incentivo e sensibilidade foram fundamentais ao longo desta trajetória. Seu vasto saber e sua disposição em compreender minhas limitações foram preciosos. Minha mais sincera gratidão!

À dedicada Professora Cris, cuja perspicácia e refinamento conferem amplitude e profundidade às palavras, transformando frases aparentemente simples em construções significativas. Reconheço com apreço seu profissionalismo e generosidade.

Ao professor coorientador Luís Carlos Ferreira Bueno, por sua atenção, dedicação e disponibilidade em me auxiliar ao longo do percurso.

Aos queridos colegas de mestrado, pela amizade cultivada e pelos momentos inesquecíveis que marcaram essa experiência. Carrego comigo, como preciosas lembranças, tudo o que compartilhamos.

Nunca encontrei mulher alguma, nem na literatura, nem na vida, que encarasse com complacência a própria velhice.
(Beauvoir, 2018, p. 23).

RESUMO

Na atualidade, estamos diante do aumento populacional das pessoas idosas, especialmente, no que tange a maior expectativa de vida das mulheres, em comparação aos homens. Essa realidade nos convida a refletir sobre as transformações que vem ocorrendo na vida desses sujeitos, especialmente, das mulheres. Nesta perspectiva, o objetivo geral do estudo consiste em analisar como as mulheres participantes do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Pato Branco-PR vivenciam o processo de envelhecimento. Trata-se de uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo. O estudo foi realizado no CRAS, dos bairros São João e Bairro Alvorada, ambos considerados de alta vulnerabilidade. A amostra foi composta por 10 mulheres acima de 60 anos, frequentadoras assíduas da instituição. Para a coleta de dados elegemos a entrevista semiestruturada. Discussão e análise foram submetidas à análise de conteúdo. A partir do agrupamento dos núcleos de sentido, foram formadas as seguintes categorias: infância, juventude; casamento; convivência com os filhos; espaços de sociabilidade; seus projetos de vida; lazer; doença; e o papel do CRAS nesse debate e percepções sobre o envelhecimento. Foi possível apreender, junto às, idosas que o envelhecer está relacionado a perda de autonomia. Para essas idosas, a capacidade de realizar tarefas cotidianas e de se manter ativas é fundamental para a sua autopercepção de juventude. Elas se recusam a aceitar a velhice como uma fase de dependência e inatividade, desafiando estereótipos e buscando manter uma mentalidade jovem e ativa. A relação com a aparência também é importante, com algumas destacando a vaidade e a vontade de se arrumar como elementos que reforçam sua sensação de juventude. Por outro lado, algumas mulheres aceitam as limitações impostas pela idade de maneira serena, reconhecendo os desafios físicos e a necessidade de adaptar-se à nova realidade. Essa aceitação, muitas vezes, é acompanhada de gratidão pelas experiências de vida acumuladas e pelo respeito recebido da comunidade.

Palavras-chave: Mulheres; Envelhecimento; Vivências; CRAS.

ABSTRACT

Currently, we are facing an increase in the elderly population, especially with regard to the greater life expectancy of women compared to men. This reality invites us to reflect on the transformations that have been occurring in the lives of these individuals, especially women. In this perspective, the general objective of the study is to analyze how women participating in the Social Assistance Reference Center (CRAS) of Pato Branco-PR experience the aging process. This is an exploratory research of a qualitative nature. The study was carried out at the CRAS, in the neighborhoods of São João and Bairro Alvorada, both considered highly vulnerable. The sample consisted of 10 women over 60 years old, who were regular attendees of the institution. For data collection, we chose the semi-structured interview. Discussion and analysis were subjected to content analysis. Based on the grouping of the nuclei of meaning, the following categories were formed: childhood, youth; marriage; living with children; spaces of sociability; their life projects; leisure; illness; and the role of CRAS in this debate and perceptions about aging. It was possible to learn from the elderly women that aging is related to the loss of autonomy. For these elderly women, the ability to perform daily tasks and remain active is fundamental to their self-perception of youth. They refuse to accept old age as a phase of dependence and inactivity, challenging stereotypes and seeking to maintain a young and active mentality. The relationship with appearance is also important, with some highlighting vanity and the desire to dress up as elements that reinforce their feeling of youth. On the other hand, some women accept the limitations imposed by age calmly, recognizing the physical challenges and the need to adapt to the new reality. This acceptance is often accompanied by gratitude for the life experiences accumulated and the respect received from the community.

Keywords: Women; Aging; Experiences; CRAS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização das Unidades CRAS-Pato Branco.....	26
Figura 2 – Unidades de CRAS	29
Figura 3 – Pirâmide Etária	48
Figura 4 – População censitária, segundo faixas etárias	53
Figura 5 – População censitária feminina, segundo faixas etárias	53
Figura 6 – População censitária masculina, segundo faixas etárias.....	54
Figura 7 – População censitária, segundo cor/raça.....	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Objetivos, Categorias de análise e sistematização	Erro! Indicador não definido.
Quadro 2 – Dados socioeconômicos e demográficos	33
Quadro 3 – Experiências formativas e afetivas	33
Quadro 4 – Interações sociais e convivência com os filhos	34
Quadro 5 – Transformações físicas e saúde	35
Quadro 6 – Sentidos do envelhecer e expectativas	35
Quadro 7 – Síntese do capítulo metodológico.....	37
Quadro 8 – Serviços prestados pelos CRAS.....	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População brasileira (em milhares), por sexo, taxa de crescimento e percentagem de mulheres: 1900-2021.....Erro! Indicador não definido.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATI	Academia da Terceira Idade
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCI	Centro de Convivência do Idoso
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CF	Constituição Federal
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
DAI	Departamento de Atenção do Idoso
DEAI	Delegacias Especializadas no Atendimento ao Idoso
EBAPI	Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENANPUR	Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional
ESF	Estratégia Saúde da Família
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Social
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NASF	Núcleo de Atenção à Saúde da Família
OEA	Organização dos Estados Americanos
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan Americana da Saúde
PAEFI	Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PMPI	Plano Municipal da Pessoa Idosa do Município
PNI	Política Nacional do Idoso
PNSPI	Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa

PPGDR	Programa de Pós-Graduação Desenvolvimento Regional
PUC-PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SESC	Serviço Social do Comércio
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCUISV	Termo de consentimento de uso de imagem, som e voz
UNATI	Universidade Aberta a Terceira Idade
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	PERCURSO METODOLÓGICO	23
2.1	Tipo de Pesquisa	23
2.2	Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), no município de Pato Branco-Paraná: lócus da pesquisa de campo	25
2.3	Participantes da pesquisa	27
2.4	Coleta de dados.....	28
2.5	Análise dos dados.....	31
2.6	Procedimentos éticos	36
3	OLHARES SOBRE VELHICE E ENVELHECIMENTO – A VELHICE PARA MULHERES	38
3.1	Conceitos de Velhice e Envelhecimento	38
3.1.1	Velhice.....	38
3.1.2	Envelhecimento.....	43
3.2	Envelhecimento Feminino no Brasil.....	46
4	SOBRE O ENVELHECIMENTO DAS MULHERES FREQUENTADORAS DO CRAS - MUNICÍPIO DE PATO BRANCO-PR: RESULTADOS E DISCUSSÃO	57
4.1	Caracterização (Perfil) das Mulheres Entrevistadas	57
4.2	Lembranças: Infância, Mocidade e Casamento.....	64
4.3	Espaço de sociabilidade e lazer.....	77
4.4	Como as mulheres percebem as mudanças físicas e de saúde ao longo do envelhecimento, incluindo cuidados com o corpo	82
4.5	Como as mulheres idosas vivenciam o processo de envelhecimento e suas perspectivas em relação ao futuro	85
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
	REFERÊNCIAS.....	108
	APÊNDICE A - Roteiro de Coleta de Dados.....	113
	ANEXO A - Termo de Compromisso, de Confidencialidade de Dados e Envio do Relatório Final.....	114
	ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Consentimento no uso de imagem e/ou voz (TCUISV)...	115
	ANEXO C - Documento de Concordância do município.....	119

Tem gente que sofre

Foi da boca da minha mãe
que ouvi pela primeira vez:
tem gente que sofre.

Não vinha com lágrima,
nem com pressa.

Era um jeito de dizer o mundo,
sem precisar nomear a dor.

Havia nela um silêncio inteiro
que dizia tudo,
que atravessava o dia dos outros,
talvez os seus.

Pelas janelas abertas do seu olhar,
vi gente que sofre
sem dizer.

Gente que sente
sem mostrar.

Aquele modo de dizer
me fez sentir o mundo por fora,
mas do lado de dentro.

Tornei-me corpo de escuta,
pele sem blindagem,
afogada em emoção;
mesmo em copo raso.

Nas noites em que o frio entra
pelas frestas da alma,

Nos dias em que a água
gela até o osso
e cala,

as palavras voltam:
tem gente que sofre.

Escrevo
para não endurecer,
para não esquecer:
tem gente que sofre.

Você sempre soube,
com o coração cheio de olhos.

Há gente que sofre,
nem por isso grita,
nem por isso some,
nem por isso para.

Há dores que não me habitam,
encostam e me volto humana.

Outras
me atravessam.

Sigo com isso entranhado.

Tem gente que sofre,
que sofre.

e segue.
Eu sei.

Peloso (2025).

1 INTRODUÇÃO

Para esse início de trabalho, gostaria de me apresentar, assim como justificar a temática a ser abordada. Eu sou a Marcia Antunes da Rocha, 48 anos, residente no município de Pato Branco, Paraná, já estando na fase adulta de vida, rugas, menopausa e cabelos brancos, traços de quem se encaminha para a velhice.

A minha trajetória acadêmica tem início com minha formação em Serviço Social pela Faculdade Unilagos, Mangueirinha/PR, no ano de 2007. Nesse mesmo período, comecei minhas atividades laborais como Assistente Social, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), no Bairro Lagoão, em Palmas, Paraná, atendendo famílias de baixa renda, cuja finalidade principal era prevenir situações de risco social.

Destarte, motivada pela atuação profissional no serviço público, no ano de 2008 cursei a Especialização em Gestão e Elaboração de Projetos Sociais, na mesma instituição de ensino, aonde me graduei. No ano de 2009, passei a atuar como Assistente Social no município de Pato Branco, Paraná, bem como no CRAS, equipamento este vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social, tendo como atribuições a reflexão e promoção da população ao acesso de serviços, benefícios e projetos de assistência social.

Em 2013, passei a atuar como Assistente Social, no Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI), desenvolvido no âmbito do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). É importante pontuar, que as experiências do cotidiano, pautam-se em atendimentos fundamentados no respeito a heterogeneidade, potencialidades, valores, crenças e identidades das famílias.

Nesse contexto, atualmente desenvolvo atividades laborais na gestão da Secretaria Municipal de Assistência Social, à qual é vinculada à Prefeitura Municipal Pato Branco, tendo como atribuições promover a proteção social e desenvolvimento dos indivíduos e famílias, efetivando os serviços, programas, projetos e benefícios socioassistenciais, garantindo e promovendo os direitos assistenciais. Nesse atendimento também é realizado os encaminhamentos e orientações para a inclusão nos projetos e programas sociais, tais como: Bolsa Família; Amparo Social à Pessoa com Deficiência; Pessoa Idosa; Passe livre municipal, intermunicipal e interestadual; Auxílio-alimentação e vestuário. Além, do encaminhamento das pessoas e famílias a

serem acompanhadas pela rede de proteção, vinculadas as demais Secretarias, como a saúde, educação, cultura, esporte e lazer.

Dentre essa gama de serviços, os atendimentos prestados preferidos são aqueles realizados com os grupos de convivência familiar, comunitária e o fortalecimento de vínculos. Esses atendimentos, em sua maioria, são planejados e implementados por equipe multidisciplinar, sendo a/o assistente social parte dessa equipe. Nestas atividades, ocorrem profundas e sinceras experiências entre os profissionais e as pessoas envolvidas.

O meu trabalho visa o empoderamento feminino, o papel da mulher na sociedade e o acompanhamento domiciliar dos idosos em situação de isolamento e dependência de cuidados, bem como aqueles que não conseguem frequentar o serviço em suas atividades de convivência. É também a parte do meu serviço escutar as suas demandas, aliás, são nesses momentos de narrativas que são compartilhadas as vivências do dia a dia.

Com esse cenário laboral, o atendimento às pessoas idosas ao longo da minha trajetória profissional, que após quinze anos de formada, retorno a universidade para cursar o mestrado, dando continuidade em um dos meus propósitos: os estudos sobre a velhice, em especial, a velhice feminina. Inicialmente, essa busca me levou a ser aluna externa no Programa de Pós-Graduação Desenvolvimento Regional (PPGDR), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Pato Branco.

Assim, com o desejo de adquirir mais conhecimentos e de me efetivar como aluna, participei do processo seletivo do PPGDR, na Linha de Pesquisa Educação e Desenvolvimento, no segundo semestre do ano de 2022, logrando êxito na seleção.

No processo de amadurecimento acadêmico e pessoal vivenciado ao longo do curso de Mestrado, a proposta de pesquisa inicialmente elaborada para o processo seletivo — voltada ao envelhecimento feminino, dentro de uma abordagem mais ampla sobre o envelhecimento populacional, foi sendo ressignificada. As experiências formativas, os estudos realizados e a interlocução com a realidade local possibilitaram um refinamento progressivo do objeto de estudo, culminando na temática que hoje se apresenta: “Um olhar sobre Velhice e Envelhecimento: Percepção de Mulheres Patobranquenses Atendidas pelo CRAS”. Essa delimitação reflete tanto a trajetória investigativa quanto o compromisso com a escuta e a valorização das vozes de mulheres idosas em contextos de vulnerabilidade social.

Como um desdobramento significativo desse percurso, parte dos resultados obtidos no estudo deu origem ao trabalho intitulado “Envelhecimento Feminino: Diversidade e Exclusão Social”, aprovado para apresentação oral no XXI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ENANPUR), realizado entre os dias 17 e 23 de maio de 2025, em Curitiba, com organização da Universidade Federal de Paraná (UFPR), UTFPR e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-PR). Essa aprovação representa o reconhecimento da relevância do tema e reforça a importância de ampliar os debates sobre envelhecimento, gênero e desigualdades sociais em todas as áreas, bem como no campo das políticas públicas.

Outrossim, este tema não poderia passar despercebido por mim, afinal sou uma mulher em processo de envelhecimento, convivendo com mulheres idosas, permeada pelas lembranças dos meus queridos avós e observando o andar lento do meu pai, seus cabelos ralos e já esbranquiçados. Ao ouvir os conselhos da minha mãe, percebo sua sabedoria adquirida com o tempo. Para ela, todos os problemas têm solução, basta somente esperar o dia do amanhã que tudo se ajeita, ou até perceber que as mudanças começam a surgir no meu corpo.

Desse modo, a **velhice** é tida como o resultado de um processo integral e amplo de mudanças físicas, biológicas, psicológicas, cronológicas e sociais, a qual todo o indivíduo passa ao longo de sua existência, vivenciando de maneira individual e plural. Neste sentido, a velhice tem uma dimensão existencial, pois, modifica a relação do indivíduo com o tempo, a sua relação com o mundo e com sua própria história (Beauvoir, 2018). Já o **envelhecimento** é tratado como um processo progressivo de mudança desfavorável, geralmente ligado a passagem do tempo, tornando-se aparente depois da maturidade e desembocando, invariavelmente, na morte.

Segundo Beauvoir (2018), os primeiros estudos sobre envelhecimento tiveram início no século XV nos países da Europa, como a França, Itália, Alemanha, Rússia e Áustria, abordando assuntos relacionados à higiene preventiva, diagnóstico e terapêutica. Entre os séculos XVII e XIX, persistiram os estudos que tratavam o envelhecimento como uma doença sem cura. Segundo a autora, durante o século XX, a maioria dos estudos sobre o envelhecimento estava relacionada às áreas de medicina e de biologia, havendo pouco estudo sociológico ou antropológico sobre o tema.

Portanto, o desafio de pesquisar a velhice estava na dificuldade de encontrar documentos sobre as pessoas idosas, uma vez que, majoritariamente, eram incluídos no conjunto dos adultos, e quando reproduzida, a velhice era representada de acordo com os tempos e lugares, tornando-se incerta e conflitante (Beauvoir, 2018).

Lembrando que até “o século XIX, nunca se fez menção aos ‘velhos pobres’, pois estes eram a minoria, a longevidade só era possível nas classes privilegiadas; os idosos pobres não representam absolutamente nada” (Beauvoir, 2018, p. 111). Por conseguinte, as sociedades ainda mantêm a ideia de que a velhice é uma fase de declínio físico e mental, contribuindo para isolamento e exclusão dessa população.

No entanto, a velhice não precisa ser uma fase da vida desvalorizada, ela pode ser compreendida como uma fase de maturidade e sabedoria. As pessoas envelhecem em conformidade com as condições econômicas sociais e culturais em que estão inseridas. Dessa forma, é indispensável modificar as condições para que a velhice seja percebida como uma fase benéfica da vida. Além disso, a sociedade deve oferecer suporte e oportunidades para as pessoas idosas, de modo a assegurar que elas possam experimentar o envelhecimento de forma positiva e satisfatória.

Ao abordar o tema envelhecimento feminino, nos desafiamos a trazer a discussão de Beauvoir (2018), na obra “A Velhice, onde a autora pondera sobre a dificuldade do envelhecer da mulher, uma vez que, carrega um caráter depreciativo, aliás, o próprio envelhecimento carrega em si, causando repulsa e temor em quem o vive, inclusive nos jovens. Logo, no que se refere aos homens, a velhice nem sempre é percebida negativamente, pois, eles acabam sendo valorizados fisicamente por características, tal como o cabelo grisalho, que não apresenta o mesmo vislumbre nas mulheres.

Na obra supracitada, são abordados os desafios, que essa etapa da vida põe à sociedade, sobretudo, às mulheres. A autora destaca, especialmente, a desigualdade vivida pela mulher que envelhece, sendo a maioria invisível, cujas preocupações emocionais, econômicas e físicas permanecem, em sua maioria, negligenciadas ou à própria sorte, isso em uma sociedade que supervaloriza a beleza da juventude. Dessa maneira, a velhice é intrínseca a todo o ser humano, os organismos sofrem alterações, desencadeando redução das atividades, autonomia e atitudes, isso em relação à vida individual e coletiva.

Ainda, recorrendo à autora, a mulher é considerada um objeto de reprodução, tendo a sua experiência marcada por uma realidade de submissão, com a centralidade

no lar e servindo aos cuidados do esposo e filhos. Quando se fala da mulher idosa, estes temas de representações podem se tornar mais complexos. Porquanto, sendo uma mulher e envelhecida, na sociedade capitalista, lhe é infligida a identidade de “alguém que não tem valor”, impondo uma fase da vida negada e desvalorizada pela sociedade. Nesse contexto, a sociedade a vê como uma fase de decadência e perda, pois, já não apresenta o vigor da juventude.

Em nossa sociedade, nascer mulher implica em ser um Outro, uma negatividade enquanto um sujeito diferente do homem. O corpo feminino é tomado enquanto objeto, destinado ao desejo do homem e não pela subjetividade. Também, tem como função principal agradar ao Outro, este corpo carece ser submetido a inúmeros cuidados estéticos, como as vestimentas, procedimentos estéticos e outros. Tais procedimentos têm como finalidade impossibilitar o corpo feminino da transcendência, impedido de envelhecer. Entretanto, as mulheres em processo de envelhecimento deveriam se mostrar mais abertas para a vida, para si, renunciando papéis que lhes foram impostos (Beauvoir, 2018).

Embora, Beauvoir não aborde essa última fase da vida como uma fase leve, ela discorre que é possível experimentar essa beleza na velhice. Com esta mesma percepção, Debert (1994) sinaliza que a chegada da velhice pode ser apreendida como uma oportunidade de experimentar maior liberdade e independência. Do mesmo modo, em que carregam consigo a experiência de envelhecimento de suas mães e avós, as mulheres podem construir outras formas de envelhecer, através da vivência de uma maior liberdade conquistada em relação às outras etapas da vida, nas quais sofriam pressão dos pais, esposos e da sociedade.

Portanto, compete às mulheres tornarem a velhice uma etapa com oportunidades positivas. Nesse processo de envelhecimento, deve-se incluir a aceitação das perdas associadas ao corpo e à mente, possibilitando o surgimento de novos modos de viver um tempo que pode ser interessante. As mudanças geradas no corpo podem apontar esse novo começo.

É com esse olhar que se deu a escolha do tema de pesquisa, partindo da necessidade de compreender as percepções de mulheres patobranquenses sobre velhice e envelhecimento. Cabe ressaltar, que em meu contato com as mulheres idosas, observei a necessidade do compartilhamento de suas experiências de vida.

Diante dessas primeiras impressões, faz parte da **problematização** indagar: Como as mulheres com idade igual ou acima dos 60 anos vivenciam o processo de envelhecer?

O **objetivo geral** da pesquisa consiste em analisar como as mulheres participantes do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Pato Branco-PR vivenciam o processo de envelhecimento. Já os **objetivos específicos** foram delineados da seguinte: a. Caracterizar (perfil) das mulheres entrevistadas; b. Refletir sobre as lembranças de infância, mocidade e casamento das entrevistadas buscando saber se essas experiências influenciaram suas percepções e vivências ao longo do tempo; c. Analisar os espaços de sociabilidade e lazer das entrevistadas; d. Investigar como as mulheres percebem as mudanças físicas e de saúde ao longo do envelhecimento, incluindo cuidados com o corpo; e. Analisar como as mulheres idosas vivenciam o processo de envelhecimento e suas perspectivas em relação ao futuro.

Estudar a velhice feminina não é uma tarefa fácil, tendo em vista que abrange múltiplos fatores e percepções distintas. Por mais, que exista a evolução da ciência e tecnologia, presentes nas sociedades modernas, a velhice continua sendo uma realidade incontestável.

Com o aumento da expectativa de vida, 75,5 anos, com uma média de 79,0 anos para mulheres e 72 anos para homens. O Brasil está atravessando um período de transição epidemiológica, com um maior número de mulheres em idade avançada em comparação com homens, fenômeno conhecido como feminização da velhice (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). Nesse sentido, as dificuldades relacionadas ao processo de envelhecimento das mulheres nem sempre são conhecidas, uma vez que, a maioria dos estudos sobre envelhecimento não separam as características individuais de homens e mulheres, tratando-os pelo mesmo prisma.

Nesta perspectiva, a despeito da importância do tema, são escassos os trabalhos que destacam o envelhecimento feminino e os aspectos que caracterizam a feminização do envelhecimento, sobretudo, quando o fenômeno é abordado a partir de suas percepções. Desse modo, é essencial e relevante o aprofundamento do tema velhice feminina, justificando, assim, a presente dissertação.

A mulher, apesar de ser maioria na população e apresentar maior perspectiva de vida, no processo de envelhecimento vivencia eventos de discriminação por conta do gênero e idade, conforme Beauvoir (2018) no contexto da perda da capacidade de reprodução e sedução. Já que o frescor da mocidade oferece a proteção dos homens,

o medo da perda dessa proteção deixa a mulher vulnerável. Isso parece ocorrer porque, na sociedade brasileira, a idade se mostra um sinalizador, onde a mulher apenas é vista com a sua mera função de fêmea.

Outra justificativa, desse estudo, reside no fato de discorrer e conhecer como a mulher idosa se vê no processo de envelhecimento. Corroborando, se conhece pouco sobre a mulher idosa e o que se sabe é pela ótica dos outros atores. Por isso, é relevante compreender as vidas dessas idosas, escutando-as a respeito de como se sentem nessa caminhada. Dessa maneira, contamos com a participação delas para conhecer seus anseios e desejos, tornando a vida interessante.

A motivação em pesquisar apenas mulheres idosas, fundamenta-se na argumentação de romper com a dominação de um sistema que exalta os homens e menospreza as mulheres. Destaque-se que neste estudo a investigação sobre a velhice tem como elemento a ser compreendido uma etapa do ciclo da vida a ser vivenciada por elas.

Destarte, conhecer a visão da mulher idosa, a respeito do envelhecimento e da velhice, se torna fundamental para construir as representações dessa fase. Por conseguinte, estudar a velhice feminina traz possibilidades de contribuições em nível profissional e acadêmico, bem como para as produções teóricas do Serviço Social, tendo em vista, que as mulheres idosas são demandas constantes nos atendimentos no CRAS. Não obstante, o acesso ao conhecimento sobre esse processo pode auxiliar no dia a dia da atuação do assistente social e das equipes interdisciplinares que trabalham com essa população.

As entrevistas podem abalzar como as mulheres percebem o envelhecimento vivenciado por elas. Assim, com essas informações o CRAS terá elementos para aprimorar seu trabalho em benefício da mulher idosa.

Portanto, ressaltamos, novamente, a importância desse trabalho para o campo do conhecimento científico, na medida em que recuperará através das mulheres idosas, consideradas como guardiãs da memória, as vivências e experiências vivenciadas por elas ao longo de suas vidas. Almejamos, que os olhares das mulheres patobranquenses nos impulsionem para uma busca mais profunda do conhecimento sobre a velhice, sem ideias preconcebidas pela sociedade, mas ideias construídas por mulheres que já experimentam essa fase da vida.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos as etapas realizadas para que o trabalho alcançasse a completude de um estudo científico, iniciando pela definição do tipo de pesquisa utilizado. Em seguida, contextualizamos os aspectos relacionados aos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) do município de Pato Branco, Paraná, que serviram como lócus da pesquisa de campo. Na sequência, descrevemos as características dos sujeitos participantes da pesquisa. Também detalhamos os procedimentos de coleta e análise dos dados e, por fim, abordamos as medidas éticas adotadas.

2.1 Tipo de Pesquisa

Buscando compreender as questões envolvidas nos objetivos deste estudo, entendemos que o melhor caminho metodológico é a pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Para Minayo (2015), este tipo de abordagem é indicado para revelar processos sociais ainda pouco conhecidos alusivos à grupos particulares, leva à construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias. Busca o reconhecimento da subjetividade e do simbólico como partes integrantes da realidade social, traz para o interior das análises o indissociável imbricamento entre o subjetivo e o objetivo, entre atores sociais e investigadores, entre fatos e significados.

A pesquisa exploratória busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto (Severino, 2013). Os estudos exploratórios, segundo Triviños (1987), permitem ao pesquisador aumentar sua experiência no que se refere a determinado problema. Além disso, o pesquisador aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando maior conhecimento para uma pesquisa descritiva. Portanto, o autor salienta que,

O pesquisador planeja um estudo exploratório para encontrar os elementos necessários que lhe permitam, em contato com determinada população, obter os resultados que deseja. Um estudo exploratório, por outro lado, pode servir para levantar possíveis problemas de pesquisa. (Triviños, 1987, p. 109)

Corroborando essa perspectiva, Severino (2012 p. 107) ressalta que a pesquisa exploratória busca “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação

desse objeto”. Por isso, esse trabalho se caracteriza como exploratória, uma vez que seu objetivo consiste em explorar possibilidades e cenários que ainda não foram desvelados.

Sob esse olhar, foi empregada a pesquisa exploratória para alcançar familiaridade, bem como adquirir novos conhecimentos sobre o envelhecimento feminino, segundo o olhar das mulheres frequentadoras da assistência do município de Pato Branco. Neste tipo de pesquisa, o processo varia de acordo com a descoberta dos novos dados ou percepções. É importante destacar que a pesquisa exploratória não busca fornecer respostas conclusivas, mas sim, estabelecer uma base para pesquisas mais aprofundadas.

Sendo assim, nesta dissertação optamos pela abordagem qualitativa, sobretudo, na análise das entrevistas semiestruturadas. Os dados recolhidos em pesquisas qualitativas são, necessariamente, descritivos, com o objetivo de permitir que toda informação seja compreendida em sua totalidade. Conforme Minayo (2015, p. 15), a pesquisa qualitativa é um método que busca compreender um nível de realidade que não pode ser quantificado, explorando o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes – respondendo ao espaço profundo das relações que não são analisadas numericamente. Nesse sentido, “a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados dela transbordante. Essa realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos fazer dela”.

A pesquisa qualitativa, para a autora supracitada, proporciona a construção e/ou revisão de novas abordagens, conceitos e categorias no que diz respeito ao fenômeno estudado de uma sociedade, tendo-se respeito pela diversidade existente. Deste modo, o método qualitativo se define como o método,

[...] que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam[...], as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos. (Minayo, 2010, p. 57)

Para Triviños (1987), o pesquisador qualitativo considera a participação do sujeito como um dos elementos de seu fazer científico. Corroborando, o autor acrescenta:

Apoia-se em técnicas e métodos que reúnem características *sui generis*, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações. Neste sentido, talvez sejam a entrevista semiestruturada, a entrevista aberta ou livre, o questionário aberto [...] os instrumentos mais decisivos para estudar os processos e produtos nos quais está interessado o investigador qualitativo. (Triviños, 1987, p. 135)

Para Minayo (2015), as características fundamentais da pesquisa qualitativa dizem respeito ao modo de análise da realidade, que se apresenta através da utilização de métodos e técnicas, compreendendo profundamente o objeto de estudo, isso em seu contexto histórico e sua estruturação. Outrossim, a pesquisa qualitativa é relevante para os estudos que utilizam entrevistas, essas devendo ser apresentadas de forma descritiva. Desse modo, a pesquisa qualitativa possibilita o contato direto do pesquisador com o sujeito pesquisado buscando compreender os fatos na sua vivência cotidiana, com isso permitindo conhecermos as singularidades, sentimentos, costumes, crenças, valores e práticas sociais, ou seja, busca significados por eles atribuídos.

Logo, as mulheres foram abordadas neste estudo enquanto sujeitos plurais e singulares conjuntamente, trazendo sua vivência e historicidade, num ambiente de troca, onde a pesquisadora esteve inserida a fim de ir além do escutar, mas do entender processo de envelhecimento por elas narrado.

2.2 Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), no município de Pato Branco-Paraná: lócus da pesquisa de campo

Conforme já exposto anteriormente, Pato Branco é um município brasileiro localizado na região Sudoeste do Paraná, com uma população de 96.602 habitantes, dos quais 9,93% são pessoas idosas — aproximadamente 9.104 indivíduos — segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2022). A cidade se destaca como um centro regional de serviços, com ênfase nos setores da saúde e da educação (Prefeitura de Pato Branco, 2025).

No que se refere à rede socioassistencial, o município conta atualmente com dois Centros de Referência de Assistência Social (CRAS): o CRAS Carolina Ferrari Amadori e o CRAS Paulina Bonalume Andreatta, ambos implantados em 2009 (Figura 1). Além desses, há também um Espaço de Convivência da Pessoa Idosa.

Figura 1 – Localização das Unidades CRAS-Pato Branco



Fonte: Prefeitura de Pato Branco (2024, on-line).

O CRAS Carolina Ferrari Amadori está localizado no Bairro Alvorada, região Sul do município e atende 17 bairros, a saber: Alvorada, Baixada, Bonatto, Cristo Rei, Dal Ross, Gralha Azul, Industrial, Jardim Floresta, Morumbi, Novo Horizonte, Pinheirinho, Santo Antônio, São Cristóvão, São Roque, São Vicente, Sudoeste e Veneza. Os encontros são realizados nas quintas-feiras, das 14h às 16h.

Já na região Oeste encontra-se o equipamento CRAS Paulina Bonalume Andreatta, (Figura 1), localizado no Bairro São João, atendendo seis bairros, a saber: Aeroporto, Alto da Glória, Bela Vista, Pagnoncelli Planalto, São João e Vila Esperança. Os encontros são realizados nas terças-feiras das 14h às 16h.

O CRAS é considerado “a porta de entrada da Assistência Social. É um local público, localizado prioritariamente em áreas de maior vulnerabilidade social, onde são oferecidos os serviços de Assistência Social, com o objetivo de fortalecer a convivência com a família e com a comunidade (Brasil, 2009, p. 9).

Acrescentando,

A partir do adequado conhecimento do território, o CRAS promove a organização e articulação das unidades da rede socioassistencial e de outras políticas. Assim, possibilita o acesso da população aos serviços, benefícios e projetos de assistência social, se tornando uma referência para a população

local e para os serviços setoriais. Conhecendo o território, a equipe do CRAS pode apoiar ações comunitárias, por meio de palestras, campanhas e eventos, atuando junto à comunidade na construção de soluções para o enfrentamento de problemas comuns, como falta de acessibilidade, violência no bairro, trabalho infantil, falta de transporte, baixa qualidade na oferta de serviços, ausência de espaços de lazer, cultural, entre outros. (Brasil, 2009, p. 10)

O público alvo do CRAS é formado por famílias e indivíduos em situação de desproteção, pessoas com deficiência, idosos, crianças retiradas do trabalho infantil, pessoas inseridas no Cadastro Único, beneficiários do Programa Bolsa Família e do Benefício de Prestação Continuada (BPC), entre outros (Brasil, 2009).

Este estudo foi realizado nos dois Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) localizados nos bairros São João e Alvorada, ambos reconhecidos de alta vulnerabilidade social.

2.3 Participantes da pesquisa

Em relação às participantes da pesquisa, apoiamo-nos em Minayo (2015), para a qual, a amostragem, em uma abordagem qualitativa, deve representar a diversidade de participantes, refletindo a totalidade de variadas dimensões do objeto de estudo, logo, o critério não é necessariamente numérico. Portanto, para garantir que as mulheres inseridas nesta pesquisa fossem alcançadas de forma a compreender os objetivos deste estudo, delimitamos a amostra por intencionalidade.

Consideramos como critério de inclusão: mulheres com idade igual ou acima de 60 anos, cadastradas no CRAS dos bairros São João e Alvorada. O Primeiro fica localizado na Zona Norte (CRAS Paulina Bonalume Andreatta) e o outro na Zona Sul (CRAS Carolina Ferrari Amadori).

Nos encontros do CRAS de ambos os bairros, participam em média 20 mulheres. Todas foram convidadas a participar da pesquisa, no entanto, nem todas aceitaram. Das que restaram, uma média de oito mulheres por instituição, foi realizado um sorteio aleatório simples. Assim, de cada unidade em questão, participaram cinco mulheres, totalizando 10 mulheres participantes do estudo.

2.4 Coleta de dados

Dentre os modelos existentes, para a coleta de dados elegemos a entrevista semiestruturada, composta por conjunto de questões previamente definidas, no contexto de uma conversa em que a entrevistadora direciona a conversa quando necessário, fazendo perguntas fora do roteiro que contribuem para a composição do contexto da entrevista, caso o sujeito saia do assunto principal (Minayo, 2015). Objetivando compreender como as mulheres de baixa renda com idade igual ou acima dos 60 anos vivenciam o processo de envelhecer utilizamos um roteiro como forma de coleta de dados (Apêndice A). Iniciamos a coleta de dados utilizando um questionário sociodemográfico construído previamente, com informações sobre: idade, escolaridade, estado civil, identificação técnico racial, com quem mora e renda.

Cabe lembrar que entregamos em cada CRAS participante da pesquisa uma cópia da Carta de apresentação, com a finalidade de informar da entrada da pesquisadora nos equipamentos.

Primeiramente, realizamos um encontro com as cinco mulheres participantes do CRAS Carolina Ferrari Amadori e com as cinco mulheres do CRAS Paulina Bonalume Andreatta (Figura 2). Este encontro foi destinado para a apresentação e esclarecimentos sobre a pesquisa; apresentação da cláusula de confidencialidade; o formato da entrevista; e a participação voluntária, descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Consentimento de uso som e voz (TCUISV) (Anexo B). Após serem assinados pelas participantes e pela pesquisadora, em duas cópias, é que se iniciaram as entrevistas.

Figura 2 – Unidades de CRAS



Fonte: Prefeitura de Pato Branco (2024, p. 13).

A coleta dos dados ocorreu no mês de janeiro de 2025, em um espaço reservado da instituição, com a finalidade de manter o sigilo e evitar qualquer constrangimento. Cada entrevista teve duração média de 40 minutos.

Cabe destacar que todas as entrevistas foram gravadas por meio de um aparelho celular e, posteriormente, fielmente transcritas, de forma a não omitir ou alterar o que foi narrado pelas participantes. Por uma questão de compromisso ético com as entrevistadas, suas identidades foram preservadas mediante o uso de identificadores codificados, como: Idosa 1, Idosa 2, sucessivamente até Idosa 10. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Uso de Imagem e Som de Voz, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, conforme previsto na Resolução n.º 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde – Brasil (2016).

Para atender ao objetivo geral da pesquisa, “analisar como as mulheres participantes do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Pato Branco-

Paraná, vivenciam o processo de envelhecimento” - foram estabelecidos cinco objetivos específicos. Cada um desses objetivos guiou a seleção das categorias analíticas adotadas para interpretar os relatos das entrevistadas.

O primeiro objetivo específico - caracterizar o perfil das mulheres entrevistadas, orientou a construção inicial do questionário e permitiu situar as participantes em seus contextos de vida, compreendendo aspectos como idade, estado civil, escolaridade, número de filhos e inserção em atividades do CRAS.

O segundo objetivo — refletir sobre as lembranças de infância, mocidade e casamento das entrevistadas, buscando compreender se essas experiências influenciaram suas percepções e vivências ao longo do tempo — fundamentou as categorias: Infância, Juventude e Casamento. Essas dimensões revelaram como experiências pretéritas marcaram as percepções e atitudes das mulheres no presente, oferecendo pistas sobre a ressignificação do envelhecimento a partir de suas trajetórias de vida.

O terceiro objetivo, por sua vez, voltado à análise dos espaços de sociabilidade e lazer, foi representado na categoria Espaços de Sociabilidade. Nessa perspectiva, emergiram falas que indicaram a importância de espaços como igrejas, o próprio CRAS e atividades comunitárias na constituição de vínculos sociais e na promoção do bem-estar.

O quarto objetivo, que buscou investigar como as mulheres percebem as mudanças físicas e de saúde ao longo do envelhecimento, incluindo cuidados com o corpo; foi desdobrado nas categorias Doença e Percepções sobre o envelhecimento. Essas categorias possibilitaram compreender como elas avaliam as transformações corporais, suas estratégias de enfrentamento e o autocuidado na velhice.

Por fim, o quinto objetivo, analisar como as mulheres idosas vivenciam o processo de envelhecimento, e suas perspectivas em relação ao futuro. Essas categorias revelaram tanto os sentimentos associados ao envelhecer quanto os sonhos, desejos e planos das entrevistadas.

Vale destacar, que os relatos foram organizados em quadros correspondentes a essas categorias, visando facilitar a visualização dos principais elementos de sentido expressos pelas participantes. As falas diretas, por sua vez, estão distribuídas ao longo do capítulo de Resultados e Discussões, sempre que se mostraram relevantes para aprofundar ou ilustrar as análises construídas a partir dos objetivos da pesquisa.

O Quadro 1 ajuda a visualizar de forma integrada a coerência entre os objetivos da pesquisa, as categorias dos relatos e a estrutura analítica adotada.

Quadro 1 – Objetivos, Categorias de análise e sistematização

Objetivo Específico	Categoria de Análise	Quadro de Sistematização
Caracterizar o perfil das mulheres entrevistadas	Perfil das entrevistadas	Quadro 2 – Dados socioeconômicos e demográficos
Refletir sobre as lembranças de infância, juventude e casamento	Infância, Juventude, Casamento	Quadro 3 – Experiências formativas e afetivas
Analisar os espaços de sociabilidade e lazer	Espaços de Sociabilidade, Lazer	Quadro 4 – Interações sociais e convivência
Investigar percepções sobre mudanças físicas, saúde e cuidados com o corpo	Doença, Autocuidado, Corpo e Saúde	Quadro 5 – Transformações físicas e saúde
Analisar vivências do envelhecimento e perspectivas futuras	Percepções sobre o Envelhecimento, Projetos de Vida e Futuro	Quadro 6 – Sentidos do envelhecer e expectativas

Fonte: Autoria própria (2025).

Conforme Bosi (2023), a entrevista representa mais do que um momento de coleta de dados; trata-se de um encontro que possibilita a formação de laços de amizade. Assim como a amizade, esta relação envolve responsabilidade pelo Outro. Logo, corresponde a um momento de troca, no qual entrevistador e entrevistado serão transformados. Nesse contexto, a entrevista permite um olhar retrospectivo das vivências do passado, conectando presente e passado, possibilitando uma compreensão do vivido e uma visão totalizante.

A entrevista é um dos procedimentos mais utilizados no processo de trabalho de campo, pois pode fornecer dados primários oriundos das informações diretamente construídas no diálogo com o sujeito entrevistado, revelando sua reflexão sobre a realidade que vivencia (Minayo, 2015).

2.5 Análise dos dados

A análise das entrevistas foi amparada pela metodologia de análise de conteúdo, conforme descrito por Minayo (2015). Essa análise conduz as descrições sistemáticas e qualitativas, bem como auxilia na reinterpretação das mensagens e na compreensão de seus significados em um nível que vai além de uma simples leitura.

Primeiramente, realizamos leitura geral e, em seguida, a leitura aprofundada do material. Este processo nos permitiu identificar as falas que correspondiam a cada categoria. Dentro dessas categorias as falas das mulheres idosas entrevistadas foram organizadas em unidades de registro.

Fundamentando-se em Bardin (1977, p. 118), a categorização,

[...] é uma operação de classificação de elementos constitutivo, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classe, que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes.

Segundo a autora citada, a classificação dos elementos em categorias (Quadro 1 a 8), tem a necessidade de investigar o que cada um desses elementos tem em comum para que assim ocorra o agrupamento da parte comum entre eles. Assim, a categorização teria duas etapas: “o inventário: isolar os elementos” e a “classificação: repartir os elementos, e, portanto, procurar ou impor uma certa organização às mensagens” (Bardin, 1977, p. 118).

As entrevistas foram gravadas em áudio com a autorização das participantes por meio da assinatura do TCLE, conforme já mencionado. Posteriormente, os áudios foram transcritos integralmente de forma manual, com o auxílio de um aplicativo de gravação de voz, seguido de revisão para assegurar a fidelidade e a clareza das falas. A seguir, as transcrições passaram por uma leitura atenta e criteriosa, a fim de organizar os dados de acordo com as categorias de análise previamente definidas.

As falas das entrevistadas, identificadas eticamente com os codinomes “Idosa 1” a “Idosa 10”, serão inseridas ao longo do Capítulo de Resultados e Discussões, de modo articulado com as análises temáticas e com os objetivos da pesquisa, sempre que consideradas relevantes para aprofundar ou ilustrar os achados.

Adicionalmente, os Quadros 2, 3, 4, 5 a 6 apresentam a sistematização das mensagens principais de cada participante, organizadas conforme os elementos centrais identificados nas categorias analíticas. Essa organização objetivou facilitar a visualização dos conteúdos emergentes, sem substituí-los pelas falas diretas, que permanecem distribuídas ao longo da análise.

Quadro 2 – Dados socioeconômicos e demográficos

Nome	Idade	Escolaridade	Estado civil	Identificação Étnico-racial	Mora com quem?	Renda	N. de filhos	Religião
Idosa 1	66	5º série	Viúva	Parda	Mora sozinha	Aposentada por invalidez	08	Evangélica
Idosa 2	88	Sem instrução	Viúva	Parda	Mora sozinha	BPC	10	Católica
Idosa 3	93	4º série	Viúva	Parda	Mora sozinha	Pensão	12	Católica
Idosa 4	63	2º série	Solteira	Branca	Mora com filho	Bolsa Família	03	Católica
Idosa 5	64	4º série	Casada	Branca	Mora com esposo	BPC	10	Evangélica
Idosa 6	75	4º série	Viúva	Branca	Mora sozinha	Pensionista	02	Católica
Idosa 7	81	Mobral	Viúva	Branca	Mora sozinha	Aposentada (professora) + 2 Pensão	03	Católica
Idosa 8	77	Sem instrução	Solteira	Parda	Mora com filho	Aposentada	04	Católica
Idosa 9	64	4º série	Casada	Branca	Mora com duas netas	BPC	03	Evangélica
Idosa 10	65	1º série	Amigada	Parda	Mora com esposo e filha especial	Renda do esposo	04	Católica

Fonte: Autoria própria (2025).

Quadro 3 – Experiências formativas e afetivas

Categoria de Análise: Infância	
Idosa 1	Pobreza e sofrimento
Idosa 2	Pobreza e sofrimento
Idosa 3	Pobreza com alegria
Idosa 4	Não tem lembranças
Idosa 5	Pobreza com alegria
Idosa 6	Feliz
Idosa 7	Pobreza com alegria
Idosa 8	Pobreza e sofrimento
Idosa 9	Feliz
Idosa 10	Pobreza e sofrimento
Categoria de Análise: Juventude	
Idosa 1	Pobreza e sofrimento
Idosa 2	Pobreza e sofrimento
Idosa 3	Pobreza com alegria
Idosa 4	Pobreza e sofrimento
Idosa 5	Pobreza e alegria
Idosa 6	Feliz
Idosa 7	Feliz
Idosa 8	Pobreza e sofrimento
Idosa 9	Feliz
Idosa 10	Pobreza e sofrimento

Categoria de Análise: Casamento	
Idosa 1	1º casamento: convivência com sofrimento 2º casamento: boa convivência
Idosa 2	Pobreza e boa convivência
Idosa 3	Pobreza e boa convivência
Idosa 4	Convivência com sofrimento
Idosa 5	Boa convivência.
Idosa 6	Convivência harmoniosa
Idosa 7	Convivência harmoniosa com os dois maridos
Idosa 8	Convivência com sofrimento
Idosa 9	Convivência harmoniosa
Idosa 10	Convivência com sofrimento*** Infeliz

Fonte: Autoria própria (2025).

Quadro 4 – Interações sociais e convivência com os filhos

Categoria de Análise: Interações Sociais	
Idosa 1	Vou na igreja evangélica, CRAS e nos vizinhos
Idosa 2	Vou na igreja católica e no CRAS
Idosa 3	Vou na igreja católica e no CRAS
Idosa 4	Vou na igreja católica e no CRAS
Idosa 5	Vou na Igreja evangélica e no CRAS
Idosa 6	Vou na igreja católica e no CRAS
Idosa 7	Vou na igreja católica e no CRAS
Idosa 8	Vou na igreja católica no CRAS e no c
Idosa 9	Vou na Igreja evangélica e no CRAS
Idosa 10	Vou na igreja católica, CRAS e no céu das artes
Categoria de Análise: Convivência com Filhos	
Idosa 1	Boa convivência. *** Exceto com 1 filho preso devido a drogas e a bebidas
Idosa 2	Boa convivência
Idosa 3	Boa convivência.*** Exceto com 1 filho apresenta sinal de desequilíbrio
Idosa 4	Boa convivência com filhos. Exceto com 1 filho preso devido a drogas.
Idosa 5	Boa convivência com filhos. Exceto com 1 filho preso devido a drogas.
Idosa 6	Convivência harmoniosa
Idosa 7	Convivência harmoniosa
Idosa 8	Convivência harmoniosa *** Exceto com 1 filho que é alcoólatra
Idosa 9	Convivência harmoniosa
Idosa 10	Convivência desarmoniosa

Fonte: Autoria própria (2025).

Quadro 5 – Transformações físicas e saúde

Categoria de Análise: Doença	
Idosa 1	Problema de estômago, hérnia, diabetes, vesícula e respiratório (tuberculose) e ataque epilético
Idosa 2	Problema de respiração (Asma)
Idosa 3	Problema de coração, pressão alta e irritabilidade
Idosa 4	Surda de um ouvido e dependência alcoólica
Idosa 5	Boa saúde
Idosa 6	Boa saúde
Idosa 7	Boa saúde
Idosa 8	Boa saúde
Idosa 9	AVC, com paralisia facial e teve câncer labial
Idosa 10	Depressão

Fonte: Autoria própria (2025).

Quadro 6 – Sentidos do envelhecer e expectativas

Categoria de Análise: Sentido do envelhecer	
Organização das mensagens	
Idosa 1	Não se considera idosa, pois tem autonomia (faz atividades do lar)
Idosa 2	Considera-se idosa, pois há limitação para os afazeres do lar
Idosa 3	Considera-se idosa e feliz
Idosa 4	Não se considera idosa, pois tem autonomia (faz atividades do lar)
Idosa 5	Não se considera idosa, pois tem autonomia (faz atividades do lar)
Idosa 6	Considera-se idosa
Idosa 7	Considera-se idosa de idade, *** mas não de cabeça
Idosa 8	Considera-se idosa. Quem é feliz não se torna idoso
Idosa 9	Não se considera idosa, pois busca a felicidade. ***Idoso aquele que não tem autonomia
Idosa 10	Não se considera idosa. Idosa é não ter autonomia
Categoria de Análise: Expectativa	
Idosa 1	Ganhar na tele sena; ajudar os filhos financeiramente, terminar a reforma da casa
Idosa 2	Ter saúde
Idosa 3	Poder se aposentar
Idosa 4	Ter um companheiro e andar de avião.
Idosa 5	Reformar a casa para recolher os filhos
Idosa 6	Ver os filhos felizes e ter uma morte tranquila sem sofrer
Idosa 7	Erguer os seios e nunca perder a autonomia
Idosa 8	Reformar a casa e passear
Idosa 9	Reformar a casa ou comprar outra que seja em um lugar mais alto
Idosa 10	Separar-se do marido e reformar a casa

Fonte: Autoria própria (2025).

Haja vista o exposto, a organização metodológica adotada neste estudo possibilitou a sistematização dos dados obtidos nas entrevistas e a valorização das vozes das mulheres idosas participantes, respeitando sua singularidade e garantindo a ética na pesquisa. A articulação entre as falas e as categorias analíticas viabilizou uma leitura sensível e crítica das experiências de envelhecimento, contribuindo para a compreensão ampliada das condições sociais, afetivas e simbólicas que permeiam suas trajetórias de vida e suas perspectivas no contexto urbano de Pato Branco.

2.6 Procedimentos éticos

Esclarecemos que este estudo foi conduzido com base nos princípios éticos estabelecidos para pesquisas com seres humanos, conforme orientações da Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as investigações nas áreas das Ciências Humanas e Sociais. Foram assegurados o respeito à dignidade, à autonomia das participantes, a confidencialidade das informações coletadas e o consentimento livre e esclarecido.

Todas as participantes foram devidamente informadas sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos metodológicos, os possíveis desdobramentos da investigação e seu caráter voluntário e não intervencionista. Após esses esclarecimentos, cada uma assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando sua participação e o uso das informações fornecidas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. O anonimato foi garantido por meio da adoção de codinomes numéricos (Idosa 1 a Idosa 10) para preservar a identidade das entrevistadas.

A decisão de não submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) baseou-se na natureza exploratória da investigação, na ausência de riscos físicos, psíquicos ou sociais às participantes, e em razão de que as entrevistas foram realizadas com mulheres idosas que já estavam inseridas, de forma espontânea e contínua, em atividades promovidas por serviços públicos regulares — notadamente os Centros de Referência de Assistência Social. Além disso, a escuta realizada teve caráter não diretivo, priorizando o acolhimento das narrativas e experiências de vida sem qualquer forma de indução, intervenção ou manipulação dos relatos.

Reitera-se, assim, o compromisso com a ética na pesquisa e a responsabilidade social do projeto, que buscou, em todas as etapas, adotar uma postura ética, respeitosa e sensível às trajetórias e vivências das mulheres idosas participantes.

No Quadro 7, apresentamos uma síntese do capítulo, cuja finalidade é facilitar a compreensão do leitor dos aspectos metodológicos adotados nessa dissertação. No referido quadro consta o local do estudo, caracterização da pesquisa, participantes, instrumento de coleta de dados, método de análise e procedimentos éticos adotados na pesquisa.

Quadro 7 – Síntese do capítulo metodológico

Local do Estudo	Centro de Referência de Assistência Social, localizado em Pato Branco/PR
Caracterização da Pesquisa	Pesquisa exploratória com abordagem qualitativa
Participantes da Pesquisa	10 Mulheres com idade igual ou acima de 60 anos
Instrumento de Coleta de Dados	Entrevista semiestruturada
Método de Análise das entrevistas	Análise de Conteúdo
Procedimentos Éticos	- Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) - Termo de consentimento de uso de imagem, som e voz (TCUISV)

Fonte: Autoria própria (2023).

No próximo capítulo apresentamos o referencial teórico utilizado no estudo, que posteriormente servirá de alicerce para análise das entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa.

3 OLHARES SOBRE VELHICE E ENVELHECIMENTO – A VELHICE PARA MULHERES

Para responder ao objetivo geral proposto nesta pesquisa que consiste em investigar como as mulheres participantes do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Pato Branco-PR vivenciam o processo de envelhecimento. O capítulo foi composto por três momentos. No primeiro, abordamos conceitos de velhice, no segundo momento, abordamos conceitos de envelhecimento, numa perspectiva biológica, psicológica, cultural, econômica e social. No terceiro momento, contextualizamos o envelhecimento feminino no Brasil, priorizando os aspectos estatísticos baseados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022).

3.1 Conceitos de Velhice e Envelhecimento

Para compreendermos as vivências das mulheres participantes dos Centros de Referência de Assistência Social de Pato Branco-PR, diante do processo de envelhecimento, é imprescindível distinguirmos os conceitos de velhice e envelhecimento. Embora frequentemente relacionados, ambos possuem características próprias e requerem reflexões específicas, sendo importante abordar suas particularidades para elucidar as vivências dessas mulheres com profundidade e sensibilidade.

3.1.1 Velhice

Os primeiros discursos, em relação à velhice, tratavam o envelhecimento orgânico, visto como desgaste fisiológico. Contudo, a partir de Beauvoir o entendimento sobre a velhice, no decorrer dos anos, alterou-se expressivamente, haja vista que - velhice e envelhecer- envolvem uma multiplicidade de fatores internos e externos ao próprio processo, em sua totalidade. Beauvoir (2018, p. 28) assevera que “O envelhecimento para a medicina não pretende mais atribuir uma causa ao envelhecimento biológico: ela o considera inerente ao processo da vida, do mesmo modo que o nascimento, o crescimento, a reprodução, a morte”. Para a autora, o sentido e o valor, atribuídos à velhice, oscilam com as sociedades e se apresenta como um fato trans-histórico, promovendo certo número de reações semelhantes.

As sociedades ocidentais foram historicamente dominadas pelos homens. Conforme, Beauvoir (2018), as mulheres jovens e velhas podiam até pleitear autoridade no recinto da vida privada, porém, na vida pública isso ocorria em proporções bem menores. Contrariamente, o papel do homem alterava-se com o tempo, exercendo as etapas da vida como jovem, adultos e velhos,

Já que o destino da mulher é ser aos olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia, ela perde o lugar que lhe é destinado na sociedade: torna-se um monstro que suscita repulsa e até mesmo medo; do mesmo modo que para certos primitivos, ao sair da condição humana, a mulher expecta um caráter sobrenatural: é uma bruxa, uma feiticeira com poderes sobrenaturais. (Beauvoir, 2018, p. 152)

A representação negativa da mulher idosa é revelada em contos escritos pelos irmãos Grimm, que registraram e preservaram história e lendas da Idade Média, nos quais,

[...] a mulher velha – cuja feminilidade já a torna suspeita – é sempre um ser maléfico. Se alguma vez pratica o bem, é que, na verdade, seu corpo não passa de um disfarce – do qual se despoja, aparecendo como uma fada resplandecente de juventude e de beleza. As verdadeiras velhas são – como nos poetas latinos – fêmeas de ogros, feiticeiras malvadas e perigosas. A misoginia da Idade Média se exprime em todos os personagens de velhas mulheres que encontramos na literatura: das fábulas satíricas. (Beauvoir, 2018, p. 168)

Ainda, para a autora o processo de envelhecimento ocorre de forma mais avassaladora para as mulheres. O envelhecer, para elas, denota a perda da capacidade de reprodução, sedução, o frescor da mocidade – que oferece a proteção dos homens – e o medo de perder essa proteção deixa a mulher insegura, em uma sociedade onde ela é apenas vista pela sua mera função de fêmea. Por conseguinte,

A história da mulher – pelo fato de se encontrar ainda encerrada em suas funções de fêmea – depende muito mais que a do homem de seu destino fisiológico. Todo período da vida feminina é calmo e monótono: mas as passagens de um estágio para outro são de uma perigosa brutalidade; evidenciam-se através de crises muito mais decisivas do que no homem: puberdade, iniciação sexual e menopausa. Enquanto ele envelhece de maneira contínua, a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade, de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade: cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca da metade de sua vida adulta. (Beauvoir, 2018, p. 343)

Birman (1997, p. 42) destaca que “o climatério coloca as mulheres numa situação limite desta ordem, na medida em que perdem a potencialidade geracional”, ao mencionar às limitações na velhice, igualmente pela perda das características estéticas e eróticas. Sob este mesmo prisma, Debert (1994) relata que as mulheres na velhice experimentam uma situação de dupla vulnerabilidade, somado ao peso de dois tipos de preconceito - a mulher e a idosa. Desse modo, a mulher, praticamente em todas as sociedades, é valorizada tão somente por sua função reprodutiva e pelo cuidado do lar, assim, as desconsiderações marcariam sua passagem antecipada à velhice.

Essa passagem, antes da referência cronológica, seria marcada por uma variedade de ocorrências associadas às perdas, como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade. “Nas sociedades ocidentais contemporâneas a esse conjunto de perdas deve se somar o subemprego os baixos salários o isolamento e a dependência que caracterizariam a condição das mulheres de mais idade” (Debert, 1994, p. 1).

Portanto, a mulher, considerada um ser designado à reprodução, tem sua vivência caracterizada por uma realidade de submissão. Além disso, ela tem como o centro de sua vida, o lar, servindo aos cuidados dos filhos e esposo. Beauvoir (2018) afirma que muitas das preocupações emocionais, econômicas e físicas enfrentadas pelas mulheres idosas, geralmente, são negligenciadas por uma sociedade que supervaloriza a juventude, a produção e o lucro.

Para Souza (2013, p. 32), as mulheres têm sido objeto de preconceitos que foram endurecidos em papéis sociais estereotipados, como exemplo, “ser mãe”, “cuidado com o ambiente doméstico e com a família”. Esses estereótipos podem ser mais agressivos quando são encaminhados para as mulheres que socialmente são consideradas velhas, porque além de serem mulheres e “deverem” cumprir e se adequarem aos padrões impostos pela sociedade, estão em uma fase da vida entendida como o “fim da linha” para muitas pessoas. É importante ter em mente, que apesar de estarem em um processo de envelhecimento há uma forte influência das relações de poder entre os gêneros no cotidiano de homens e mulheres.

Para compreendermos a problemática da velhice, faz-se necessário defini-la. Sendo assim,

[...] A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras, o que é

envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Um tal paradoxo desconhece a essencial verdade da vida; esta é um sistema instável no qual, cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é sinônimo de morte. Mudar é a lei da vida. (Beauvoir, 2018, p. 17)

Assim como gênero, a velhice também é uma construção social, relacional que faz com que mulheres e homens se identifiquem a partir de suas vivências e experiências em seu contexto social determinado. “Portanto, assim como os indivíduos se identificam como homens ou mulheres, eles também se veem ou não como velhos, ou vivenciando uma fase da vida denominada por “velhice” (Souza, 2013, p. 27).

O envelhecimento, a partir da visão da idade biológica, ocorre desde o momento em que nascemos, “no plano biológico, a noção de declínio tem um sentido claro” (Beauvoir, 2018, p. 21). De outra forma, o organismo humano começa a declinar, como salienta a autora, quando suas oportunidades de subsistir se encurtam. Neste sentido, a velhice é o resultado de um processo integral e amplo de mudanças biológicas, psicológicas, culturais, econômicas e sociais, a qual todo o indivíduo passará ao longo de sua existência, com suas vivências individuais e plurais.

Portanto, “a velhice não é um fato estático, é o término e o prolongamento de um processo” (Beauvoir, 2018, p. 14), que é amplo e pode ser definido como “envelhecimento”. Corroborando essa perspectiva,

[...] é a condição social que determina como o homem é surpreendido na velhice [...], um abismo separa o velho escravo e o velho eupátrida, um antigo operário que vive com uma pensão miserável e um Onássis. [...] se trata de duas categorias de velhos(as), dos explorados e dos exploradores, sendo que toda afirmação que pretenda homogeneizar a velhice, fazendo-a única, deve ser desconsiderada, pois pretende mascarar essa diferença. (Beauvoir, 2018, p. 17)

Dessa forma, enfatiza-se a diversidade da velhice, não somente os aspectos biológicos, psicológicos, culturais, econômicos e sociais, mas também o diferencial de classes, afirmando categoricamente, que apesar das possíveis semelhanças, a velhice apresenta uma grande distância entre o(a) velho(a) rico(a) e o(a) velho(a) pobre. E essa diferença se estrutura no percurso de vida das pessoas, abrangendo suas vivências, possibilidades e limitações. Logo, as condições econômicas e sociais determinam as condições materiais de vida e existência das pessoas, especialmente,

a maneira como vivenciam sua velhice, ficando de fora os hábitos e estilos de vida saudáveis.

Conforme Debert (1999), a velhice já foi concebida como uma categoria social, sinalizada pela decadência física e pela invalidez, porém, com os novos direitos adquiridos essa categoria passa a ter sua importância social, avançando consideravelmente sobre a temática. É possível perceber essa mudança, principalmente, nas décadas de 1960 e 1970, períodos onde a velhice ganha significado e visibilidade social. Em relação à idade cronológica, a autora se posiciona afirmando,

Que a idade cronológica é fundamentada num sistema de datação que estavam ausentes em grande parte das sociedades não-ocidentais e que são nas sociedades ocidentais, um mecanismo básico de atribuição de *status* (maioridade legal), de definição de papéis ocupacionais (entrada no mercado de trabalho), de formulação de demandas sociais (direito à aposentadoria). (Debert, 1999, p. 46)

Acrescentando,

Nas sociedades ocidentais, é determinada por um aparato cultural, um sistema de datação, independente e neutra em relação à estrutura biológica e à incorporação dos estágios de maturidade. Os critérios e normas da idade cronológica são impostos nas sociedades ocidentais não porque elas disponham de um aparato cultural que domina a reflexão sobre os estágios de maturidade, mas por exigência das leis que determinam os deveres e direitos do cidadão. (Debert, 1999, p. 47)

Debert (1999) salienta que devido às leis determinarem os direitos e deveres dos cidadãos, em específico, no Brasil a lei considera idosa a pessoa acima de 60 anos, não considerando sua idade biológica, somente a cronológica (Brasil, 2003/2022). Desse modo, deliberando quando uma pessoa se torna “velha” com o direito à aposentadoria. Isto posto, convém esclarecer o significado de idade cronológica e idade biológica,

A idade **cronológica**, calcula a passagem do tempo que se passou em dias, meses e anos desde o nascimento, é um dos meios mais habituais e simples de conseguir informações sobre uma pessoa. A idade **biológica** é definida pelas alterações corporais e mentais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento e caracterizam o processo de envelhecimento humano. (Dardengo; Mafra, 2018, p. 11)

De tal modo, o encontro entre tempo, experiência e a reflexão sobre ambos abriga uma visão heterogênea de velhice – que vai muito além de números e cronologias. Com bem esclarece Minayo (2011, p. 11),

pois, a velhice não constitui uma propriedade substancial que os indivíduos adquirem com o avanço do tempo biológico. As marcas do tempo são reais e podem ser reconhecidas por sinais externos do corpo. Mas tais sinais são apropriados e laborados simbolicamente por todas essas sociedades e pelos próprios sujeitos, em rituais que definem nas fronteiras etárias, um sentido político organizador do sistema social.

Neste sentido, o conceito de velhice vai além da questão cronológica, devendo considerar os diversos momentos históricos e as diferentes sociedades. No que se refere, aos aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos, esses são imprescindíveis para a compreensão da velhice e do processo de envelhecimento.

A última etapa da vida é conceituada pelo termo velhice, momento em que pode haver privações sociais, culturais e/ou psicomotoras (Debert, 1998; Bosi, 2023). No entanto, apesar de todos os esforços, não foi/é possível estabelecer o conceito de velhice, sobretudo, devido às contínuas transformações ao longo da história e seus significados.

Fraiman (2004, p. 14), em sua obra “Coisas da Idade”, demonstrou conformidade com a visão de Beauvoir, concernente aos termos velhice e envelhecimento entendendo que, de fato, são termos distintos que merecem atenção ao serem citados. Para ela, o velho é aquele que tem muitos anos de vida e uma vasta experiência acumulada, sendo que o envelhecer “não é somente um ‘momento’ na vida de um indivíduo, mas um ‘processo’ extremamente complexo e pouco conhecido, com implicações tanto para quem o vivencia, como para a sociedade que o suporta ou assiste a ele”. De outro modo, envelhecer não se trata um processo individual, sendo por sua vez social e coletivo. Os significados para os velhos se dão em sociedade e afetam sua própria identidade individual.

3.1.2 Envelhecimento

Entender como ocorre o envelhecimento, enquanto processo, é fundamental para repensar as construções acerca do envelhecer e, assim, atribuir ao envelhecimento da mulher aquilo que ele realmente representa: uma etapa da vida. Esse tema nos coloca diante de um cenário que nos remete fragilidade, além disso, nos coloca diante de inúmeros aspectos que escapam do nosso controle.

É inegável o fato que “envelhecer não afeta somente a mudança da nossa aparência, traz comprometimentos físicos, perda da independência, envolve aspectos emocionais, financeiros e cognitivo. Infinitos são os aspectos que tornam esta etapa delicada”. (Vieira, 2022, p. 20). Por isso, o debruçar sobre os discursos que envolvem o envelhecimento feminino “é se deparar com processos de perdas e emancipação e ainda transformações culturais que colocam em debate o corpo da mulher e seu valor na sociedade” (Vieira, 2022, p. 22).

O envelhecimento pode ser definido sob diferentes perspectivas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) (2011) define envelhecimento como “um processo sequencial, individual, acumulativo, irreversível, universal, não patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio-ambiente e, portanto, aumente sua possibilidade de morte”. Assim,

o envelhecimento é um grupo socialmente produzido. O significado real das mudanças que ocorrem no envelhecer é singular, devido aos processos de construção social, como a interferência de processos discriminatórios e de exclusão, ligados ao gênero, à etnia, às condições sociais e econômicas, à região geográfica de origem e à localização de moradia, entre outros. (Pasqual, 2015, p. 11)

O conceito de envelhecimento envolve a compreensão dos fatores culturais, políticos e econômicos, bem como dos valores, preconceitos e símbolos que marcam a história das sociedades, sendo assim um processo dinâmico (Dardengo; Mafra, 2018). Para Souza (2013, p. 35), o envelhecimento, deve ser compreendido “a partir de uma ótica que ao mesmo tempo seja coletiva e individual, visto que nosso corpo é o reflexo de três dimensões que se complementam e se interpenetram, a política, a social e a individual”.

Nesta perspectiva, entendemos que envelhecimento:

[...] é um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte. (Papaléo Netto, 2002, p. 10)

Dentro de uma perspectiva biogerontológica, Papaléo Netto (2002, p. 10) formulou uma definição de envelhecimento nos seguintes termos:

O envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão

intimamente relacionados. [...] o envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte.

Em relação ao envelhecimento, Beauvoir (2018, p. 15) define como sendo,

Um processo progressivo de mudança desfavorável, geralmente ligado à passagem do tempo, tornando-se aparente depois da maturidade e desembocando invariavelmente na morte. [...] O envelhecimento não representa apenas um fato biológico, representa também um fato cultural. Com esta perspectiva, o envelhecimento é vivido de maneira variável segundo o contexto social. Por isso, para compreender sua realidade e o seu significado, é indispensável examinar qual o lugar atribuído aos velhos e qual a sua imagem em diferentes épocas e em diferentes lugares.

Com isso, quando as pessoas são indagadas sobre a designação “velho”, em geral, associam a uma idade específica ou alguns sinais, como cabelos brancos, rugas ou flacidez na pele. Em muitas situações o envelhecimento está vinculado aos pontos biológicos, desconsiderando outros elementos, como as histórias de vida, vivências e sentimentos. Essas interpretações superficiais desconsideram que, em cada momento da história de vida — seja na velhice, infância ou juventude, “é uma concepção absoluta sobre o processo da existência da pessoa”. Considera-se, portanto, que os momentos da vida são construções sociais passíveis de transformação, de acordo com a época, a cultura, os aspectos econômicos, políticos e a organização social em que estão inseridos (Birman, 1997, p. 191).

Pode-se inferir, então, que o envelhecimento representa um declínio e desencadeia uma consequência econômica ao envelhecido, torna-o improdutivo. Desse modo, para determinadas pessoas, o envelhecimento inicia-se aos 40 anos, já para outros, aos 80 anos. O termo atribuído a pessoa envelhecida passou por várias nomenclaturas como velho, idoso e terceira idade. O sentido negativo do vocábulo “velho” é discutido pela antropologia, sociologia, história e gerontologia. Na contemporaneidade, o termo “velho” começa a ser substituído por idoso ou terceira idade. Outrossim,

a tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento, A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para as novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em

outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. (Debert, 1999, p. 14)

Convém destacar, que a “terceira idade é uma nova categoria social que assinala o envelhecimento ativo e independente” (Pasqual, 2015, p. 12). No envelhecimento ativo, o sujeito participa no contexto sociocultural no qual está inserido, portanto, é independente, e capaz de conduzir sua vida, tomar decisões e desempenhar seus direitos e deveres enquanto cidadão. O sujeito ativo participa de sua comunidade, com liberdade para viver seu próprio estilo de vida. Na compreensão do envelhecimento ativo, adultos e jovens reconhecem esta etapa como o seu próprio processo de envelhecer (Ferreira *et al.*, 2012).

Considerando que os conceitos, acima elencados, envolvem velhice e envelhecimento, pode ser observado que existem variedades e diferenças entre esses conceitos. Logo, o envelhecimento é um processo, já a velhice é uma etapa do ciclo da vida, onde o idoso passa a ser percebido como um sujeito social em mudança constante. Esse processo é completado com a morte (Dias, 1998).

3.2 Envelhecimento Feminino no Brasil

O envelhecimento populacional é um fenômeno que tem se manifestado de forma marcante nas últimas décadas. Estando associado a mudanças significativas em várias esferas da sociedade, incluindo demografia, biologia, economia e comportamento. Em termos demográficos, o envelhecimento populacional refere-se ao aumento do número de pessoas idosas em comparação com a população jovem. Um dos indicadores-chave para avaliar esse processo é a razão entre a população idosa e a população jovem. Essa proporção é calculada como o número de pessoas com 60 anos ou mais para cada 100 pessoas com idades entre 0 e 14 anos (Dardengo; Mafra, 2018).

No Brasil, as mulheres são designadas institucionalmente como pessoas idosas, a partir dos 60 anos, considerando a conceituação a partir do Estatuto do Idoso, Lei n.º 10.741/2003/2022, em seu Art. 1º (Brasil, 2003/2022). Beauvoir (2018, p. 111), na obra “Velhice”, buscou acabar com silêncio em torno do tratamento que os velhos recebiam na sociedade. A autora revelou que estudar a condição da velhice é uma tarefa árdua, porquanto, a imagem que se faz em torno da velhice nas mitologias, na iconografia e na literatura oscila de acordo com os lugares. “A história, assim como

a literatura, passa por eles radicalmente em silêncio. A velhice não é, numa certa medida, desvendada, senão nos seios das classes privilegiadas”.

Destarte, sobre a velhice da mulher, Beauvoir (2018) enfatiza que, enquanto experiência pessoal, a velhice diz respeito tanto aos homens quanto às mulheres, mesmo que elas comumente vivam mais. Entretanto, quando se trata a velhice como objeto de especulação, considera-se, principalmente, a condição dos machos, porque são eles revelados pelos livros e pelas lendas.

Na atualidade, estamos diante do aumento populacional das pessoas idosas, especialmente, no que tange a maior expectativa de vida das mulheres, em comparação aos homens. Em 2022, a expectativa de vida ao nascer no Brasil foi de 75,5 anos, com uma média de 79,0 anos para mulheres e 72 anos para homens (IBGE, 2022).

Essa realidade nos convida a refletir sobre as transformações que vem ocorrendo na vida desses sujeitos, especialmente, das mulheres. Nesta perspectiva, é imprescindível reavaliar os fatores, biopsicossociais, econômicos e políticos para exaltar a condição da mulher idosa. A Tabela 1 apresenta dados relevantes sobre a população brasileira (em milhares), por sexo e taxa de crescimento entre 1900-2021 (século XIX, XX e XXI).

Tabela 1 - População brasileira (em milhares), por sexo, taxa de crescimento e percentagem de mulheres: 1900-2021

Ano	Total	Crescimento anual %	Homem	Mulher	% Mulher
1900	17 438	2,0	8 901	8 538	49,0
1920	30 636	2,9	15 444	15 192	49,6
1940	41 236	1,5	20 614	20 622	50,0
1950	51 944	2,3	25 885	26 059	50,2
1960	70 191	3,1	35 060	35 132	50,1
1970	93 139	2,9	46 327	46 808	50,3
1980	119 003	2,5	59 143	59 868	50,3
1991	146 825	2,1	72 485	74 340	50,6
2000	169 799	1,5	83 576	86 223	50,8
2010	190 756	1,2	93 407	97 349	51,0
2022	203.080.756		98.532.431	104.548.325	51,5

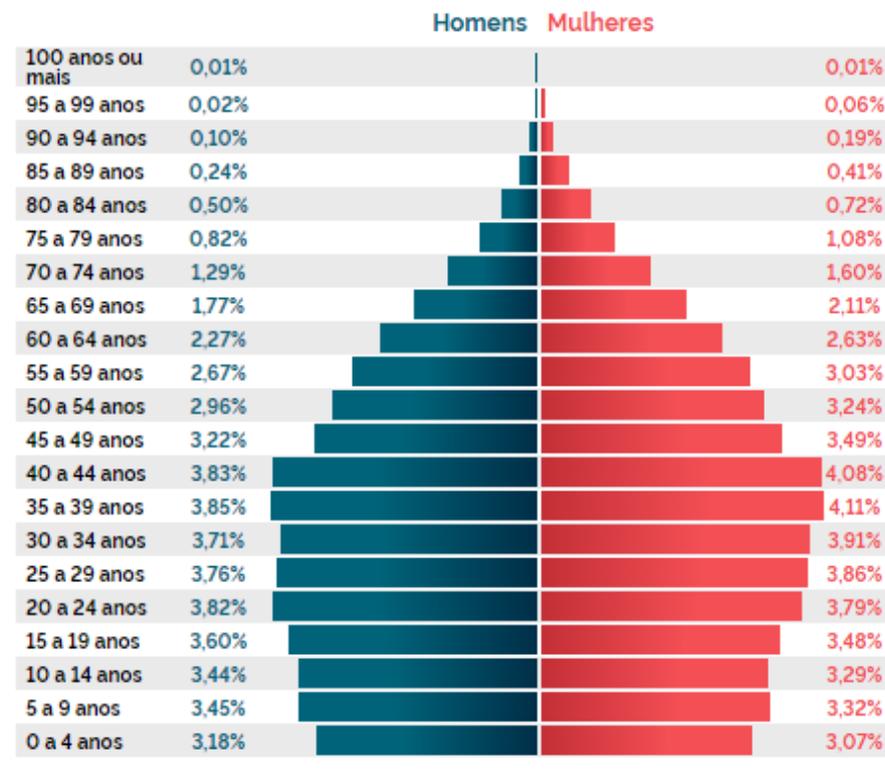
Fonte: Baseado em IBGE (2022).

Entre o período de 1940 e 1960 a população brasileira experimentou um aumento em seu ritmo de crescimento anual, de 1,5% ao ano na década de 1940,

para 3,1% na década de 1960. Por sua vez, a partir de 1960 o ritmo anual do crescimento populacional começou a desacelerar, passando de 3,1% para 2,1% na década de 1990. Desse modo, pode-se aferir que anteriormente existiam altas taxas de fecundidade e mortalidade, já a partir da década de 1940 houve uma redução nessa fecundidade, por outro lado, houve um aumento na longevidade, fazendo com que aumentasse o número de idosos (IBGE, 2022). Para Neri e Debert (1999, p. 13), “essa transição se deu sobretudo, a um declínio da mortalidade, trazido por um ganho de dez anos na esperança de vida ao nascer”.

Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), o pelo último Censo Demográfico, ano de 2022, o Brasil apresentou o maior salto de envelhecimento entre censos. A idade mediana do brasileiro passou de 29 anos em 2010 para 35 anos em 2022. Em 2010, a cada 30,7 idosos (65 anos ou mais), o país tinha 100 jovens de até 14 anos. Agora, são 55 idosos para cada 100 jovens. O país foi considerado, ao longo da sua história, um país jovem, porém, esse conceito de “juventude” está sendo ultrapassado como é possível constatar nos dados presentes no Figura 3.

Figura 3 – Pirâmide Etária



Fonte: IBGE (2022, on-line).

Estima-se que, em 2025, serão 64 milhões de velhos, e no ano de 2050, um em cada três brasileiros será idoso, representando aproximadamente 29,7% da população (IBGE, 2022). Assim, constata-se que o processo de envelhecimento e velhice se apresentam como um dos principais desafios do século XXI, tornando uma problemática mundial.

Com o aumento da expectativa de vida, o Brasil passa por um período de transição demográfica, havendo um maior número de mulheres do que de homens com idade avançada, fenômeno conhecido como a feminização da velhice. Verifica-se, portanto, que o envelhecimento populacional ocorre devido à queda da taxa de natalidade e do aumento da longevidade.

Em vista disso, nessa dissertação, conforme já mencionado, considera-se a mulher idosa aquela a partir de 60 anos, conforme elencado pelo Estatuto da Pessoa Idosa (2003/2022), que em seu Art. 1º, afirma que é “destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior aos 60 sessenta anos” (Brasil, 2003, on-line). Assim, entendo que ao trabalharmos o envelhecimento feminino sob o olhar da mulher idosa é preciso escutar as suas histórias. Para isso, é necessário, a partir das suas falas, analisar: a infância; juventude; casamento; convivência com os filhos; convivência familiar; espaços de sociabilidade; convívio com outros grupos etários; analisar seus projetos de vida; e suas percepções sobre o envelhecimento.

Na contemporaneidade, o envelhecimento populacional — especialmente da parcela da população com 60 anos ou mais, conforme definição estabelecida pelo Estatuto da Pessoa Idosa (Lei n.º 10.741/2003, com alterações em 2022), configura uma nova realidade social, marcada por índices demográficos inéditos na história recente. Esse fenômeno tem exigido revisões conceituais e normativas, a fim de assegurar a efetivação dos direitos dessa população em constante expansão.

Nesse contexto, em 2022, a referida lei foi alterada pela Lei n.º 14.423, cuja principal modificação consistiu na substituição do vocábulo “idoso” por “pessoa idosa” em todo o seu conteúdo normativo. A mudança terminológica tem como objetivo adotar uma linguagem mais inclusiva e respeitosa, em consonância com os princípios da dignidade da pessoa humana, ao reconhecer que o uso isolado do termo “idoso” pode carregar conotações reducionistas ou excludentes em relação à identidade e aos direitos desse grupo etário.

Esse novo panorama etário tem alterado de forma inédita a composição da pirâmide populacional, com a faixa acima dos 60 anos representando um maior crescimento populacional. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) (2022), o envelhecimento populacional está acontecendo em ritmo acelerado mundialmente. No ano de 2022, o mundo apresentou 1,1 bilhão de pessoas idosas, sendo doze países mais significantes, por ordem decrescente, a saber: China (264,7 milhões); Índia (148,7 milhões); Estados Unidos da América (79,3 milhões); Japão (44,4 milhões); Rússia (32,9 milhões); Brasil (31,5 milhões); Indonésia (29,9 milhões); Paquistão (15,9 milhões); Bangladesh (15,8 milhões); México (15,5 milhões); Nigéria (10,4 milhões); e Etiópia (6,1 milhões).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), a população brasileira totaliza 203.080.756 habitantes, dos quais 104.548.325 são mulheres (51,5%) e 98.532.431 são homens (48,5%). Isso resulta em uma razão de 94 homens para cada 100 mulheres. No que se refere à população idosa, ou seja, pessoas com 60 anos ou mais, o país contabiliza 32.113.490 indivíduos nessa faixa etária, dos quais 17.887.737 (55,7%) são mulheres e 14.225.753 (44,3%) são homens. Os dados do Censo Demográfico de 2022 indicam que esse grupo etário representa 15,8% da população brasileira. Ainda segundo o IBGE, a expectativa de vida ao nascer no Brasil, no mesmo ano, foi estimada em 75,5 anos, sendo de 79,0 anos para as mulheres e 72,0 anos para os homens.

O Paraná, estado onde a pesquisa foi desenvolvida, possui uma população estimada de 11.824.665 habitantes, o que corresponde a 5,6% da população total do Brasil. Desse total, 1.893.120 são pessoas idosas, representando 16% da população estadual. A expectativa de vida no estado é de 79,2 anos, sendo de 75,8 anos para os homens e 82,6 anos para as mulheres (Paraná, 2024a).

O envelhecimento populacional no Paraná tem se intensificado nas últimas décadas, resultando em transformações significativas na estrutura etária da população. De acordo com o Censo Demográfico de 2022, a população com 60 anos ou mais no estado aumentou de 1.170.955 em 2010 para 1.893.120 em 2022, representando um crescimento de 61,7% nesse período. Esse aumento resultou em um crescimento proporcional da população idosa, que, em 2022, representava aproximadamente 16% do total de habitantes do estado, que era de 11.443.208 pessoas. Além disso, a proporção de pessoas com 65 anos ou mais no Paraná atingiu

11,3% em 2022, o maior percentual registrado nas últimas quatro décadas (IBGE, 2022).

Dentro desse contexto, observa-se uma predominância feminina entre a população idosa. As mulheres representam a maioria dos indivíduos com 60 anos ou mais, incluindo a população centenária. Embora dados específicos sobre a proporção de mulheres centenárias no Paraná não tenham sido detalhados nas fontes consultadas, a tendência nacional indica uma maior longevidade feminina, o que sugere uma predominância de mulheres também nesse grupo etário avançado.

A expectativa de vida no Paraná também apresentou avanços significativos. Segundo projeções do IBGE, para os nascidos em 2000, a expectativa era de 72,2 anos. Esse indicador aumentou para 76,8 anos em 2024, com projeções apontando para 83,9 anos para os nascidos em 2070 (IBGE, 2022). Esses dados evidenciam a necessidade contínua de adaptação das políticas públicas e sociais para atender às demandas de uma população que envelhece de forma acelerada. Esse envelhecimento populacional reflete-se diretamente nas políticas públicas de saúde. O Sistema Único de Saúde (SUS) atendeu cerca de 1,4 milhão de pessoas idosas no estado, com destaque para a Atenção Primária à Saúde (APS), que registrou mais de 7,9 milhões de atendimentos em 2023 (Paraná, 2024b).

Em resposta a essa realidade demográfica, o estado paranaense tem implementado diversas iniciativas voltadas para o apoio à população idosa. O Programa "Paraná Amigo da Pessoa Idosa", instituído pela Lei n.º 22.189/2024, sancionada pelo governador Carlos Massa Ratinho Junior, visa transformar todas as 399 cidades do estado em ambientes mais acolhedores e inclusivos para a população idosa. Seu objetivo é fortalecer as famílias, preparar as cidades para o envelhecimento ativo e criar uma rede integrada e inovadora de cuidado e acolhimento. A iniciativa, sob a responsabilidade da Secretaria de Estado da Mulher, Igualdade Racial e Pessoa Idosa (SEMIPI), busca implementar ações inovadoras que melhorem a qualidade de vida dos idosos, tornando o estado um modelo de inclusão e respeito às pessoas idosas. O programa oferece bolsas financeiras: a Bolsa Agente do Saber, voltada para idosos em situação de vulnerabilidade, e a Bolsa Cuidador Familiar, destinada a cuidadores não remunerados. Também cria cadastros estaduais, visando organizar e coordenar ações voltadas ao bem-estar da pessoa idosa e seus cuidadores, além de oferecer suporte técnico e financeiro a municípios que aderirem à iniciativa (Paraná, 2024c).

Em vista disso, neste estado, a referida Secretaria tem implementado diversas iniciativas voltadas ao apoio e à valorização da população idosa. Dentre essas ações, destaca-se a certificação de 40 municípios como “Cidades Amigas das Pessoas Idosas”, os quais integram a Rede Global de Cidades e Comunidades Amigáveis à Pessoa Idosa, promovida pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Essa adesão tem contribuído para a construção de ambientes urbanos mais inclusivos, acessíveis e responsivos às necessidades do envelhecimento populacional. Além disso, o estado tem investido na ampliação de espaços de convivência intergeracional e na implementação de programas que fomentam o envelhecimento ativo, saudável e com dignidade.

Por essas razões, a escolha do município de Pato Branco, situado na região sudoeste, para a realização da pesquisa de campo justifica-se pela atuação direta da pesquisadora como Assistente Social e servidora pública municipal, com experiência no atendimento a pessoas em situação de alta vulnerabilidade social. Essa inserção profissional proporciona um conhecimento aprofundado da realidade local, favorece o acesso às redes de serviços e facilita a interlocução com os sujeitos da pesquisa, contribuindo para a produção de dados mais consistentes e comprometidos com as especificidades do lócus analisado.

Conforme já asseverado, é importante ressaltar que o município de Pato Branco tem se destacado pelo crescimento expressivo da população idosa ao longo das últimas décadas. De acordo com dados do Caderno Estatístico do Município de Pato Branco, elaborado pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Social (IPARDES) (2025), observa-se que a população censitária patobranquenses é 91.836 pessoas (Figura 4). A população idosa em 2022 era de 9,93% da população total, o que equivale a aproximadamente 9.104 idosos.

Figura 4 – População censitária, segundo faixas etárias

POPULAÇÃO CENSITÁRIA, SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS

FAIXAS ETÁRIAS	2000	2010	2022
Menores de 1 ano	1.123	981	1.201
De 1 a 4 anos	4.627	3.960	4.696
De 5 a 9 anos	5.953	5.102	6.145
De 10 a 14 anos	6.134	6.141	5.804
De 15 a 19 anos	6.267	6.751	6.250
De 20 a 24 anos	5.409	6.809	7.567
De 25 a 29 anos	5.032	6.404	8.160
De 30 a 34 anos	5.275	5.633	7.676
De 35 a 39 anos	5.066	5.293	7.314
De 40 a 44 anos	4.527	5.319	6.910
De 45 a 49 anos	3.569	4.947	5.753
De 50 a 54 anos	2.733	4.351	5.474
De 55 a 59 anos	1.976	3.382	5.086
De 60 a 64 anos	1.534	2.465	4.519
De 65 a 69 anos	1.150	1.777	3.495
De 70 a 74 anos	827	1.270	2.524
De 75 a 79 anos	519	918	1.540
De 80 anos e mais	513	867	1.722
TOTAL	62.234	72.370	91.836

Fonte: IPARDES (2025, p. 8).

De acordo com os dados apresentados, observa-se um crescimento significativo na população feminina acima de 65 anos ao longo dos anos. Em 2000, esse grupo somava 32.162 pessoas, aumentando para 37.386 em 2010 e alcançando 47.596 em 2022. Esses números evidenciam uma tendência de envelhecimento da população, refletindo um crescimento expressivo na quantidade de idosas ao longo das décadas. A Figura 5 apresenta dados da população censitária feminina, de acordo com as faixas etárias

Figura 5 – População censitária feminina, segundo faixas etárias

POPULAÇÃO CENSITÁRIA FEMININA, SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS

FAIXAS ETÁRIAS	2000	2010	2022
Com até 14 anos	8.768	7.983	8.696
De 15 a 64 anos	21.691	26.607	33.573
De 65 anos e mais	1.703	2.796	5.327
TOTAL	32.162	37.386	47.596

FONTE: IBGE

Fonte: IPARDES (2025, p. 8).

De acordo com os dados apresentados, observa-se um crescimento significativo na população feminina acima de 65 anos ao longo dos anos. Em 2000, esse grupo somava 32.162 pessoas, aumentando para 37.386 em 2010 e alcançando 47.596 em 2022. Esses números evidenciam uma tendência de envelhecimento da população, refletindo um crescimento expressivo na quantidade de idosas ao longo das décadas.

A Figura 6 revela o crescimento da população masculina acima de 65 anos ao longo dos anos. Em 2000, esse grupo somava 30.072 pessoas, aumentando para 34.984 em 2010 e chegando a 44.240 em 2022. Embora esses números indiquem uma tendência de envelhecimento, observa-se que o número de homens idosos permanece inferior ao das mulheres, evidenciando uma diferença na composição etária entre os gêneros ao longo das décadas.

Figura 6 – População censitária masculina, segundo faixas etárias

POPULAÇÃO CENSITÁRIA MASCULINA, SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS

FAIXAS ETÁRIAS	2000	2010	2022
Com até 14 anos	9.069	8.201	9.150
De 15 a 64 anos	19.697	24.747	31.136
De 65 anos e mais	1.306	2.036	3.954
TOTAL	30.072	34.984	44.240

FONTE: IBGE

Fonte: IPARDES (2025, p. 8).

A Figura 7 evidencia a distribuição da população de Pato Branco por cor ao longo dos anos. Observa-se que a cor branca predomina no município, com um crescimento contínuo: em 2000, eram 52.488 pessoas, aumentando para 55.287 em 2010 e alcançando 61.981 em 2022. Já o número de pessoas que se declararam pardas apresentou um crescimento expressivo, passando de 7.627 em 2000 para 15.232 em 2010, chegando a 27.299 em 2022. Por outro lado, a população que se identificou como preta teve variações ao longo das décadas. Em 2000, esse grupo somava 1.552 pessoas, reduzindo para 1.273 em 2010. Entretanto, em 2022, houve um aumento, totalizando 2.288 pessoas. Essa análise revela mudanças na composição da população ao longo dos anos, refletindo possíveis transformações demográficas e sociais.

Figura 7 – População censitária, segundo cor/raça

POPULAÇÃO CENSITÁRIA, SEGUNDO COR/RAÇA

COR/RAÇA	2000	2010	2022
Amarela	80	535	179
Branca	52.488	55.287	61.981
Indígena	99	43	86
Parda	7.627	15.232	27.299
Preta	1.552	1.273	2.288
Sem Declaração	388	-	3

FONTE: IBGE

Fonte: IPARDES (2025, p. 9).

Nesse contexto, o município tem desenvolvido diversas iniciativas direcionadas à promoção da qualidade de vida da pessoa idosa. Dentre essas ações, destacam-se os programas de hidroterapia e práticas esportivas adaptadas, bem como a oferta de atividades socioculturais no Espaço de Convivência da Pessoa Idosa, situado na Rua Argentina n.º 456, Bairro Jardim das Américas. Além disso, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) realiza o acompanhamento de pessoas idosas em situação de vulnerabilidade, especialmente aquelas que são vítimas de violência.

No campo das políticas públicas de envelhecimento, Pato Branco tornou-se, em junho de 2018, o primeiro município paranaense e o terceiro do Brasil a integrar a Rede Global de Cidades e Comunidades Amigáveis à Pessoa Idosa, iniciativa coordenada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Essa adesão evidencia o comprometimento da gestão municipal com a construção de um ambiente urbano inclusivo, acessível e promotor do envelhecimento ativo e saudável, conforme preconizado pelas diretrizes internacionais (Bernartt; Passos; Oliveira, 2019).

Em razão do cenário exposto, é possível observamos que o processo de envelhecimento se apresenta como um dos principais desafios deste século, em nível mundial, concretizando-se de maneira gradativa nos países desenvolvidos e de forma acelerada nos países em desenvolvimento, como é o caso brasileiro. Assim, podemos inferir que o aumento da expectativa de vida brasileira está passando por um período de transição epidemiológica, havendo maior proporção de mulheres com idade avançada do que de homens, fenômeno conhecido como a feminização da velhice. Segundo a Organização das Nações Unidas (2022), normalmente, nascem de 3% a 5% mais homens, porém, as mulheres possuem expectativa de vida cada vez mais elevada, predominando no conjunto da população, especialmente, entre a população idosa. Com relação às mulheres com 65 anos ou mais, as projeções indicam que, em 2050, elas representarão 54% da população global.

O envelhecimento populacional afeta a sociedade em sua totalidade, porém, como as pessoas envelhecem, essa é de forma individualizada. É importante considerar não apenas as questões demográficas do envelhecimento populacional, mas também as questões pessoais e subjetivas que acompanham esse processo. Essa temática tem despertado a atenção dos pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento e tratado sob diversos pontos de vista, ao longo dos anos. Portanto, temos um maior destaque para as projeções e números do envelhecimento populacional, bem como uma longevidade das mulheres, que também apresentam maiores demandas para viver os desafios do envelhecimento.

No próximo capítulo, serão apresentados os resultados da entrevista semiestruturada realizada com 10 mulheres frequentadoras do CRAS do Município de Pato Branco-PR. Esses resultados serão contextualizados à luz da literatura pertinente, estabelecendo conexões entre os achados e as discussões teóricas.

4 SOBRE O ENVELHECIMENTO DAS MULHERES FREQUENTADORAS DO CRAS - MUNICÍPIO DE PATO BRANCO-PR: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresentaremos os resultados da pesquisa realizada com as 10 mulheres frequentadoras do Centro de Referência de Assistência Social dos bairros São João e Bairro Alvorada, ambos localizados no município de Pato Branco-PR. Os dados coletados atendem aos objetivos elencados na pesquisa a saber: analisar como as mulheres frequentadoras do CRAS vivenciam o processo de envelhecimento. Destarte, no item 4.1 apresentamos o perfil das entrevistadas, no item 4.2 apresentamos suas lembranças da infância, mocidade e casamento. No item 4.3 descrevemos os espaços de sociabilidade e lazer frequentados por elas. No item 4.4 relatamos os impactos do envelhecimento relacionada à saúde das mesmas. No item 4.5 narramos como as mulheres entrevistadas vivenciam o envelhecimento e compreendem suas perspectivas sobre o futuro

Os autores que subsidiaram este capítulo foram: Birman (1997), Debert (1999), Bulla e Kaefer (2003), Peres (2011), Souza (2013), Chaves (2015), Pasqual (2015), Cepellos (2016), Klotz (2016), Haddad (2016), Santos, Soares e Silva (2017), Beauvoir (2018), Leopold (2018), Mello (2019), Costa (2019), Silva (2019), Oliveira (2019), Ferreira (2020), Santos (2021), Vieira (2022) e, Vieira e Cepellos (2022).

4.1 Caracterização (Perfil) das Mulheres Participantes

Inicialmente, apresentaremos o perfil das participantes, abordando aspectos como idade, escolaridade, estado civil, identificação étnico-racial, com quem essas mulheres residem e a renda. Lembrando que ao descrever os depoimentos das participantes, estes estarão em letra itálica e negrito para destacar seu conteúdo.

Primeiramente, observamos que a faixa etária das mulheres que participaram da pesquisa varia entre 63 e 93 anos. Há uma composição diversificada, incluindo mulheres com 63 anos até aquelas com idades mais avançadas, entre 70 e 80 anos, e até mais de 93 anos. Isso indica um avanço na expectativa de vida das mulheres no Brasil, conforme corroborado pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), que apontam uma expectativa de vida de 79 anos para as mulheres no país e de 82,6 anos no estado do Paraná. Ademais, espera-se que a expectativa de vida no Brasil alcance 83,9 anos em 2070.

Essa realidade representa, ao mesmo tempo, um desafio para governantes, gestores, famílias, sociedade e para a formulação de políticas sociais, pois o processo de envelhecimento traz a necessidade de atender demandas específicas das pessoas idosas com mais de 80 e até 100 anos de idade. Trata-se, especialmente, do surgimento de uma nova geração que, devido ao prolongamento biológico, apresenta comprometimentos de saúde que exigem atenção especial.

Quanto à escolaridade, observamos que as mulheres entrevistadas possuem baixo nível de instrução. Apenas a Idosa 7 realizou o curso do Mobral já casada e posteriormente trabalhou como professora por 27 anos. Vale destacar que três mulheres sabem apenas escrever seus nomes, sem serem capazes de ler ou escrever. Nos relatos, as participantes mencionaram que frequentaram pouco a escola porque precisavam ajudar os pais:

Idosa 1: Eu frequentei até a quinta série porque a gente morava na roça, a escola ficava a 4 km, íamos pelo carreiro mato, pé descalço por cima do gelo.

Idosa 2: Mas a gente morava no Campo, não tinha [...] A escola ficava muito longe [...].

Idosa 7: A minha infância foi trabalhar, brincar pouco porque morava na colônia, pobre. A gente precisava trabalhar. Estudei até a quarta série depois que casei, que eu fiz o Mobral.

Idosa 8: A mãe emprestava um cavalo para mim ir na aula. [...] um dia eu caí do cavalo, porque um homem tava escondido no mato e saiu na frente e assustou o cavalo e me derrubou [...] O homem ia me arrastar pro mato [...] daí não fui mais na escola [...].

Conforme observado por Costa (2019), esses depoimentos retratam o cotidiano de muitas pessoas idosas brasileiras que enfrentaram dificuldades e ainda enfrentam no acesso à educação como um requisito imprescindível para consolidação da cidadania. Peres (2011, p. 639) destaca que o meio rural corrobora para a exclusão social,

O meio rural pode ser, assim, definido como uma tradicional “área de exclusão”, onde o sistema capitalista mantém formas arcaicas e extremadas de exploração da classe trabalhadora, com o desrespeito, até mesmo, aos direitos socialmente instituídos (dentre eles, o direito à educação, à saúde e à CLT, por exemplo), configurando uma “questão social agrária” bastante problemática.

Os dados coletados demonstram que, metade das mulheres são viúvas; duas são casadas e vivem com seus esposos; duas se declararam solteiras; e uma

informou que vive em união estável. Também perguntamos às idosas sobre sua identificação étnico-racial: cinco se consideram de cor parda e cinco se autodeclararam brancas.

Dentre as 10 mulheres entrevistadas, apenas a Idosa 7, de 81 anos, recebe aposentadoria pelo seu trabalho de 27 anos como professora. Além disso, ela recebe mais duas aposentadorias de pensão de seus maridos, o que a coloca em uma melhor condição financeira. A Idosa 10, com 65 anos, vive com a renda do esposo, pois ainda não conseguiu se aposentar. As demais entrevistadas recebem BPC, aposentadoria por invalidez e Bolsa Família. Verificamos que três mulheres idosas vivem apenas com o BPC, que do mesmo modo contempla pessoas com deficiência, o perfil desta população consiste em pessoas que comprovem não ter meios de prover os meios de subsistência nem ser provido pela família.

O BPC é regulamentado pela Constituição Federal de 1988, no Art. 203,

Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos: I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice; (Brasil, 1988).

V - a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei. (Brasil, 1988)

Corroborando as falas:

Idosa 1: Sou aposentada por invalidez, minha renda é o salário mínimo.

Idosa 2: Eu recebo BPC é um salário mínimo. Você acredita? Até isso, a quantia que eu trabalhei na vida aqui na cidade [...].

Idosa 9: Eu só recebo o BPC.

Cabe salientar que, mesmo com obtenção da aposentadoria, a pessoa idosa não garante, em muitos casos, condições dignas de sobrevivência e de qualidade de vida. A renda de um salário mínimo ou mais não será suficiente para a realidade vivenciada por sujeitos que as vezes contribuem na renda familiar. Exemplificando:

Idosa 8: [...] sou aposentada, criei meus filhos trabalhando. Daqui, dali eu dei jeito. E nunca pedi nada para ninguém. [...] eu trabalhei seis anos em uma laminadora, trabalhei varrendo rua, em posto de lavagem [...].

É importante destacar que até “o século XIX, nunca se fez menção aos ‘velhos pobres’, porquanto estes eram a minoria, a longevidade só era possível nas classes

mais abastadas; os idosos pobres não representavam absolutamente nada” (Beauvoir, 2018, p. 111). Nesta perspectiva, as sociedades ainda conservam a ideia de que a velhice é uma fase de declínio físico e mental, contribuindo para isolamento e exclusão dessa população.

Haddad (2016) salienta que a velhice da classe trabalhadora é marcada pelo desemprego, subalternidade, resistência e pobreza. Assim, a classe trabalhadora enfrenta as implicações de uma política econômica excludente, que gera desigualdades sociais, incluindo o envelhecimento empobrecido. Segundo Santos, Soares e Silva (2017, p. 83), “Embora saibamos que nem todos os idosos e idosas brasileiros vivem em situação de pobreza, é importante reconhecer que uma parte desses sujeitos enfrenta diversas vulnerabilidades sociais, tanto no contexto familiar quanto comunitário”. Costa (2019, p. 1200) chama atenção para o fato que os valores dos benefícios e aposentadorias “não seriam suficientes para manutenção das condições mínimas de sobrevivência, com isso a volta ao mercado de trabalho passa a ser uma alternativa para complementação da renda”.

Conforme as falas:

Idosa 4: Eu recebo a Bolsa Família e só. [...] trabalhei de vender panfletinho político [...] cato latinha e outros serviços que aparecerem eu faço [...].

Idosa 6: Sou pensionista, recebo um salário mínimo [...] mesmo assim, vendo enxoval, crochê e queijo, atividades que são usadas para complementar a renda.

Alguns aposentados precisam continuar trabalhando, pois, para grande parte dos brasileiros, os valores recebidos como aposentadoria, pensão ou BPC não são suficientes para suprir suas necessidades e as de seus dependentes. “Esta situação é ainda mais crítica quando o idoso assume a responsabilidade de provedor do grupo familiar” (Bulla; Kaefer, 2003, p. 5).

Assim sendo, não podemos ignorar que a diversidade da velhice também se manifesta nas diferenças de classe. Para Beauvoir (2018), apesar das possíveis semelhanças, existe uma grande distância entre o(a) idoso(a) rico(a) e o(a) idoso(a) pobre. Essa diferença se estrutura ao longo da trajetória de vida das pessoas, abrangendo suas vivências, possibilidades e limitações. Logo, as condições econômicas e sociais determinaram as condições materiais de vida e existência de

nossas entrevistadas, influenciando, sobretudo, a forma como vivenciam sua velhice, excluindo os hábitos e estilos de vida saudáveis.

Nas conversas com as idosas participantes da pesquisa, elas relataram a convivência familiar e eventuais dificuldades com alguns membros da família. Observamos, por exemplo, que a Idosa 2 valoriza a ajuda dos filhos nas tarefas diárias e a companhia deles, especialmente considerando a saúde do filho que mora com ela:

Idosa 2: Me dou bem com meus filhos. Tem dois que moram bem na frente da minha casa. Um deles que vai receber meus troquinhos, comprar remédio, buscar o que precisa, fazer compras [...]. Tenho um filho que mora comigo que é muito doente [...].

Já a Idosa 3 reconhece a dificuldade de lidar com um filho com problemas mentais, mas demonstra aceitação e compreensão, **“Tenho, boa convivência com os filhos, mas tenho um que é meio louco, mas a gente sabe que é louco, tem que deixar passar, né?”**. Neste mesmo contexto, a “Idosa 5”, embora tenha uma boa relação com filhos e netos, enfrenta desafios significativos relacionados ao uso de drogas, **“[...] me dou bem com meus filhos, meus netos. [...] tenho 3 filhos que moram comigo. [...] mas o problema são as drogas [...]”**.

A Idosa 6 sente-se feliz com a interação frequente dos filhos e aprecia os momentos em família, como almoços e jantares, **“[...] me dou muito bem com meus filhos. Meus filhos vêm me buscar para almoços no domingo. Mas eles vêm mais seguido, na casa da gente. Porque eles pegam as crianças e vêm jantar. Mãe, estamos indo jantar, o que é que precisa levar? [...]”**.

A Idosa 7 valoriza as visitas regulares dos filhos, demonstrando um relacionamento estreito e carinhoso, **“[...] me relaciono bem com meus filhos. Eles vêm me visitar aos domingos eu vou lá Um dos filhos vem, três vezes por dia aqui comigo”**.

A Idosa 8 expressa gratidão pelo apoio do filho mais novo e dos netos, mas também se preocupa com o filho mais velho, que enfrenta problemas pessoais. **“Me dou bem com meus filhos. Tenho o filho mais novo que mora atrás da minha casa. Aquele é uma benção de Deus e meus netos são maravilhosos. [...] tenho o filho mais velho de 57 anos que mora comigo que bebe. [...] não trabalha [...]”**.

Em suas rotinas diárias, a Idosa 8 ela perpetua a força de trabalho, seja de forma direta, ao realizar tarefas domésticas, **“[...] tenho o filho mais velho de 57 anos que mora comigo que bebe. [...] não trabalha [...]”**, ou indiretamente ao cuidar

das gerações mais novas, permitindo que outros membros da família possam se dedicar a atividades fora do lar, **“Tenho o filho mais novo que mora atrás da minha casa. Aquele é uma benção de Deus e meus netos são maravilhosos”**.

Já a Idosa 9 valoriza a presença e o apoio dos filhos e netas, considerando a família como o pilar principal de sua vida, **“[...] meu relacionamento com filhos, é muito bom. Deus me livre. Acontecer qualquer coisinha com eles [...] eles sempre estão ali em casa me visitando. [...] duas netas que moram comigo [...] eu tenho amor. Minha família é tudo para mim”**.

Importante compreender que o espaço familiar nem sempre será permeado por harmonia, amor, afeto, proteção e cuidado, podendo também ser um espaço de conflitos e de violência.

Idosa 1: Tenho problemas, com o meu filho mais velho, ele é bêbado, é drogado. Se a gente facilitar, ele quebra as coisas dentro de casa [...]. Ele rouba as coisas dentro de casa da gente. Agora está preso em Francisco Beltrão [...].

Idosa 4: O meu filho mais velho não me trata bem [...]. Está pagando agora lá na cadeia. Se escapou da morte, porque não sei se soltarem ele, vão matar ele. Isso que eu fico sentida [...].

Idosa 10: [...] às vezes a menina com deficiência cerebral tira a gente fora de série, ela briga muito com o pai dela, os dois começam a discutir, né. [...] é difícil, muito difícil.

As falas das idosas revelam a complexidade das relações familiares em contextos de vulnerabilidade social. A pobreza é um fator que agrava os desafios enfrentados por essas mulheres e seus filhos, refletindo-se em problemas como a doença, o uso de drogas e a dependência econômica.

A precariedade financeira pode aumentar a tensão nas relações familiares, como evidenciado pelos relatos de filhos com problemas de saúde mental, dependência química e desemprego. Essas dificuldades são exacerbadas pela falta de recursos, limitando o acesso a tratamentos adequados e oportunidades de emprego. Além disso, a dependência econômica dos filhos adultos pode representar um fardo considerável para as mães idosas, que muitas vezes já enfrentam suas próprias limitações físicas e de saúde.

A preocupação com o bem-estar dos filhos e netos é constante e a falta de estabilidade financeira, muitas vezes, impede que essas famílias alcancem uma melhor qualidade de vida. Por outro lado, as mulheres demonstraram resiliência. Elas

encontram formas de manter a unidade familiar e proporcionar apoio emocional e prático, mesmo diante de tantas adversidades. A valorização do apoio familiar e a presença constante dos filhos e netos são um testemunho da força dessas relações, apesar dos desafios impostos pela pobreza.

Atualmente, em muitas famílias, é a “mulher idosa” quem oferece apoio financeiro aos filhos por meio de sua aposentadoria e/ou pensão, diante do desemprego que afeta grande parte das pessoas mais “jovens”. Por essa razão, essas “mulheres velhas” acabam assumindo a responsabilidade de enfrentar as dificuldades materiais e sociais da família, especialmente no que diz respeito ao sustento dos filhos. Um exemplo dessa situação são os filhos adultos que permanecem na casa dos pais por não terem condições econômicas de morar/comprar sua própria casa. (Souza, 2013).

A pesquisa com as essas idosas, participantes dos dois CRAS de Pato Branco, revela um retrato complexo da vivência do envelhecimento, marcado por desafios relacionados à escolaridade, condição socioeconômica e dinâmicas familiares. A faixa etária dessas mulheres, entre 63 e 93 anos, reflete a diversidade de experiências acumuladas ao longo de décadas. No entanto, os níveis de instrução limitados evidenciam barreiras educacionais que continuam a impactar suas vidas, restringindo, muitas vezes, o acesso à autonomia e à vivência plena.

A análise, da mesma forma, destaca a diversidade das situações familiares e conjugais, em que metade das idosas são viúvas, e as demais se dividem entre casadas, solteiras e em união estável. Essas circunstâncias moldam suas percepções sobre o envelhecimento. É importante ressaltar que, enquanto algumas desfrutam de relações positivas e harmoniosas, outras enfrentam conflitos significativos com seus filhos, incluindo questões relacionadas à saúde mental, dependência química ou vulnerabilidades financeiras.

A Idosa 7 se apresenta como exceção ao grupo, sendo aposentada como professora, após décadas de trabalho, destacando-se pelo vínculo mais sólido com a independência financeira. Ainda assim, para a maioria, o Benefício de Prestação Continuada (BPC) constitui sua única fonte de subsistência, refletindo a fragilidade de políticas públicas no enfrentamento das desigualdades sociais entre os idosos.

Embora, o espaço familiar seja, para muitas, um espaço de afeto e proteção, ele também se revela contraditório, podendo ser ambiente de conflitos e desafios. Apesar disso, a valorização da presença dos filhos e netos aparece como um

elemento importante na busca por “sentido” em uma fase da vida tão particular. Esses dados reforçam a complexidade do envelhecimento e a necessidade de ações que promovam não apenas a inclusão social, mas também o suporte integral a essas mulheres, garantindo-lhes uma velhice digna, respeitosa e com oportunidades de desenvolvimento humano.

Por fim, destacamos a importância de conhecer o perfil de nossas participantes, uma vez que conseguimos compreender a composição familiar e, portanto, conhecer os arranjos familiares e suas condições de vida, pois a partir disso visualizamos os desafios no processo de envelhecer. A seguir, no próximo item, vamos trazer as lembranças da infância, mocidade e casamento dessas mulheres.

4.2 Lembranças: Infância, Mocidade e Casamento

As histórias relatadas por essas mulheres tiveram início muito antes da fase atual de suas vidas. Suas infâncias foram marcadas por períodos de inocência e descobertas, nos quais brincadeiras simples e tradições familiares desempenharam papéis essenciais. Ao avançarem para a juventude, enfrentaram os desafios e as alegrias da adolescência, momento em que sonhos e expectativas começaram a se delinear. O casamento representou então uma nova etapa, cheia de responsabilidades e transformações. Por meio de suas narrativas, é possível perceber como esses períodos fundamentais influenciaram suas trajetórias, moldando percepções e valores que permanecem até hoje. Nesse contexto, as entrevistadas foram convidadas a compartilhar suas experiências da infância.

A Idosa 1 relatou que sua infância na roça foi marcada pelo frio intenso e pela necessidade de improvisar para se aquecer, evidenciando as dificuldades enfrentadas no ambiente rural. A dor nos pés simboliza o sofrimento físico vivenciado. Assim,

Idosa 1 (66 anos): Minha infância passei na roça [...] lembro que nós chegava na aula, dura, de frio, a professora fazia um buraco, na grama, e daí ela enxia de papel, colocava grimpas de pinheiro, fazia um fogo ali para nós se esquentar, antes de entrar na sala de aula. [...] chorava de dor nos pés.

A descrição da Idosa 2 de uma infância de sofrimento, com a falta de orientação dos pais e o choque da menstruação, destaca a ausência de educação e apoio emocional da época. A igreja de madeira velha simboliza uma lembrança marcante do passado. **“Essa cidade era banhada [...] a igreja era de madeira. [...]**

minha infância foi só sofrimento. [...] os pais não ensinavam [...] a primeira vez que veio à minha menstruação fiquei quase louca, pensava que ia morrer”.

A ausência de violência doméstica e a harmonia entre os irmãos narrada pela Idosa 3 são aspectos positivos para ela. A união familiar e a simplicidade da vida são enfatizadas, mostrando uma infância harmoniosa. ***“Nunca apanhei da minha mãe e do meu pai, nunca. Eram os pais que mandavam. [...]. Nós éramos sete irmãos, nunca brigamos. Às vezes nós comia junto em uma bacia, ia na escola junto, nunca brigamos”.***

A responsabilidade precoce da Idosa 4 de cuidar da irmã doente e a convivência com a tia, já falecida, mostram uma infância marcada pelo trabalho e pela doença. A carroça para ir ao médico ilustra a falta de recursos ***“Quase não lembro da minha infância [...]. Eu era muito trabalhadeira, cuidava de minha irmã que ficou doente. Eu morei mais com a tia, ela já faleceu, eu tinha um problema no ouvido, começou a vazar, ela me levava no médico com a carroça”.***

A lembrança da Idosa 5 sobre ajudar a mãe e a trabalhar desde cedo, apesar do peso do trabalho, é vista com carinho. A dualidade entre o trabalho pesado e a satisfação de contribuir para a família é evidente, conforme o trecho:

Idosa 5 (64 anos): A minha lembrança é que eu ajudei minha mãe a tratar meus sete irmãos, desde os nove anos cuidando da criança. Mas era gostoso. Eu trabalhava de doméstica assim, cuidando do bebê, e trazia comida para casa. Depois comecei a trabalhar na roça, ia pra lá e pra cá. Sempre trabalhando, sabe? Meu serviço foi sempre serviço pesado [...].

A infância descrita pela Idosa 6, como maravilhosa, com a responsabilidade de cuidar dos irmãos e preparar a casa, contrasta com a visão idealizada do passado. A figura do pai, como gerente de uma firma, sugere uma posição de destaque na comunidade, segundo o relato:

Idosa 6 (75 anos): Maravilha que foi minha infância. Hoje duvido quem que tenha uma infância como a gente teve [...]. Meio dia a gente ia para a escola, eu e minha irmã, ela mora no Pará, e meio dia nós ficava em casa cuidando dos irmãos e preparando as coisas para quando a mãe e a minha avó chegavam da roça, e meu pai era gerente de uma firma [...].

Conforme narrada pela Idosa 7, a necessidade de trabalhar desde cedo e a falta de tempo para brincar refletem a realidade de muitas crianças pobres daquela comunidade. A educação interrompida e retomada após o casamento mostra a importância da educação na vida adulta. ***“À minha infância foi trabalhar, brincar pouco porque morava na colônia, pobre. Estudei até a quarta série depois que***

casei, que eu fiz o normal. Foi uma vida saudável. Nós fazíamos cinco quilômetros para ir na aula”.

A falta de brinquedos e a necessidade de trabalhar como babá, desde a infância, conforme relato da Idosa 8 destacaram a privação e a responsabilidade precoce. A comparação com os netos evidencia as mudanças nas condições de vida ao longo das gerações. **“Eu não tive infância [...] eu nunca tive um brinquedo que nem os meus netos têm agora. A minha infância, com 13 para 14 anos, eu já fui trabalhar de babá para cuidar ‘fio’ dos outros”.**

A fala da Idosa 9, referente às **“brincadeiras e a venda de bananas”**, mostram uma infância feliz e criativa, apesar das dificuldades. A nostalgia e a valorização das memórias de infância são evidentes.

Idosa 9 (64 anos): Eu tenho bastante lembrança da infância, mas o que eu lembro mais é quando a gente brincava, tinha as brincadeiras da gente, fazia as casinhas. [...] pai sempre tinha as furnas de banana e nós pegava e vendia, brincar que estava vendendo, era muito, muito bom. Eu lembro bastante da minha infância, eu gosto de lembrar [...] meus nove irmãos. A gente era feliz e não sabia.

A infância da Idosa 10 foi marcada pelo trabalho na serraria, e a falta de brinquedos o que refletiram a dureza daquela época. A história da boneca destruída pelo irmão pequeno simboliza a fragilidade dos poucos momentos de alegria, exemplificando com a fala,

Idosa 10 (65 anos): Lembro de minha infância porque foi sofrido. Nós só trabalhava na serraria, tenho 6 irmãos. Nós nunca brinquemos de boneca, nunca ganhamos uma boneca, um brinquedo, né? Agora a menina que está comigo tem muitas bonecas. [...] lembrei, eu, ganhei uma vez uma bonequinha de uma mulher, o meu irmão era pequeno, pegou uma faca, atorou a pescoço daquela boneca, eu chorei muito, mãe tentou costurar, e não conseguia, porque era de borracha [...].

No decorrer das entrevistas, tivemos a oportunidade de ouvir relatos de “infâncias difíceis”, com eventos associados a períodos de sofrimento (Idosa 1, Idosa 2, Idosa 8 e Idosa 10). Apesar disso, as idosas reviveram lembranças do passado permeadas por sentimento de tristeza e alegria; as situações adversas ou dificuldades foram mencionadas, porém, frequentemente assumiam menor relevância em seus relatos. Observamos, portanto, que a experiência da pobreza narrada pelas entrevistadas não é um fenômeno recente, mas uma constante em suas vidas. Conforme Costa (2019), isso decorre do processo de ampla

concentração de riqueza, que não é distribuída de maneira equitativa e, por isso, não deve ser naturalizada como algo comum ou inerente à sociedade.

Dando seguimento, nossas entrevistadas foram convidadas a compartilhar suas experiências de juventude.

A juventude da Idosa 1 foi marcada pelo trabalho árduo na roça e pela ausência de eventos sociais como bailes, ela ressaltou a vida de sacrifício e responsabilidade. Fugir de casa aos 15 anos para ficar com um homem mais velho reflete a busca por uma mudança drástica na vida. Acrescentando:

Idosa 1: Quando já moça a gente só em casa, trabalhando, carpindo, quebrando milho, carregando cesto de palha feitos pelos bugres [...] cansei de cair com aqueles cestos cheio de mandioca para levar para casa, para comer, para tratar as vacas, os terneirinhos. Eu nunca fui em um baile, se tinha alguma festa, a gente ia com o pai e com a mãe. [...] eu tinha 15 anos, fugi de casa. Eu me achei com um veio de 34 anos.

A narrativa da Idosa 2 de ficar em casa, cuidando dos animais e sofrendo, sem participar de bailes, mostra uma juventude de restrições e pouco lazer. O relacionamento com o namorado, ainda que distante, traz um elemento de esperança em meio ao sofrimento. **“A gente só ficava em casa, sofrendo, criando, cuidando dos bichos. [...] a gente não ia em baile [...]. Conheci meu namorado com 17 anos, ele ia lá em casa de vez enquanto, proseava só de longe”.**

A alegria da Idosa 3 de se arrumar para ir à igreja e a permissão da mãe para trabalhar e comprar itens pessoais trazem um contraste positivo para ela. Participar de bailes e festas, apesar da pobreza, destaca a busca por momentos de felicidade. **“Gostava de ir na igreja bem arrumadinha. [...] depois a mãe me deixou trabalhar para poder comprar minhas coisinhas, tipo esmalte, brincos. Eu ia em bailes e festas [...] foi uma mocidade pobre, mas com alegria”.**

A juventude solitária da Idosa 4 e a luta constante revelam uma vida marcada pela independência e isolamento. A falta de interação social é um ponto significativo nesta narrativa. **“Na minha juventude eu sempre lutei sozinha. [...] eu não me misturava com ninguém. Daí eu sempre vivia sozinha”.**

A narrativa da Idosa 5 destaca o trabalho árduo na roça, compensado pela alegria de ir a bailes com a mãe e um casamento duradouro, mostra uma juventude equilibrada entre trabalho e momentos felizes. **“Eu trabalhava em serviço pesado na roça. [...] mas tinha alegria, eu ia com minha mãe em bailes [...]. Eu só namorei um homem e me casei, estou com ele até hoje”.**

A fala da Idosa 6 revelou uma juventude saudável e boa, sempre acompanhada pelos pais e com uma visão crítica das mudanças nos comportamentos sociais ao longo do tempo, destacou uma nostalgia pelos valores passados. Como exemplo,

Idosa 6: Minha juventude foi sadia e boa, a gente só saía com pai e mãe. Quando tinha namorado, saía com namorado [...] nos dias de hoje as moças anoitecem [...] naquele tempo era diferente, a gente saía para passeios [...] antigamente era mais saudável que hoje, entende?

A Idosa 7 relatou ter vivenciado uma juventude alegre. A decisão de abandonar um noivo ciumento e encontrar um novo parceiro, mostrou a busca por uma relação saudável e a capacidade de tomar decisões importantes. **“À minha mocidade foi de alegrias [...]. Eu namorei um rapaz, e noivei e ia casar, mas, percebi que ele tinha muito ciúme de mim, então abandonei ele. Daí apareceu o pai dos meus filhos, ele tinha 29 anos eu 22 anos”**.

A Idosa 8 lembrou especialmente de trabalhar na casa dos outros e de ter relacionamentos breves com namorados que não atendiam suas expectativas, o que por sua vez, revelou uma vida de desafios e escolhas difíceis. **“Da minha mocidade lembro pouco. [...] lembro-me que trabalhava na casa dos outros [...]. Achava uns namorados, quando era aquele era lá bêbado, deixava, namorava outro, não era do meu jeito, deixava [...]”**.

A Idosa 9 descreveu boas lembranças de juventude. Os bailes e festas acompanhadas pelos pais, demonstrou uma vida social ativa. Fugir de casa aos 15 anos revelou um espírito aventureiro e desejo de liberdade. **“Tenho lembranças boas da minha juventude. [...] ia em baile e festa, apenas se o pai e mãe fossem também. Eu andava com outros jovens e junto com os meus 9 irmãos. Eu era uma mocinha bem safada, com 15 anos fugi de casa”**.

Esses relatos oferecem uma visão diversificada das experiências de juventude das mulheres idosas, variando desde o trabalho pesado e restrições sociais até momentos de alegria e decisões marcantes. Cada história contribui para uma compreensão mais ampla das vivências e desafios enfrentados por elas ao longo de suas vidas.

As narrativas compartilhadas pelas participantes revelam um traço que conecta as dificuldades vivenciadas na infância às escolhas e desafios vivenciados na juventude. As memórias da infância, marcadas por responsabilidades desde muito

cedo, trabalho árduo e limitações socioeconômicas, evidenciam como essas experiências influenciaram as expectativas e atitudes que elas carregaram na trajetória de suas vidas.

Na infância, o ambiente rural, a falta de orientação dos pais e as condições precárias de sobrevivência aparecem como características comuns, evidenciando uma situação de privação e adversidades. No entanto, mesmo diante das dificuldades, há relatos que valorizam a união familiar e os momentos de alegria, como brincadeiras e pequenas conquistas. Constatamos que as resistências das entrevistadas contribuíram para a formação das jovens que, na juventude, buscaram formas de lidar com as responsabilidades, construir suas identidades e encontrar alguma esperança em meio às restrições.

As transições da infância para a juventude, conforme seus relatos, reforçam a relação entre os sofrimentos e as conquistas. O trabalho árduo e a carência de lazer continuam a ser relatados, mas essa fase da juventude também traz relatos de escolhas importantes, como o abandono de relacionamentos opressores, a busca por momentos de alegria em festas e bailes, e até mesmo a procura por liberdade e independência. As vivências dessas mulheres refletem não apenas os desafios de crescer em um ambiente de pobreza, mas também a força e o desejo de encontrar outros caminhos que lhes permitissem sonhar e conquistar uma vida melhor.

Interligar infância e juventude da vida dessas idosas nos leva a compreender que suas trajetórias são como fios que revelam uma história de resistência, marcada pela capacidade de superar obstáculos e valorizar as experiências vividas, por mais difíceis que tenham sido. Observamos, portanto, que as memórias de infância não se distanciam das vivências da juventude, mas formam um contexto que influencia diretamente nas decisões e percepções durante os anos posteriores.

Após compartilharem suas experiências de infância e juventude, convidamos as entrevistadas a relatarem suas vivências no casamento.

A Idosa 1 narra uma juventude assinalada por decisões impulsivas e relacionamentos complexos:

Idosa 1: Eu tinha quinze anos, fugi de casa. Eu me achei com um velho de 34 anos. Foi meu primeiro casamento, é o pai de todos os meus filhos, vivi, com ele 12 anos, daí ele arrumava uma mulher e saía e quando não dava com aquela ele voltava atrás de mim, aí a tonga aceitava mas, eu gostava dele [...] ele faleceu. Eu era ruim para ele, brigava, dava paulada, pedrada. Acabei conhecendo outro, depois de seis meses ele faleceu, senti muito ele morrer, a gente se dava muito

bem. Ele era bom para mim, ele me ajudava em tudo. Por isso Deus levou, porque ele era bom. Porque diz que Deus quer os bons.

Fugir de casa aos 15 anos e casar-se com um homem significativamente mais velho, que se tornou pai de todos os seus filhos, revela uma busca por mudança e estabilidade. No entanto, o relacionamento foi tumultuado, com o marido tendo outros relacionamentos e retornando para ela. A descrição das brigas e do comportamento agressivo evidencia a tensão presente na convivência. Após o falecimento do primeiro marido, a idosa encontrou outro parceiro, com quem viveu uma relação harmônica e de apoio mútuo. A morte prematura desse segundo companheiro trouxe grande tristeza, reforçando a crença de que **"Deus quer os bons"**, uma forma de tentar encontrar consolo na perda. Essa narrativa mostrou a resiliência da idosa diante das adversidades e a busca incessante por afeto e estabilidade emocional, mesmo em meio a dificuldades e perdas.

A Idosa 2 compartilhou a história de seu casamento que começa com uma grande festa, simbolizando um momento de celebração e esperança. **"No meu casamento teve festa e grande. O baile foi feito na casa da minha sogra"**. Ela descreveu ser a única com uma casinha **"mais ou menos"** indicando as condições difíceis de moradia daquela época. **"[...] eu era a única que tinha uma casinha, mais ou menos, que aquele tempo nem casa tinha. [...]"**, ela destacou uma relação harmoniosa com o marido, sempre marcada pelo trabalho incessante, sem momentos de lazer ou passeios, o que sublinhou a dureza da vida na roça. Conforme seu relato,

Idosa 2: Me dava bem com o marido, toda a vida. A gente, toda a vida, só trabalhando, não sabia o que era passeio. Morava na roça e trabalhava na roça, na terra da mãe dele. Depois, ela vendeu a terra e mandou nós se arrancar de lá. Meu Deus do céu, só sofrer na vida.

A venda da terra pela sogra representou um momento de grande adversidade, intensificando o sentimento de instabilidade e de sofrimento contínuo. **"Meu Deus do céu, só sofrer na vida"** resume a experiência de luta constante e a sensação de falta de controle sobre o próprio destino. Portanto, essas narrativas revelam a resiliência da idosa e sua capacidade de lidar com as dificuldades da vida, mantendo um relacionamento estável apesar das adversidades.

A Idosa 3 descreveu seus casamentos como relações harmoniosas, sem conflitos significativos. Destacou a importância da comunicação e do respeito mútuo, exemplificada pelo diálogo constante até sobre assuntos triviais como a comida:

Idosa 3: Nos casamentos nunca brigamos, só na boa, graças a Deus. Não posso falar, não. Se ele dizia não, nós conversava, até de comida. Então eu pedia para ele, o que você quer meu amor? Vamos fazer, né? Você quer, beber ou alguma? [...] nós pegávamos dinheirinho, fazíamos compra, tudo numa boa. Tive Bom relacionamento tanto com o primeiro como com o último.

A forma carinhosa como se refere ao parceiro, chamando-o de **"meu amor"** e perguntando sobre suas preferências, demonstra o cuidado e a atenção ao outro que contribuem para a harmonia do relacionamento. O aspecto financeiro também é mencionado de forma positiva, com o casal gerenciando juntos as compras e economias, o que sugere uma parceria igualitária e colaborativa. A idosa enfatizou que teve bons relacionamentos tanto com o primeiro quanto com o último marido, **"Tive Bom relacionamento tanto com o primeiro como com o último"**. Indicando que sua abordagem de respeito e diálogo se manteve constante ao longo de diferentes relacionamentos. Neste contexto, as falas demonstraram uma percepção de casamento baseada na cooperação, carinho e entendimento mútuo, destacando a felicidade e estabilidade que encontrou em suas relações.

A Idosa 4 relatou uma relação difícil e não oficializada com o parceiro Zacarias, segundo a fala a seguir:

Idosa 4: [...] mas eu não era casada com o seu Zacaria, vivemos bastante tempo juntos. Mas quando minha menina faleceu ele não me quis mais. E daí ele se juntou com uma outra. Logo ganhei uma casinha da prefeitura. [...] O Zacarias era bastante brabo, ele era ruim e me deu martelada [...]. Agora não quero mais homem.

Eles viveram juntos por bastante tempo, mas o relacionamento terminou após a trágica perda da filha, evidenciando a fragilidade e a instabilidade da união. A decisão de Zacarias de formar um novo relacionamento logo após a morte da filha revela a falta de apoio emocional e a desconexão entre o casal. **"Mas quando minha menina faleceu ele não me quis mais. E daí ele se juntou com uma outra"**. A citação de receber uma casa da prefeitura sugeriu um momento de suporte institucional em meio às dificuldades pessoais. **"Logo ganhei uma casinha da prefeitura [...]"**.

No entanto, a descrição de Zacarias como um homem que a agrediu fisicamente, expõe uma realidade de violência doméstica. **"[...] O Zacarias era bastante brabo, ele era ruim e me deu martelada [...]"**. Este relato destacou a resiliência da idosa em lidar com perdas e violência, resultando na decisão de viver sem um parceiro. **"Agora não quero mais homem"**. Evidencia-se, portanto, que

essas falas revelam as complexidades e os desafios enfrentados pela Idosa 4 em seu relacionamento, destacando sua luta por segurança e dignidade diante das adversidades.

A Idosa 5 compartilhou uma história de fidelidade e compromisso, tendo namorado apenas um homem com o qual se casou e está junto até hoje. **“Eu só namorei um homem e me casei e tô até hoje. Cuido dele que está enfermo, mas não é fácil”**. A dedicação em cuidar do marido enfermo revela um profundo senso de responsabilidade e amor, apesar dos desafios diários. A menção de que **“não é fácil”** destaca as dificuldades e sacrifícios envolvidos no cuidado de um parceiro doente, evidenciando a resiliência e a força da idosa. Deste modo, as narrativas apontaram a importância do vínculo e do compromisso em um relacionamento duradouro, bem como a capacidade de enfrentar adversidades com coragem e dedicação.

A Idosa 6 descreveu uma relação conjugal marcada por alegria e celebração:

Idosa 6: Eu fiquei viúva com 52 anos, o meu marido gostava de festa e baile e eu falava, se acalma, veio, nós já estamos na idade de ficar em casa (risos). Eu falava para ele e ele adorava isso, sabe? Porque eu dancei, aproveitei a vida de casada com ele, ele adorava essas coisas [...]. Não, me casaria novamente. O meu sempre foi de eu não querer homem, depois do pai dos meus filhos.

Ela se tornou viúva aos 52 anos, e relembra com carinho os momentos de festa e baile que compartilhou com o marido. A sua fala, que inclui um toque de humor ao pedir para ele se acalmar, demonstra a leveza e o companheirismo presentes no relacionamento. **“O meu marido gostava de festa e baile e eu falava, se acalma veio, nós já estamos na idade de ficar em casa”**. A lembrança de que ele adorava dançar e aproveitar a vida juntos sublinha a cumplicidade e a felicidade compartilhada, evidenciando um casamento vivenciado de forma plena e alegre, ademais ela fez questão de mencionar que nunca mais desejou se casar novamente. Nesta perspectiva, as falas manifestaram a importância dos momentos de diversão e cumplicidade no relacionamento, e mostram como a idosa valoriza as memórias felizes de seu tempo com o marido.

A Idosa 7 expressou uma história marcada por perdas significativas e resiliência diante da adversidade.

Idosa 7: O pai dos meus filhos, faleceu com 50 anos e eu ia fazer 40. Daí fiquei 8 anos sozinha. Depois me casei novamente, com um policial reformado, mas morreu faz 11 anos. Tive 2 maridos, agora não vou mais me casar. O primeiro marido faleceu de infarto fulminante e o segundo

de tumor no cérebro [...]. A única coisa que me derrotou, que me deu a depressão, foi na morte dos meus dois maridos [...]. Quando faleceu o segundo, fiquei oito dias internada [...]. Até hoje tomo remédio para depressão.

Ela perdeu o primeiro marido aos 40 anos, vítima de um infarto fulminante. Após permanecer oito anos sozinha, casou-se novamente com um policial (afastado da ativa), que faleceu há onze anos em decorrência de um tumor no cérebro. Essas experiências de luto profundo causaram uma depressão severa, ao ponto de ser internada por 8 dias após a morte do segundo marido, e ainda hoje, ela toma remédios para tratar a depressão. **“Quando faleceu o segundo, fiquei oito dias internada [...]. Até hoje tomo remédio para depressão”.**

A fala da idosa revela a profundidade do impacto emocional dessas perdas e sua luta contínua para lidar com a tristeza e a depressão. **“Tive 2 maridos, agora não vou mais me casar. O primeiro marido faleceu de infarto fulminante e o segundo de tumor no cérebro [...]”.** O fato de ter decidido não se casar novamente reflete a dificuldade de superar tais tragédias e a busca por estabilidade emocional. Seu relato é um testemunho da força e da perseverança ao enfrentar a dor e a solidão. Observamos pelo seu relato a importância do apoio emocional e da compreensão das complexidades do luto e da depressão, especialmente entre pessoas idosas.

A Idosa 8 relatou uma trajetória marcada por relacionamentos afetivos impactados pelo alcoolismo, começando com o primeiro companheiro, com quem conviveu por seis anos sem oficializar o casamento, como exemplifica o seguinte trecho:

Idosa 8: Não deu certo com os parceiros devido à bebida. Eu sofri com o meu primeiro relacionamento. A gente não casou, mas, eu vivi uns 6 anos com ele. Daí não fui mais suportando porque ele começou a beber. [...] às vezes me pego olhando o portão da minha casa, lembrando quando ele chegava bêbado, caía no canto do portão e ficava caído. Ele não era bravo porque eu levantava ele, e falava assim, oh, infeliz, levante daí, enfiava ele lá dentro do banheiro e ligava o chuveiro. E depois mandava ele dormir em outro quarto. Os outros relacionamentos também não deram certo. [...] tenho 2 filhos do primeiro relacionamento e dois de pais diferentes. Criei meus filhos trabalhando, nunca pedi nada para ninguém.

A participante relembrou o sofrimento causado pela bebida e como não pôde mais suportar a situação. A imagem dela olhando para o portão é tocante, mostrando o impacto duradouro dessas experiências na sua vida. **“[...] às vezes me pego olhando o portão da minha casa, lembrando quando ele chegava bêbado, caía**

no canto do portão e ficava caído". Apesar do comportamento prejudicial do parceiro, ela mostra uma atitude prática e resiliente, levantando-o e ajudando-o a se recompor, mas impondo limites ao fazê-lo dormir em outro quarto: ***"oh, infeliz, levante daí, enfiava ele lá dentro do banheiro e ligava o chuveiro. E depois mandava ele dormir em outro quarto"***.

Sua narrativa, ao abordar os demais relacionamentos — igualmente marcados por dificuldades decorrentes do alcoolismo — evidencia um padrão recorrente de experiências afetivas fragilizadas por essa problemática. A idosa também ressaltou sua força e independência ao criar sozinha seus quatro filhos — dois do primeiro relacionamento e dois de pais diferentes — sem jamais recorrer à ajuda de terceiros. ***"Criei meus filhos trabalhando, nunca pedi nada para ninguém"***. Diante desse relato, constatamos a capacidade de superação da Idosa 8 e sua determinação em ser provedora de sua família, apesar das adversidades enfrentadas nos relacionamentos.

A Idosa 9 narrou uma história de amor duradouro e realização pessoal. ***"A gente se gostava desde criança, sou casada há 43 anos, sou feliz, tive 3 filhos"***. Segue a narrativa:

Idosa 9: Fugi de casa com 15 anos e me casei, mas, não com vestido de noiva. A gente se gostava desde criança, sou casada há 43 anos, sou feliz, tive 3 filhos. Tinha duas filhas mulheres e tinha um sonho de ter um filho homem. [...] eu fiz voto com Deus, esperei dois anos e veio filho homem. A menina estava com 12 anos quando veio filho homem. Queria um filho homem e veio mesmo [...]. Tenho vida sexual ativa com meu esposo.

Fugir de casa aos 15 anos ***"fugi de casa com 15 anos"*** para se casar com alguém que conhecia desde a infância demonstra uma forte conexão emocional e coragem. O fato de estarem casados há 43 anos e serem felizes juntos enfatiza a solidez e a intensidade do relacionamento. ***"Sou casada há 43 anos, sou feliz, tive 3 filhos"***. A Idosa 9 mencionou o desejo de ter um filho homem, ***"tinha duas filhas mulheres e tinha um sonho de ter um filho homem"*** que foi realizado após fazer um voto com Deus e esperar dois anos.

A chegada do filho homem, quando a filha mais velha tinha 12 anos, é um momento importante de realização de um sonho pessoal. A idosa também destaca a continuidade de uma vida sexual ativa com o esposo, o que sugere uma relação íntima e saudável mesmo após muitos anos de casamento. ***"[...] Tenho vida sexual ativa"***

com meu esposo". Desse modo, observamos a importância do amor, da fé e da perseverança na vida da idosa e como esses fatores contribuíram para a felicidade e realização pessoal da entrevistada.

A Idosa 10 descreveu uma vida conjugal repleta de contradições e descontentamentos.

Idosa 10: Eu morava em fazenda e tinha que ir no hospital de trator para ter os filhos, ele trabalha fazendo cerca nos matos [...]. Eu não me considero feliz. Eu converso com as pessoas, dou risadas, mas eu acho que eu não sou feliz. Porque, eu me casei com uma pessoa que não era para casar. Eu não gostava dele, às vezes a gente toca nisso. Antigamente, os filhos tinham que casar com aquele que os pais escolhiam. Eu não sou feliz [...]. Faz 15 anos que dormimos juntos, mas como se fosse irmãos. Às vezes tenho vontade de conhecer outro homem e ser feliz, mas a gente pensa, porque a gente é casada [...] tem que ter o respeito, uma vez, ele não me respeitou, tinha outra mulher, aí que eu garrei nojo. Dormimos juntos, se damos bem, vamos nos bailes e tudo, ele me leva nas festas, converso com todo mundo, ele não liga. [...] Diz que a gente tem que perdoar, para ser perdoada. Mas, esse aí é só Deus que sabe.

Morando na fazenda e enfrentando dificuldades como ter de ir ao hospital de trator para dar à luz, ela expõe a dura realidade que marcou a sua trajetória de vida. **"Tinha que ir no hospital de trator para ter os filhos"**. Embora mantenha um convívio social e pareça alegre para os outros, ela confessa que não se considera feliz. **"Eu converso com as pessoas, dou risadas, mas eu acho que eu não sou feliz"**.

O casamento, arranjado pelos pais, foi marcado pela falta de amor e conexão emocional desde o início. Ela menciona que, apesar de viverem juntos há 15 anos, eles dormem **"como se fosse irmãos"**, sem intimidade. **"Faz 15 anos que dormimos juntos, mas como se fosse irmão. Às vezes tenho vontade de conhecer outro homem e ser feliz"**. O desejo de conhecer outro homem e ser feliz revela a insatisfação com o atual companheiro, acentuada pelo fato de o marido ter tido outra mulher, o que gerou um profundo ressentimento. Mesmo assim, eles mantêm uma convivência cordial, indo a bailes e festas juntos, mas a infidelidade do marido criou uma barreira emocional difícil de superar.

A fala da Idosa 10 destacou a complexidade das relações humanas, especialmente em contextos marcados por casamentos arranjados e experiências de traição. A menção ao perdão, como uma luta interna, revela sua tentativa de alcançar paz e elaborar os conflitos vividos. Suas experiências refletem uma busca constante por felicidade e realização pessoal, mesmo diante das adversidades.

Nesse sentido, Beauvoir (2018) observa que a mulher, historicamente designada à função reprodutiva, tem sua existência marcada por uma realidade de submissão. Além disso, sua vida é tradicionalmente centrada no lar, voltada ao cuidado dos filhos e à atenção ao esposo. Tal perspectiva pode ser ilustrada pelas seguintes falas:

Idosa 2: A gente, toda a vida, só trabalhando, não sabia o que era passeio. Morava na roça e trabalhava na roça [...].

Idosa 3: Então eu pedia para ele, o que você quer meu amor? Você quer, beber alguma? [...]

Idosa 4: [...] o Zacarias era bastante brabo, ele era ruim e me deu martelada [...].

As narrativas das idosas entrevistadas revelaram a diversidade das vivências conjugais, permeadas por desafios, perdas, momentos de felicidade e demonstrações de força. Desde relações marcadas por conflitos até uniões harmoniosas e repletas de cumplicidade, cada história expressa a singularidade das trajetórias individuais. O casamento, para muitas, representou tanto um espaço de construção de vínculos quanto um campo de enfrentamento de adversidades, como luto, violência, infidelidade e dificuldades financeiras.

Embora haja diferenças significativas entre as experiências relatadas, um elemento comum se destaca: a força e a capacidade de adaptação diante das dificuldades. Seja na busca por estabilidade emocional, no cuidado dedicado ao parceiro ou na decisão de seguir sozinhas, as idosas demonstraram notável determinação. Suas narrativas evidenciam a importância do afeto, da parceria e da autonomia na construção de relacionamentos saudáveis.

Assim, essas histórias constituem um testemunho valioso da riqueza das experiências vivenciadas pelas entrevistadas, revelando que, mesmo diante das adversidades, é possível encontrar caminhos de alegria, superação e crescimento pessoal.

Neste item, compartilhamos as experiências conjugais das entrevistadas. No próximo, apresentaremos os espaços de sociabilidade e lazer vivenciados por essas mulheres.

4.3 Espaço de sociabilidade e lazer

Perguntamos às mulheres se participavam de algum outro espaço na comunidade onde residem, com a finalidade de entender se frequentavam locais além do CRAS. Percebemos que, quando não estão em casa realizando suas atividades diárias, seus momentos de descontração geralmente se resumem a espaços religiosos ou visitas aos vizinhos. Isso pode ocorrer tanto pela carência de atividades que promovam maior interação dessas idosas com a comunidade local em que estão inseridas, quanto por uma escolha pessoal. Conforme relatos:

Idosa 1: Vou na igreja evangélica [...] e outros lugares que minha filha me leva e nas minhas vizinhas tomar chimarrão.

Idosa 2: Eu vou na igreja católica, para eu perder só se eu esteja muito doente [...].

Idosa 3: Vou na igreja católica direto, Deus o livre, não perco. Vou na casa dos filhos, na casa das vizinhas.

Idosa 4: Às vezes vai, vou no baile dos idosos. Vou no remanso da Pedreira, vou, na catedral, na cidade

Idosa 5: Algumas vezes vou para igreja evangélica. Agora estou cuidando do meu esposo que está muito doente, mas, não é fácil. [...] São as pessoas que vem na minha casa.

Idosa 6: Vou na igreja católica e no grupo do CRAS, a única diversão, não saio para outro lugar [...].

Idosa 7: Vou na missa. Antigamente eu ia muito no céu das artes, mas daí no inverno comecei a deixar de ir porque é muito frio para levantar cedo. [...] ou pagar internet, vou nas lojas, vou no mercado [...].

Idosa 8: Eu vou na igreja católica. Eu vou no céu das artes e viajo com eles. Passeio bastante. Nunca tive uma felicidade boa assim, sabe? Eu agora que eu sou feliz, porque não sei se você viu falar no céu das artes [...] as eles ensinam arrumar cabelo, fazer a unha. E eu sou a primeira que eu entro.

Idosa 9: Eu participo do CRAS e vou na igreja evangélica. Na igreja que nós fazemos, encontros do Círculo de Oração [...].

Idosa 10: Eu vou no céu das artes, dançar com os idosos. [...] cuido das minhas flores, então é assim, a gente sai, quando tem o dinheiro eu saio para ir em baile. [...] Vai ir onde, daí sem dinheiro, sem nada.

A maior parte das interações sociais das idosas ocorre em ambientes religiosos e em espaços comunitários, como o “Céu das Artes”, espaço conhecido por integrar diversos programas e ações em um único local, oferecendo oportunidades de

desenvolvimento para a comunidade, como cultura, esporte, formação profissional, serviços socioassistenciais, inclusão digital e prevenção à violência. Além disso, as idosas mantêm contato durante visitas aos filhos e vizinhos.

A carência de outras opções de lazer pode ser atribuída às limitações de mobilidade decorrentes da idade avançada, à oferta reduzida de atividades específicas para idosos na comunidade local e, sobretudo, à pobreza, que restringe o acesso a outros espaços de sociabilidade. A pobreza exerce papel significativo na vida dessas mulheres, influenciando suas escolhas de lazer e interação social, uma vez que as limitações financeiras dificultam a participação em atividades pagas, gerando uma maior dependência de espaços gratuitos, como igrejas e centros comunitários.

Adicionalmente, os problemas enfrentados pelos filhos, como doenças, desemprego e dependência química, impõem uma carga extra a essas mulheres, que frequentemente assumem papéis de cuidadoras e apoiadoras mesmo na terceira idade. Esse contexto de vulnerabilidade social limita não apenas a mobilidade, mas também o acesso a uma variedade maior de atividades que poderiam proporcionar enriquecimento cultural e social. Em contrapartida, a resiliência dessas mulheres é evidente, pois continuam buscando e valorizando o apoio da comunidade, encontrando alegria e satisfação nas pequenas interações do cotidiano.

Por fim, perguntamos às participantes sobre a contribuição do CRAS em suas vidas, e todas demonstraram satisfação. A seguir, destacamos algumas de suas falas:

Idosa 1: O CRAS, para mim é muito importante. Eu consegui através do CRAS, castrar minhas gatinhas [...] eu tenho baixa renda de água, de luz, né? Se não fosse o CRAS, não sabe lá quanto a gente ia pagar [...].

Idosa 2: Eles ajudam nos remédios, fazer documento. [...] nós fazemos pintura também.

Idosa 3: Vou no CRAS direto, faz dois anos. [...] bordamos, pintamos, fazemos tudo que é coisa lá até dançamos. O CRAS que leva e traz. Adoro, adoro, adoro. Eu não posso ficar longe. Não posso ficar um dia, dois.

Idosa 4: Eu me divirto, no CRAS. Às vezes eu choro em casa, venho aqui fico alegre. Todas as pessoas me querem bem.

Idosa 5: O CRAS é para mim muito bom. Quando eu preciso eles me ajudam. Também tenho muitas amigas. Participei de palestra que falam do envelhecimento [...] mas não lembro o que falaram.

Idosa 6: Eu gosto de ir no CRAS porque lá você se diverte um pouco. [...] a gente dança entre senhoras, né? Mas assim, você troca ideias com as amigas. [...] lá no CRAS, dão palestras [...]. Mas eu gosto das explicações deles, porque é bom a gente saber, pois nunca ocupa lugar. [...] falaram várias vezes, sobre envelhecimento, mas a gente não guardo na memória.

Idosa 7: Vou no CRAS, com minha amiga, eu que a convidei para ir. [...] É um encontro de alegria [...] eles trabalham para mexer o nosso cérebro. Tem o bingo, Jogos, brincadeira, dança [...]. Falam sobre o envelhecimento.

Idosa 8: O CRAS ajuda bastante. [...] eu presto atenção. [...] sobre o envelhecimento feminino, parece que uma mulher falou [...].

Idosa 9: Eu tenho um amor muito grande pelo CRAS. [...] São todas pessoas que têm bastante paciência com a gente. [...] já tivemos palestra sobre idosos. Até o livro dos idosos, ganhamos [Estatuto do Idoso].

A partir da interpretação das narrativas das idosas, compreendemos que, em sua percepção, ocorreram mudanças significativas após o início da participação nos serviços do CRAS, especialmente porque esse espaço proporciona momentos de lazer, distração, além de possibilitar o estabelecimento de amizades e o acesso aos serviços oferecidos pelas assistentes sociais.

Nesse contexto, observamos que os serviços prestados pelo CRAS representam uma alternativa valiosa dentro da comunidade, pois incentivam a participação ativa das idosas e valorizam o conhecimento e a experiência que cada uma traz consigo. Além disso, é fundamental destacar o papel dessas mulheres na participação efetiva nas questões sociais e na defesa de seus direitos, por meio de conselhos, conferências e organizações comunitárias.

Assim, torna-se essencial que os profissionais envolvidos promovam uma educação emancipatória, que fortaleça a autonomia e o protagonismo dessas idosas. Ademais,

Desenvolver atividades socioeducativas e de convivência e socialização visando à atenção, defesa e garantia de direitos; Organizar, facilitar oficinas e desenvolver atividades individuais e coletivas de vivência nas unidades e/ou, na comunidade; Acompanhar, orientar e monitorar os usuários na execução das atividades; Apoiar na organização de eventos artísticos, lúdicos e culturais nas unidades e/ou na comunidade; Participar das reuniões de equipe para o planejamento das atividades, avaliação de processos, fluxos de trabalho e resultado; Desenvolver atividades que contribuam com a prevenção de rompimentos de vínculos familiares e comunitários, possibilitando a superação de situações de fragilidade social vivenciadas; Acompanhar o ingresso, frequência e o desempenho dos usuários nos cursos para os quais foram encaminhados por meio de registros periódicos; Acompanhar e registrar a assiduidade dos usuários por meio de instrumentais

específicos, como listas de frequência, atas, sistemas eletrônicos próprios, etc. (Brasil, 2022, p. 108)

A fala da Idosa 10 destaca a importância do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) na vida das mulheres idosas, especialmente, em contextos de vulnerabilidade social. O CRAS se revela um espaço fundamental para a socialização, oferecendo atividades recreativas, como dançar e brincar com outros idosos, que proporcionam momentos de descontração e alívio das preocupações cotidianas. Exemplificando:

Idosa 10: Eu vou no CRAS dançar com os idosos, brincar com eles. É isso que me distraí. [...] o CRAS, eu acho que, ele ajuda, eu só uma vez que eu pedi umas coisas que eu precisava, que eu não tinha nada para colocar nas panelas [...] eu fui lá chorando, como eu nunca chorei na minha vida [...] mas, aquele dia foi pior. Daí a vizinha do lado foi junto comigo lá, eu trouxe uma cesta. Para fazer um arroz com feijão para poder levar a marmitta para ir para serviço.

Além das atividades sociais, o CRAS apresenta um papel de elevada importância apoio material e emocional. A Idosa 10 relata um momento de extrema necessidade, quando buscou ajuda alimentar no CRAS. O relato de ter ido ao centro chorando, acompanhada por uma vizinha solidária, evidencia a gravidade da situação e ressalta a importância do CRAS como uma rede de apoio. A cesta básica recebida não apenas garantiu uma refeição, mas também permitiu que ela levasse marmitta para o trabalho, demonstrando como a assistência do CRAS pode impactar positivamente a dignidade e a sobrevivência das famílias.

Santos (2021, p. 8) buscou compreender como ocorrem as novas formas de biopoder na velhice de mulheres. A pesquisa foi realizada no Centro de Convivência do Idoso (CCI) e no Chorinho da Praça Rio Branco “com o intuito de compreender os motivos que levam as idosas para tais espaços, o que as fazem permanecer, como entendem o “envelhecimento ativo”, entre outros espaços”. “Numa perspectiva geral, os resultados vêm apontando que as idosas buscam novas maneiras de socializar com o meio social após algum tipo de ruptura em sua vida pessoal, como: separação, morte, saída dos filhos de casa, etc. Isso contribui para sua curiosidade em vivenciar os espaços antes não frequentados, como um modo de silenciar a solidão e a carência que ainda se fazem presente nessa geração”.

Assim, o CRAS configura-se como um pilar essencial na vida das idosas, oferecendo não apenas um espaço de convivência e lazer, mas também um suporte vital em momentos de necessidade. Sua atuação contribui para a promoção da

inclusão social, do bem-estar e da qualidade de vida dessas mulheres, fortalecendo o tecido comunitário e proporcionando uma rede de apoio indispensável. O CRAS desempenha uma função fundamental na promoção da saúde, do bem-estar e da inclusão social das pessoas idosas, oferecendo serviços socioassistenciais voltados para a prevenção de agravos, o fortalecimento dos vínculos familiares e sociais, além da promoção da autonomia e da participação social dos idosos. Entre os diversos serviços oferecidos, destacam-se: atenção e prevenção; fortalecimento de vínculos; promoção da autonomia; envelhecimento saudável; e o acesso a programas e benefícios (Quadro 8).

Quadro 8 - Serviços prestados pelos CRAS

Atenção e prevenção	Atua na identificação e acompanhamento de casos de violência e negligência contra idosos, oferecendo também suporte e orientação para prevenir situações de vulnerabilidade social, como a ausência de acesso a serviços essenciais e a exclusão social.
Fortalecimento de vínculos	Desenvolve ações que promovem a convivência e integração entre os idosos, estimulando a interação social e o fortalecimento dos laços familiares e comunitários, elementos fundamentais para o equilíbrio emocional e a saúde física
Promoção da autonomia	Realiza ações que promovem a convivência e interação entre idosos, estimulando a socialização e fortalecendo os laços familiares e comunitários, fundamentais para o equilíbrio emocional e a saúde física.
Envelhecimento ativo e saudável	Realiza iniciativas que incentivam a prática de atividades físicas, a integração social e o envolvimento em projetos que favorecem um envelhecimento ativo e saudável
Acesso a programas e benefícios	Viabiliza o acesso dos idosos a programas sociais, como o Benefício de Prestação Continuada (BPC), que assegura uma renda mínima para pessoas idosas e com deficiência em condição de vulnerabilidade

Fonte: Adaptado de Prefeitura de Pato Branco (2024).

No contexto de Pato Branco, PR, o CRAS local desempenha um papel de elevada importância no acesso ao bem-estar da população idosa, proporcionando um espaço de apoio, orientação e interação social que contribui para um envelhecimento mais digno, saudável e pleno. Neste item apresentamos espaço de sociabilidade e lazer e a importância do CRAS na vida das entrevistadas, a seguir apresentaremos os impactos do envelhecimento na saúde dessas mulheres.

4.4 Como as mulheres percebem as mudanças físicas e de saúde ao longo do envelhecimento, incluindo cuidados com o corpo

Neste item, analisamos como as dez mulheres entrevistadas percebem as mudanças físicas e de saúde ao longo do envelhecimento, incluindo os cuidados com o corpo. Conforme os dados da pesquisa, constatamos que as idosas de 64, 75, 77 e 81 anos relataram estar saudáveis. Em contrapartida, as idosas 1 (66 anos), 2 (88 anos), 3 (93 anos), 4 (63 anos), 9 (64 anos) e 10 (65 anos) enfrentam problemas de saúde. Isso indica que, entre as mulheres na faixa dos 60 anos, apenas uma (Idosa 5) declarou gozar de boa saúde. Esses resultados sugerem que, para as entrevistadas, o avanço da idade não implicou necessariamente um aumento na prevalência de doenças, indicando que outros fatores podem estar influenciando esse aspecto.

Vieira (2022, p. 20), em sua dissertação sobre a “autopercepção do envelhecer”, destaca que o impacto do envelhecimento na saúde de mulheres acima de 60 anos nos coloca diante de um cenário de fragilidade, ao mesmo tempo em que revela inúmeros aspectos que fogem ao nosso controle. É preciso reconhecer que “envelhecer não afeta apenas a mudança da aparência, mas traz comprometimentos físicos, perda da independência, além de envolver aspectos emocionais, financeiros e cognitivos. Portanto, são muitos os fatores que tornam esta fase da vida delicada”.

Concordamos com Vieira (2022), pois, de fato, o envelhecimento afeta as mulheres acima de 60 anos de maneira abrangente. Essa fase não se resume à alteração da aparência física, mas envolve uma série de desafios, como fragilidade física, perda da independência e impactos emocionais, financeiros e cognitivos. Muitas dessas mudanças são inevitáveis e estão além do nosso controle, reforçando a vulnerabilidade associada ao envelhecimento. Por isso, essa etapa da vida requer atenção e compreensão.

As falas das idosas entrevistadas revelam uma complexa interseção entre doença e resiliência. Apesar dos inúmeros problemas de saúde enfrentados, elas demonstram uma notável capacidade de adaptação e um espírito de luta que se reflete nas atividades diárias.

A Idosa 1, mesmo convivendo com diversas condições médicas, expressou felicidade por ainda conseguir caminhar e falar, algo que valoriza especialmente em comparação a pessoas em situações mais debilitantes. Suas atividades domésticas,

como lavar roupa e fazer pão, indicam um esforço constante para manter uma vida ativa e produtiva, conforme relatou:

Idosa 1 (66 anos): Sou muito doentinha desde criança, tenho problema de estômago, hérnia, diabetes, vesícula e respiratório (tuberculose), ataque epilético. Apesar de tudo isso, eu sou feliz porque eu caminho, eu falo. Enquanto tem gente numa cadeira de roda não pode caminhar, e tem gente que nem fala [...]. Me aposentei com 36 anos por causa de doença [...]. Eu lavo roupa, eu lavo louça, eu faço pão, eu limpo as minhas coisas tudo por cima, eu faço comida só para passar pano que eu sofro por causa da asma [...].

A Idosa 2, aos 88 anos, enfrenta problemas respiratórios e dores pelo corpo, mas mantém-se ativa, dedicando-se ao cultivo e ao plantio. Seu relato destaca que a inatividade intensifica as dores, evidenciando a importância do movimento para preservar sua funcionalidade. **“Tenho problemas de respiração, dores no corpo [...], mas, eu carpo, planto, eu faço tudo. Não posso parar. Se eu sentar me doí todo o corpo”.**

A Idosa 3, aos 93 anos, relatou uma experiência recorrente com hospitalizações e a necessidade de medicamentos para o coração e pressão. Mesmo assim, ela continua sua rotina, com apoio da filha, demonstrando a importância do suporte familiar. **“Eu já fui quantas vezes, que nem morta para o hospital. Eu tomo remédio para coração, eu tomo remédio da pressão, se eu fico nervosa, eu fico cega, aqui se eu pegar um, acho que eu rasgo [...]. Moro com a filha”.**

A Idosa 4, apesar dos problemas auditivos e da dependência alcoólica, encontra formas de suprir suas necessidades financeiras, como distribuir panfletos e catar latinhas. Essas atividades refletem sua busca por autonomia e sustento. **“Sou surda de um ouvido [...] mas, mesmo assim entreguei panfleto nas eleições [...], cato latinhas”, depois vou no bar tomar minhas cervejinhas”.**

A Idosa 5 recebe benefícios do INSS devido a problemas de saúde. Embora não tenha detalhado suas atividades, sua situação evidencia a importância da assistência social para enfrentar as dificuldades enfrentadas. **“[...] recebo um benefício, do INSS, que eu tenho um problema de saúde, que o advogado me ajudou receber”.**

A Idosa 7, aos 81 anos, enfrenta depressão após a perda dos maridos, mas mantém uma rotina independente, pois realiza suas tarefas do dia a dia sem depender de ninguém. Sua fala evidencia a importância da autonomia para a saúde mental:

Idosa 7 (81 anos): A única coisa que me derrotou, que me deu a depressão, foi na morte dos meus dois maridos [...]. Pego a lotação aqui, vou lá no centro, vou na missa, vou pagar internet, vou nas lojas, vou no mercado, e daí volto para casa. Faço todo meu serviço sem depender de ninguém.

A Idosa 8, após perder a capacidade de trabalhar devido a uma lesão no ombro, continua dedicada às atividades domésticas, demonstrando resiliência e capacidade de adaptação. **“Perdi meu ombro. Ele desombrou, foi operado. Daí não pude mais trabalhar. Mas o serviço da casa eu faço”.**

A Idosa 9, que enfrentou AVC e câncer, considera-se feliz e bem, após ter superado estas doenças, reforçando um olhar positivo frente à vida apesar das adversidades:

Idosa 9 (64 anos): [...] me deu quatro, ameaça de AVC, primeiro com sequela, com paralisia facial, depois com sequela na cabeça, mas ainda me considero uma mulher feliz, fui operado câncer, labial, e estou bem agora, feliz mesmo.

A Idosa 10, lidando com depressão, encontra conforto em cuidar da casa e das flores, atividades que provavelmente ajudam a manter seu equilíbrio emocional. **“[...] tem dia que eu tomo remédio para a depressão [...]. Eu limpo a minha casa, cuido das minhas flores [...].**

As falas de nossas entrevistadas, ao abordarem suas doenças, confirmam o que foi preconizado por Papaléo Neto (2002, p. 10): “[...] o envelhecimento é um processo no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte”. Conforme Teixeira (2017, p. 136), “a grande maioria dos trabalhadores idosos, no Brasil, principalmente entre os mais pobres; chefiam suas famílias; têm baixo nível de escolaridade e maior incidência de doenças e dificuldades funcionais”.

Observamos nos relatos das 10 participantes que, mesmo diante de desafios significativos impostos pela saúde e pela idade avançada, essas mulheres demonstraram força, resiliência e profunda capacidade de adaptação. Seja pela busca de autonomia, pela manutenção das atividades cotidianas ou pelo apoio familiar, cada história destaca diferentes formas de enfrentar as adversidades e encontrar significado na vida. Assim, percebe-se que a saúde após os 60 anos vai além da ausência de doenças; envolve um equilíbrio delicado entre condições físicas,

emocionais e sociais, ressaltando a importância de valorizar e promover a qualidade de vida em todas as suas dimensões.

Neste item, destacamos os impactos do envelhecimento na saúde de mulheres acima de 60 anos. No próximo, analisaremos como essas mulheres vivenciam o envelhecimento e compreendem suas perspectivas sobre o futuro.

4.5 Como as mulheres idosas vivenciam o processo de envelhecimento e suas perspectivas em relação ao futuro

Neste item vamos analisar como as mulheres entrevistadas vivenciam o processo de envelhecimento. Afinal, compreender como ocorre o processo de envelhecimento é importante para repensar as construções sobre o envelhecer e, neste sentido, conforme Vieira (2022, p. 20), “atribuir ao envelhecimento da mulher seu verdadeiro significado: uma etapa da vida”.

As percepções sobre o envelhecimento relatadas pelas mulheres participantes variam consideravelmente. Algumas destacam a importância da autonomia e da atividade, enquanto outras mencionam os desafios físicos e as mudanças na capacidade de realizar tarefas cotidianas. Enquanto umas aceitam a velhice com naturalidade, reconhecendo as limitações impostas pela idade, outras se recusam a aceitar a velhice. Corroborando com a fala,

Idosa 1 (66 anos): Não, não me considero idosa, eu lavo roupa, eu lavo louça, eu faço pão, eu limpo as minhas coisas [...] faço comida só para passar pano que eu sofro por causa da asma [...] às vezes eu uso até com oxigênio em casa. Eu uso três bombinhas por dia, o inalador e o oxigênio. [...] muitos dizem, que estou no fim da vida [...] eu estou plantando muda de fruta [...].

A Idosa 1 enfatiza sua capacidade de realizar tarefas diárias, como lavar roupa, louça, fazer pão e limpar a casa. Isso reflete sua necessidade e desejo de manter sua independência, mesmo enfrentando problemas de saúde. Apesar dos desafios relacionados à asma e a necessidade de uso de oxigênio e inaladores, ela continua ativa e envolvida em suas atividades diárias. Ela não se considera uma pessoa idosa, o que mostra sua percepção positiva e sua recusa em se definir pelos estereótipos do envelhecimento. Ao mencionar que está plantando mudas de frutas, ela demonstra uma visão otimista do futuro e uma continuidade de projetos e atividades, desafiando a ideia de estar no **“fim da vida”** que outros podem ter. Além

disso, ela mostra determinação ao continuar suas atividades diárias, apesar das dificuldades de saúde. A importância de manter sua autonomia é clara, pois ela valoriza sua capacidade de cuidar de si mesma e de suas responsabilidades domésticas. Ao plantar mudas de frutas, ela manifesta esperança e um olhar positivo para o futuro, o que pode ser terapêutico e motivador.

Para Debert (1999, p. 26), “a velhice é um “estado de espírito”, pois ao seu ver há uma unanimidade ao estabelecer que a velhice é “um problema de outros que se comportavam como velhos, mesmo que com menos idade”.

A Idosa 2 enfatiza a necessidade de continuar trabalhando, realizando tarefas como capinar e plantar. Isso revela uma forte ética de trabalho e uma necessidade de se manter ativa, conforme trecho:

Idosa 2 (88 anos): Eu tenho que estar trabalhando. [...] aquelas do posto de saúde brigam comigo quando vão lá, dizem que assim não vou sarar. Não tem quem faça, né? Eu carpo, planto, eu faço tudo. Não posso parar. Não posso parar se eu sentar me dói todo o corpo. [...] para mim, acho que com 60 anos e pouco já é idosa, né? [...] eu sou idosa. Não é mais como a gente era o primeiro, né? Que a gente podia trabalhar, podia fazer muita coisa.

Apesar das recomendações dos profissionais de saúde para que a Idosa 2 descanse, ela sente que não pode parar, pois tem dor no corpo quando está inativa. Ela se reconhece como idosa, especialmente, quando compara sua capacidade atual com a de tempos passados, quando podia trabalhar sem tantas limitações. Ela mostra uma teimosia em continuar suas atividades, refletindo uma forte autossuficiência e determinação em não depender de outros. Ademais, aceita sua condição de idosa, mas lamenta as limitações físicas que acompanham o envelhecimento. Mesmo reconhecendo suas limitações, a idosa mantém um senso de dignidade e orgulho em continuar realizando suas tarefas.

A fala da Idosa 2 destaca a luta constante entre a necessidade de se manter ativa e as limitações impostas pela idade avançada e problemas de saúde. Sua teimosia em continuar trabalhando, apesar das recomendações médicas, reflete uma resistência comum entre idosos que valorizam a independência e a autossuficiência. Além disso, sua aceitação da condição de idosa, ao mesmo tempo que lamenta a perda de capacidades, é uma demonstração de realismo e resiliência frente ao processo de envelhecimento.

A Idosa 3 reconhece e aceita sua condição de idosa, expressando gratidão a Deus por isso,

Idosa 3 (93 anos): Sou idosa mesmo, graças a Deus. Mas eu sou feliz. Eu já passei muitas lutas [...] conheço muitas mulheres velhas, parece que elas são desgostosas da vida, né? [...] todos me tratam bem, no passado sofri muito. [...] mas, agora, eu me sinto feliz, não tenho queixa de ninguém [...].

A fala da Idosa 3 revela uma aceitação serena do envelhecimento, acompanhada de um profundo sentimento de gratidão e felicidade. Sua experiência de vida, marcada por lutas e sofrimentos, não a impede de sentir-se satisfeita e bem tratada no presente. A comparação com outras mulheres idosas que parecem desgostosas da vida destaca a importância da resiliência e da capacidade de encontrar felicidade, mesmo em meio às adversidades. Ela demonstra que a felicidade no envelhecimento pode ser alcançada por meio da aceitação, gratidão e reconhecimento das próprias conquistas.

Debert (1994) e Beauvoir (2018) alertam que a velhice não precisa ser uma fase da vida desvalorizada, ela pode ser compreendida como uma fase de maturidade e sabedoria. **“Idosa 3 (93 anos): sou idosa mesmo, graças a Deus. Mas eu sou feliz”**. As pessoas envelhecem em conformidade com as condições econômicas sociais e culturais em que estão inseridas. **“Idosa 2 (88 anos): [...] para mim, acho que com 60 anos e pouco já é idosa, né? [...] eu sou idosa. Não é mais como a gente era o primeiro, né? Que a gente podia trabalhar, podia fazer muita coisa”**. Dessa forma, é indispensável modificar as condições para que a velhice seja percebida como uma fase benéfica da vida.

A Idosa 4 associa o envelhecimento com a perda de mobilidade e independência. Para ela, ser idosa significa não poder mais fazer as coisas por si mesma e depender dos outros:

Idosa 4 (63 anos): Não me acho uma pessoa idosa, porque eu me viro sozinha e eu corro e não depende dos outros. Idosa é trapo. Então a pessoa não pode mais com as pernas e eu posso ainda. A pessoa idosa, não trabalha mais e tem que depender dos outros.

A Idosa 4 não se considera idosa, pois acredita que ainda tem vitalidade e capacidade física, desafiando a noção tradicional do que significa ser idosa. A fala revela uma percepção bastante comum de resistência ao envelhecimento, onde a manutenção da autonomia e independência é vista como crucial para não se sentir

“idosa”. Seu comentário sobre ***“idosa é trapo”*** demonstra um estereótipo negativo associado ao envelhecimento, sugerindo que ela ainda não internalizou plenamente sua condição de pessoa idosa. Ao enfatizar suas capacidades físicas e independência, ela tenta distanciar-se dessa imagem negativa, o que revela tanto orgulho quanto uma luta interna contra os preconceitos associados à velhice.

Para a Idosa 5, a velhice é associada àqueles que têm mais de 90 anos, o que mostra uma visão diferenciada e pessoal do que significa ser idosa. ***“É que chega a idade e você vai criando as dorzinhas aqui e ali, né. Não me considero uma mulher idosa. Acho que eu tenho força para andar. [...] a gente não sabe o que que vai ser da vida [...]”***.

A fala da Idosa 5 reflete uma percepção complexa do envelhecimento, no qual pequenas dores são aceitas como parte do processo, mas não definem sua identidade como idosa. Sua visão de que ser idosa é algo que se aplica a pessoas acima dos 90 anos desafia as noções tradicionais de envelhecimento, enfatizando a importância da força e da vitalidade. Ela também expressa uma incerteza sobre o futuro, uma preocupação comum que pode ser amplificada pelo envelhecimento. No entanto, sua recusa em se considerar idosa mostra uma forte resistência à associação da idade com fraqueza e dependência, destacando sua resiliência e atitude positiva.

A fala da Idosa 6 reflete uma abordagem positiva e realista do envelhecimento. ***“Mas eu falo, já sou da terceira e quarta idade. [...] mas, o envelhecimento é uma coisa que eu já vivi meus 15, 20, 30, 40 anos. Daqui para a frente estou vivendo lucro de juventude, eu acho [...]”***.

A Idosa 6 menciona ter vivido várias fases da vida (15, 20, 30, 40 anos) e agora, aos 76 anos, se considera parte da ***“terceira e quarta idade”***. Ela vê o envelhecimento como um acúmulo de experiências e acredita que, a partir deste ponto, está vivendo um ***“lucro de juventude”***. A fala reflete uma aceitação do processo de envelhecimento com uma atitude otimista e gratidão pelas experiências vividas. Ainda, demonstra gratidão pelas décadas de vida que já viveu e valoriza as experiências acumuladas. Há uma aceitação realista do envelhecimento, sem amargura, mas com uma perspectiva positiva e enriquecedora. Sua atitude de gratidão e aceitação demonstra uma maturidade emocional e uma capacidade de encontrar alegria e significado em cada etapa da vida. Essa percepção positiva é fundamental para um envelhecimento saudável, tanto emocional quanto fisicamente.

A Idosa 7 menciona que, mentalmente, sente-se mais jovem, como se tivesse 50 anos, mas seu corpo, fisicamente, mostra os sinais do envelhecimento, conforme trecho:

Idosa 7 (81 anos): Me sinto idosa, sabe, na minha cabeça, eu não me sinto que eu tenho 81 anos. Eu me sinto que tenho 50, só que as dores no corpo aparecem. Quando a gente faz serviço assim, que nem o dia que eu limpo a casa, ou lavo a calçada, que a minha casa é muito grande, aí eu sinto dor de tarde, tenho que tomar um compromisso para calmar. Mas sinto que só que o corpo envelhece.

A Idosa 7 destacou as dores que surgem após realizar tarefas domésticas, especialmente devido ao tamanho da casa. A necessidade de tomar remédios para aliviar as dores demonstra uma aceitação prática das limitações físicas que acompanham a idade. A idosa experimenta uma desconexão entre como ela se sente mentalmente (jovem) e como seu corpo responde fisicamente (envelhecido). Apesar das dores, ela continua a realizar suas atividades, demonstrando uma forte determinação em manter sua independência. A fala mostra uma aceitação realista das dores e limitações que surgem com a idade, sem resignação, mas com uma compreensão prática da necessidade de adaptação. Essa fala sublinha a importância de encontrar um equilíbrio entre a manutenção da independência e a aceitação das limitações impostas pela idade.

A Idosa 8 reconhece sua condição de idosa, aceitando os 77 anos como parte dessa fase da vida. **“Pois, eu acho que eu sou idosa [...] 77 é idoso, né? Mas eu sou bem respeitosa, me respeitam, graças a Deus”.**

A Idosa 8 mencionou ser **“respeitosa”** e receber **“respeito dos outros”**, o que é um aspecto importante da sua percepção de envelhecimento. Ao destacar que é respeitosa, ela mostrou uma autovalorização, indicando que suas atitudes são reconhecidas e apreciadas pelos outros. A fala demonstra uma aceitação serena do envelhecimento, com uma percepção positiva baseada no respeito mútuo. Reconhecer a idade como um fator de identidade e receber o respeito dos outros são aspectos fundamentais para seu bem-estar. A sua gratidão pelo respeito recebido reflete uma relação harmoniosa com a comunidade e um senso de dignidade preservado, mesmo em uma fase avançada da vida. Essa atitude pode ser um fator crucial para uma experiência de envelhecimento saudável e positiva.

A Idosa 9 se considera jovem, apesar dos cabelos brancos, e valoriza a alegria e a recepção positiva que recebe das pessoas. Para ela, ser idosa é uma escolha

associada à falta de atividade e interação social. Ela acredita que manter um espírito jovem é essencial para não se sentir velha:

Idosa 9 (64 anos): Eu sou uma jovem ainda, agora que está branqueando os cabelinhos, nunca pinte e nunca vou pintar e me considero uma jovem. Tenho uma grande alegria, onde é que eu vou, eu sou bem recebida. [...] uma mulher idosa, eu acho que é aquela pessoa que não se ajuda, fica ali, não vou, não sai, não conversa, não pergunta [...]. Eu acho que a pessoa fica idosa porque a pessoa quer né, porque nós sempre temos que ter o pensamento de jovem, Espírito de jovem. [...] tenho vida sexual ativa com meu esposo.

A fala reflete uma percepção de juventude baseada na atitude mental e na atividade social. Ela rejeita a ideia de envelhecimento passivo, associando a velhice à falta de interação e atividade. Sua autopercepção de juventude é reforçada pela alegria que sente ao ser bem recebida pelas pessoas e pela manutenção de uma vida sexual ativa. Essa visão positiva e proativa do envelhecimento destaca a importância de uma mentalidade jovem e de se manter ativo e engajado socialmente para uma experiência de envelhecimento saudável e satisfatória.

Birman (1997) observa que, quando as pessoas são indagadas sobre a designação "velho", em geral, associam a uma idade específica ou alguns sinais, como cabelos brancos. ***“Idosa 9 (64 anos): “eu sou uma jovem ainda, agora que está branqueando os cabelinhos [...]”***. Em muitas situações o envelhecimento está vinculado aos pontos biológicos, desconsiderando outros elementos, como as histórias de vida, vivências e sentimentos.

A Idosa 10 não se vê como uma pessoa idosa aos 65 anos. Ela associa a juventude com atividades como sair, arrumar-se e vestir roupas que considera mais jovens. Ela expressa uma preocupação profunda com a velhice, evidenciada pela sua necessidade de tomar remédios para ansiedade ao pensar sobre o envelhecimento:

Idosa 10 (65 anos): Eu não me considero uma pessoa idosa. Eu gosto de sair [...] eu gosto de me arrumar, de me pintar [...] vestir mini saia, e vestido longo [...] em questão de envelhecimento? Eu vejo a minha mãe que é idosa ela tem 80 anos [...] eu vejo ela, coitadinha [...] daí, se eu começar a pensar [...] eu tenho que tomar remédio para ansiedade [...]. Eu digo, mãe, pelo amor de Deus, eu não quero ficar velhinha que nem a senhora, porque eu tenho uma filha, para cuidar [...] se eu ficasse velha, eu quero que Deus me tire de uma vez. A velhice me preocupa. Não aceito a velhice.

Ela usa a condição de sua mãe, que tem 80 anos, como referência do que ela não deseja para si mesma. Essa comparação intensifica seu medo da velhice. Há um sentimento de recusa em aceitar o envelhecimento, ao ponto de expressar o ***“desejo***

de não viver” para envelhecer, caso se torne dependente como a mãe. A fala da Idosa 10 reflete uma luta intensa contra o envelhecimento, marcada por medo e ansiedade. Sua recusa em se considerar idosa e a valorização de atividades associadas à juventude sugerem um conflito interno significativo. A comparação com a mãe idosa, que ela vê como **“coitadinha”**, aumenta seu medo de perder autonomia e dignidade. Além disso, a responsabilidade de **“cuidar da filha”** reforça seu desejo de manter-se jovem e independente. Esta fala destaca a importância de abordar o envelhecimento de forma saudável, buscando apoio emocional e psicológico para lidar com as ansiedades e medos associados a essa fase da vida.

As compreensões das mulheres entrevistadas sobre o envelhecimento refletem um entendimento profundo e abrangente deste processo. Como relataram, o envelhecimento não é apenas uma mudança física, mas envolve transformações biológicas, psicológicas, cronológicas e sociais. Cada idosa vivencia essas mudanças de maneira única e plural, uma observação que vai ao encontro com o pensamento de Simone de Beauvoir.

Segundo Beauvoir (2018), a velhice é tida como o resultado de um processo integral e amplo de mudanças, que modifica a relação do indivíduo com o tempo, o mundo e sua própria história. Nesta perspectiva existencial, o envelhecimento altera profundamente a maneira como os indivíduos interagem com o tempo e se relacionam com sua história pessoal, bem como com a sociedade em que estão inseridos.

As experiências compartilhadas pelas mulheres participantes da pesquisa ilustraram de maneira prática a teoria de Beauvoir. Esses relatos individuais fornecem uma dimensão empírica que enriquece e confirma a análise teórica da velhice como um fenômeno complexo.

Idosa 7 (81 anos): Na minha cabeça, eu não me sinto que eu tenho 81 anos. Eu me sinto que tenho 50, só que as dores no corpo aparecem.

Idosa 5 (64 anos): É que chega a idade e você vai criando as dorzinhas aqui e ali, né. Não me considero uma mulher idosa [...].

Idosa 3 (93 anos): Sou idosa mesmo, graças a Deus. Mas eu sou feliz. Eu já passei muitas lutas [...].

Idosa 8 (77 anos): [...] pois, eu acho que eu sou idosa [...] 77 é idoso, né? Mas eu sou bem respeitosa, me respeitam, graças a Deus.

Também Pasqual (2015, p. 1) observou em seu estudo,

[...] que o envelhecer é polissêmico, construído nas trocas, reinventado; a mulher pode compreender o passar dos anos como inúmeras possibilidades

de encontrar a felicidade, seja de forma reflexiva, repensando o presente e o passado, ou a partir de suas perdas, dores e aflições.

As nossas entrevistadas reconheceram que gostam de manter cuidados pessoais, neste contexto, as falas apontaram para a importância de um novo olhar e significado para os valores estéticos no sentido de contribuir para um autoconceito positivo, todavia não ocupa lugar central em suas vidas.

A Idosa 1 de 66 anos dá importância ao uso de cremes e desodorante para manter-se fresca e limpa. Ela também cuida das unhas e gosta de passar esmalte. A preocupação com a higiene pessoal é evidente. **“Eu gosto de passar um creme na pele, um desodorante para não cheirar debaixo do braço, porque cheira, mesmo que a gente tome banho [...] corto minhas unhas, às vezes passo esmalte”**.

A Idosa 2, 88 anos, depende das filhas para receber produtos de cuidado pessoal. **“Roupas, essas coisas, eu quase não compro. Minhas filhas que me dão. [...] Uso creme de rosto, de braços, creme de tudo”**. A Idosa 3 com 93 anos sempre teve um gosto por se arrumar e isso não mudou com a idade. Ela observou que algumas mulheres mais velhas não se cuidam, o que destaca a importância que ela dá à sua aparência. **“Sempre gostei de me arrumar. Conheço muitas mulheres velha que são desgostosas, algumas nem penteiam os cabelos”**.

Houve uma mudança recente na atitude da Idosa 4 de 63 anos em relação aos cuidados pessoais. Ela gosta de se maquiar, arrumar o cabelo e usar bijuterias, mas tem aversão a brincos devido seu problema de surdez em um dos ouvidos. **“Antes eu não me cuidava, agora daqui para a frente eu estou caprichando. Eu gosto de me pintar, gosto de arrumar meu cabelo. Só não uso brinco devido ao problema de meu ouvido”**.

A Idosa 5, 65 anos, sempre gostou de se arrumar, destacando o crescimento recente do cabelo. Seu cuidado pessoal inclui atenção ao cabelo. **“Eu sempre gostei de me arrumar [...]. Meu cabelo cresceu agora”**.

A Idosa 6 de 75 anos, tem o seu foco principal em manter o cabelo arrumado e sem deixa-lo ficar branco. Usa tinta para cobrir os cabelos brancos, mostrando uma preocupação contínua com a aparência. **“O que eu mais gosto é de arrumar o cabelo. [...] eu falei esses dias, não vou deixar meu cabelo ficar branco. Vivo cobrindo com tinta”**.

A Idosa 7 de 81 anos demonstrou uma atitude geral positiva em relação aos cuidados pessoais, sem detalhes específicos. **“Eu gosto de me cuidar”**. A Idosa 8

de 77 anos gosta de se maquiar e pentear o cabelo. Prefere pintar o cabelo ela mesma, mostrando uma independência e dedicação aos cuidados pessoais. ***“Adoro andar pintada, adoro pentear meu cabelo, eu mesma que pinto o meu cabelo. Eu pego um espelho, ponho na frente [...]”***. A Idosa 9 de 64 anos, não usa maquiagem ou pinta os cabelos, mas respeita as escolhas das outras mulheres. Valoriza a individualidade e o respeito mútuo. ***“Não uso pintura, não pinto os cabelos e também não desfaço daquelas que pinta e cada qual é cada qual”***.

A Idosa 10, de 65 anos, considera-se vaidosa e gosta de usar bijuterias e cílios postiços. Os sonhos que menciona refletem um desejo de fantasia e beleza:

Idosa 10: (65 anos): Me considero vaidosa, gosto de usar bijuterias, cílios postiços. [...] um dia sonhei que eu era uma princesa, que eu estava descendo uma escada. Eu mesmo dou risada conforme as coisas que eu sonho, mas que adianta o sonho se fosse verdade [...].

Na pesquisa realizada por Mello (2019), com mulheres com idades acima de 60 anos, foi constatado que a aparência é percebida como aspecto importante para sentir-se bem consigo e com os outros, confiante e feliz, contudo, não ocupa lugar de destaque no cotidiano. Para Klotz (2016), o corpo, enquanto corporeidade, é a existência subjetiva do sujeito. É através dele que se percebe o mundo e se relaciona com os outros. Ao envelhecer, o corpo sofre inúmeras transformações que afetam a integridade física, social e psicológica. Para as mulheres, essas mudanças estéticas muitas vezes são carregadas de sofrimento, pois envelhecer nas sociedades modernas significa perder o capital corporal. Socialmente, as mulheres são julgadas a partir de seus corpos.

Mello (2019) buscou compreender a percepção de mulheres idosas, com idades entre 60 e 80 anos, sobre sua estética corporal e como essa compreensão pode influenciar o senso de autoeficácia no cotidiano. Os resultados demonstraram que a aparência é percebida como aspecto importante para sentir-se bem consigo e com os outros, confiante e feliz, contudo, não ocupa lugar de destaque no cotidiano. Os cuidados que as mulheres idosas, expressaram ter, evidenciaram a compreensão da associação entre saúde e beleza. Os resultados sinalizam para a importância de um novo olhar e significado para os valores estéticos de saúde e de vida, no sentido de contribuir para um autoconceito positivo e maior senso de autoeficácia.

As entrevistas realizadas com as 10 mulheres frequentadoras do CRAS, revelaram a diversidade de atitudes e práticas de autocuidado diante do processo de

envelhecimento. Enquanto algumas idosas mantêm uma rotina de cuidados pessoais, utilizando cremes, maquiagem e tintura para os cabelos, outras adotam uma postura mais simplista. Algumas idosas expressaram o desejo de independência e autonomia em seus cuidados, apesar das limitações impostas pela idade, pelas condições de saúde e condições econômicas.

Esse contraste entre as práticas de autocuidado das idosas e a visão teórica sobre a corporeidade demonstra como a experiência do envelhecimento é complexa. Apesar das pressões sociais e das mudanças físicas, muitas mulheres encontram maneiras de preservar sua autoestima e dignidade, ressignificando o próprio corpo e os cuidados pessoais de acordo com suas vivências e valores individuais.

As narrativas de nossas entrevistadas em relação às suas perspectivas de vida revelaram um profundo desejo de melhorar suas condições de vida e as de suas famílias, além de buscar uma existência mais satisfatória e plena.

A Idosa 1, aos 66 anos, sonha em ganhar na Tele Sena para ajudar seus filhos e pessoas em extrema pobreza. Seu desejo de terminar a construção de sua casa destaca a importância de um lar seguro e confortável. A difícil situação financeira, agravada por empréstimos para ajudar os filhos, enfatiza sua generosidade e o desejo de prover melhor para a família:

Idosa 1 (66 anos): Eu tenho um sonho. Se Deus quiser, eu vou ganhar na tele sena. E quero ajudar meus filhos e essas pessoas bem pobres, que os coitados não podem nem ter um pão para comer. Eu quero terminar minha casa, porque só com o meu dinheiro eu não consigo, porque fiz empréstimo para ajudar os filhos, então eu não ganho o salário mínimo. Eu ganho R\$ 700,00 quando muito R\$ 750,00.

A Idosa 2, com 88 anos, expressa um desejo simples, mas nobre: trabalhar e ajudar os outros. Sua aspiração de continuar ativa e útil reflete um senso de propósito e a vontade de contribuir para o bem-estar dos filhos. **“Meu sonho é só trabalhar e ajudar os outros. Eu penso que Deus me dê saúde para ajudar todos os filhos [...]”**. A Idosa 3, aos 93 anos, ainda sonha em se aposentar e ter segurança financeira, dependente atualmente do dinheiro deixado por seu falecido companheiro. Este desejo de independência financeira é um reflexo da necessidade de autonomia na velhice. **“Tenho vontade de me aposentar não estou aposentada. Eu tenho o dinheiro do meu companheiro, falecido. [...] se Deus quiser, eu quero estar com o meu dinheirinho no bolso”**.

A Idosa 4, com 63 anos, anseia por companhia e cuidado, expressando a necessidade de afeto e segurança emocional. Além disso, ela deseja realizar o sonho de andar de avião, simbolizando um desejo de experimentar algo novo e emocionante antes de morrer. ***“Eu queria uma pessoa que me cuidasse, me quisesse bem [...]. Também tenho o sonho de andar de avião antes de eu morrer”***. A Idosa 5, aos 64 anos, quer aumentar sua casa para acolher seus filhos espalhados, revelando um profundo desejo de união familiar. As limitações financeiras, entretanto, são um obstáculo significativo para a realização desse sonho. ***“Meu sonho é aumentar minha casa para acolher meus filhos. Recolher meus filhos que estão esparramados por aí. Só que não está sobrando dinheiro no momento”***.

A Idosa 6, aos 75 anos, deseja uma morte tranquila, sem depender de outros, além de ver seus filhos felizes. Este anseio por independência até o final da vida e pelo bem-estar dos filhos mostra uma preocupação com a dignidade e a felicidade de sua família. ***“Meu sonho sempre peço a Deus que me dê uma morte feliz. Assim, que seja uma morte que eu não fique enferma, dependendo de pessoas para me cuidar. [...] o que eu mais quero é ver meus filhos felizes”***.

A Idosa 7, com 81 anos, expressa um desejo estético de erguer os seios, mas reconhece a improbabilidade devido à idade e ao medo. Ela também deseja não depender de ninguém, destacando a importância da autonomia. ***“Um dia, se eu pudesse erguer os seios, mas isso não vai acontecer, porque imagina a idade não dá mais. Tenho medo também. E espero que não precise depender de ninguém. Porque é a coisa mais triste do mundo quando você precisa dos outros”***.

A Idosa 8, aos 77 anos, sonha em reformar sua casa e passear, indicando um desejo por melhorias no lar e novas experiências. A menção da possível morte antes de realizar o sonho denota uma consciência da finitude da vida. ***“O meu sonho é reformar minha casa, se eu não morrer até lá. Esse é o meu sonho, arrumar minha casa e passear [...]”***.

A Idosa 9, com 64 anos, deseja reformar sua casa ou trocá-la por uma em um local melhor, revelando a importância de um ambiente de vida mais seguro e confortável para sua felicidade. ***“O meu sonho, é reformar minha casa, porque é muito na baixada, eu queria até trocar por uma casa no alto, sempre meu sonho é assim”***.

A Idosa 10, aos 65 anos, deseja se separar do marido, mas teme pelo bem-estar de sua filha com problemas mentais. Esta ambivalência reflete o conflito entre a busca por felicidade pessoal e a responsabilidade com a filha. O conselho médico sugere uma esperança de que a filha possa se tornar independente. ***“Idosa 10 (65 anos): Eu gostaria de separar do meu marido [...] mas, não dá por causa da minha filha com problemas mentais. Porque eu sei que ela vai sofrer muito. [...] o médico disse não ponha isso na cabeça, ela vai saber se virar um dia. Ela já está com 35 anos”.***

As falas de nossas entrevistadas revelaram que, que muito embora existam as adversidades, elas cultivam sonhos e perspectivas que refletem suas necessidades emocionais, materiais e sociais. Os desejos de proporcionar melhores condições de vida para si mesmas e suas famílias destacaram a resiliência e a esperança que persistem em suas vidas.

Entendemos que cabe às mulheres, em seus respectivos contextos, transformar a velhice em uma etapa repleta de oportunidades positivas. Nesse processo de envelhecimento, é fundamental incluir a aceitação das perdas relacionadas ao corpo e à mente, permitindo o surgimento de novas formas de viver esse período, que pode ser significativo e enriquecedor. As mudanças corporais podem sinalizar esse novo começo.

Beauvoir (2018) e Debert (1994) sinalizam que a chegada da velhice pode ser apreendida como uma oportunidade de experimentar maior liberdade e independência. Essa ideia fica evidente nos seguintes relatos:

Idosa 2 (88 anos): Meu sonho é que Deus me dê saúde para ajudar todos os filhos [...].

Idosa 4 (63 anos): [...] tenho o sonho de andar de avião antes de eu morrer.

Idosa 7 (81 anos): Um dia, se eu pudesse erguer os seios [...].

As mulheres podem construir outras formas de envelhecer, através da vivência de uma maior liberdade conquistada em relação às outras etapas da vida, nas quais sofriam pressão dos pais, esposos e da sociedade. Deste modo, “a velhice não é um fato estático, é o término e o prolongamento de um processo” (Beauvoir, 2018, p. 14), esse processo é amplo e pode ser definido como “envelhecimento”.

Pasqual (2015) analisou a concepção de 30 mulheres acima de 60 anos sobre o processo de envelhecer e a percepção destas sobre o cuidado em saúde, promovido

pela Estratégia Saúde da Família (ESF). Como resultado, o trabalho evidenciou que o envelhecer é polissêmico, construído nas trocas, reinventado; a mulher pode compreender o passar dos anos como inúmeras possibilidades de encontrar a felicidade, seja de forma reflexiva, repensando o presente e o passado, ou a partir de suas perdas, dores e aflições.

Leopold (2018) realizou um estudo com quatro mulheres idosas solteiras e sem filhos, de idades entre 72 e 91 anos, para verificar suas percepções sobre o envelhecimento, através de entrevistas com relatos das histórias de vida. Constatou-se, o imaginário de uma velhice solitária e que sem apoio é inválido. Acrescentando,

A família e a comunidade exercem uma rede de suporte informal que fornece atenção e suporte. O casamento não foi desejado e muitas vezes foi tratado como algo negativo. O trabalho revelou ser um marcador importante e garantia de subsídios na vida adulta e, após a aposentadoria, na velhice. (Leopold, 2018, p. 9)

Ferreira (2020) analisou as trajetórias de vida de sete mulheres idosas dos quilombos Botafogo e Caveira, localizados nos municípios de Cabo Frio e São Pedro da Aldeia, respectivamente, ambos na Região dos Lagos, RJ. As temáticas mais recorrentes nas narrativas das idosas foram trabalho, identidade, solidariedade e religiosidade. Os resultados evidenciaram a presença marcante da solidariedade e da reciprocidade em ambas as comunidades, assim como a ausência do Estado em atender às demandas do povo quilombola. Frente a essa negligência estatal, a união das pessoas — especialmente por meio do uso coletivo da terra — torna-se fundamental para garantir a sobrevivência em condições adversas.

A opressão vivenciada pelas mulheres quilombolas é multifacetada, resultante da interseção entre gênero, raça, classe social e geração. Esses fatores se combinam para agravar as desigualdades e os desafios enfrentados por elas, configurando um cenário de exclusão que demanda atenção e políticas públicas específicas.

O estudo de Ferreira destaca a importância da análise interseccional para compreender a realidade das mulheres quilombolas, evidenciando como múltiplas dimensões de opressão se cruzam, um aspecto crucial para abordagens inclusivas e eficazes. Além disso, reforça o papel vital da solidariedade comunitária como estratégia de resistência e sobrevivência diante da ausência do Estado, o que aponta para a necessidade de políticas que reconheçam e valorizem essas formas de organização social. Esse contexto torna ainda mais urgente a formulação de políticas

públicas que atendam às especificidades das populações quilombolas, respeitando suas identidades e suas lutas históricas.

Ainda, é presente a memória do trabalho como atividade marcante, repassada geracionalmente, bem como a participação social e política exercida no próprio cotidiano como estratégia para lidarem com as demandas das comunidades. Quanto ao aspecto da religiosidade e lazer, estão atrelados à participação social na igreja, onde as idosas exercem cargos considerados de prestígio. Além disso, a autora observou que se “um país que concentra mais de 50% da população negra e tem uma população acima de 60 anos com índices de crescimento significativos precisa entrelaçar as variáveis aqui trazidas, que são: gênero, geração, raça e classe” (Ferreira, 2020, p. 123).

Vieira e Cepellos (2022) buscaram compreender quais são os desafios que 20 mulheres executivas enfrentam com relação aos seus corpos envelhecidos no mundo corporativo. A pesquisa constatou,

Somando-se aos desafios, escolhas e dúvidas enfrentadas no cotidiano durante toda a jornada profissional, as mulheres têm que conviver com um corpo que está em processo de decadência, pesado, cansado, lento, rígido, limitador e menos atrativo aos olhos. Este estudo revela que além do gênero, a idade também importa dentro das organizações no contexto atual. Corpos de mulheres mais velhas se apresentam menos valorosos e parecem ter que ocupar lugares desprestigiados na hierarquia social. Para mitigar os prejuízos, as mulheres buscam procedimentos estéticos, adotam mudanças alimentares e prática de exercícios com o objetivo de disfarçar o envelhecimento. (Vieira; Cepellos, 2022, p. 154)

Vieira (2022) avaliou a percepção sobre envelhecer de 225 mulheres, idades entre 18 e 75 anos, que participam ou são simpatizantes do movimento feminista. Como resultados,

[...] podemos identificar que as participantes representaram o envelhecer de forma positiva visto que o domínio que apresentou o escore maior foi o domínio de consequências positivas com 4,33 seguido pelo controle positivo 4,00. Na representação subjetiva do envelhecer 95 participantes caracterizaram o envelhecer como um aspecto cronológico, 92 representa o envelhecer de forma positiva, 26 de forma negativa e 12 atribui um significado emocional. A participação maior foi de simpatizantes do feminismo (184 mulheres), o que nos mostra que a internet contribui para disseminar o pensamento feminista e promover, a junção de simpatizantes ao feminismo que, é bem-vinda e necessária pois estas agregam sororidade ao movimento e trazem questões desconhecidas. Estudos feministas têm contribuído ao longo dos anos para emancipação da mulher, porém no momento em a mulher é mais desvalorizada (velhice) ainda vemos carência de estudos por feministas que tem sua influência devido o pensamento libertador, se fazendo necessário novos estudos, para que a população feminista possa ser conhecida em sua totalidade. (Vieira, 2022, p. 8)

Chaves (2015, p. 6) investigou os significados atribuídos ao envelhecer por seis mulheres idosas, com e sem filhos, a partir da análise de suas trajetórias de vida. Os resultados indicam que,

[...] apesar de geralmente ser enquadrada num grupo homogêneo, a pessoa que envelhece tem características heterogêneas, fugindo aos padrões tradicionais de caracterização, quais sejam ser dependente, ser necessariamente vulnerável e 'gagá'. Ao contrário, o conflito de significados gerados pela ambivalência 'ser velha (o)'/ 'não ser velha (o)', gerou novas formas de experienciar a velhice entre os participantes, contribuindo para uma transformação dos significados do ser velho tanto no âmbito da cultura pessoal, quanto no da cultural coletiva, engendrando um processo de transição e transformação dos significados da cultura coletiva acerca do que significa ser velho (a).

Os resultados também evidenciaram que políticas públicas que privilegiem a manutenção da agentividade da pessoa que envelhece, bem como sua autonomia financeira e manutenção de vínculos em sua rede social, contribuem para um envelhecer bem. A temporalidade na velhice foi percebida como tendo íntima relação com os significados construídos ao longo da trajetória de vida da pessoa que envelhece, bem como a existência de um sentido na vida; sendo os planos para o futuro redimensionados, conforme os significados construídos pela pessoa que envelhece acerca do que é ser velho, para planos de curto e médio prazo, através de percepções do futuro mediadas por signos tipo campo – que privilegiam a emergência da novidade, e portanto a continuidade do desenvolvimento – e por signos tipo ponto, mais focados em circunstâncias específicas e menos flexíveis à transformação (Chaves, 2015).

Cepellos (2016) analisou, como 58 mulheres executivas, acima dos 40 anos, experimentam o processo de envelhecimento,

a pesquisa conclui que, por serem consideradas profissionais mais velhas antes do que os homens e devido aos estigmas associados à idade, as mulheres tendem a omitir o envelhecimento e buscar formas de não o aparentar no ambiente de trabalho. A teoria substantiva apresenta que o envelhecimento é compreendido a partir das noções de morte física, social e executiva e que o renascimento simbólico é uma forma de lidar com as concepções de mortes que persistem no imaginário das mulheres executivas. (Cepellos, 2016, p. 10)

Klotz (2016) analisou como 15 mulheres idosas, residentes em São Paulo, percebem esteticamente seus corpos ao longo do processo de envelhecimento. Os resultados da pesquisa constataram que as mulheres,

[...] formam a representação do corpo-próprio através de uma tríplice relação: reconhecimento do outro, reconhecimento pelo outro e autorreconhecimento; sendo que na última parte do processo o espelho e as fotografias possuem grande importância. O processo de percepção estética dos objetos estéticos socialmente partilhados se dá através da análise do sujeito a partir de seus padrões estéticos e representação do corpo próprio, em síntese o sujeito poderá ter quatro respostas possíveis que retornarão em forma de novos objetos estéticos. (Klotz, 2016, p. 9)

Silva (2019) buscou compreender os sentidos atribuídos à sexualidade por mulheres com 60 anos ou mais, participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), vinculada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis, São Paulo. Concluiu-se, portanto, que:

[...] que a conexão entre a sexualidade, o gênero e a velhice foi muito fecunda para análise das suas interações com o meio social, cultural e político, bem como com suas relações internas e com o meio social. E também para o combate do mito da velhice assexuada e das violências que estão expostas, bem como para a afirmação de uma sexualidade prazerosa e possível na velhice. (Silva, 2019, p. 10)

A pesquisa de Oliveira (2019, p. 9) contou com nove mulheres que participa(ram) do Grupo Experiência e Vida, do CRAS, no município de Boa Vista, Paraíba. A pesquisa elaborou significados sobre os seus corpos, “considerando os lugares subjetivados pela memória geracional e pelas questões de gênero”. “Para tanto, discute as memórias das infâncias e representações corpóreas que emergiram das narrativas, abordando as significações dos corpos nas juventudes, as subjetivações e identidades a partir das representações do envelhecimento”. Assim, conforme a autora. Da análise realizada, destaca-se as significações que envolvem o trabalho na infância, os brinquedos e brincadeiras, e uma não nomeação dos corpos na infância, na juventude os eventos corporais como a menstruação, são lembrados como uma - marca dessa fase. No estágio atual demonstraram preocupações com o processo de envelhecimento, com as doenças, a morte, mas trouxeram significações de liberdade, o que significou uma velhice menos incômoda e uma não reprodução passiva às referências corporais de gênero e de envelhecimento impostas, houve processos de burlas, recusas.

Corroborando esses estudos, em nossa pesquisa também constatamos, por meio das entrevistas realizadas com as 10 idosas participantes do CRAS, que a experiência do envelhecimento é vivida de maneira singular por cada uma delas, sendo profundamente influenciada por suas trajetórias de vida. Algumas reconhecem essa fase como desafiadora, marcada pela perda de mobilidade, independência e pela

presença de doenças crônicas. Outras, no entanto, adotam uma perspectiva mais positiva, entendendo o envelhecer como um tempo de aprendizado, um acúmulo de experiências ou até mesmo como um “lucro da juventude”, expressão que remete à valorização de tudo o que foi vivido até aqui.

Em meio a essas percepções distintas, emerge uma mensagem clara: o envelhecimento vai muito além das mudanças biológicas. Ele envolve dimensões afetivas, sociais e simbólicas, refletindo a importância do autocuidado, da autonomia e da rede de apoio emocional e social. Assim, o envelhecer é compreendido não apenas como um processo natural, mas como uma construção contínua, entrelaçada com os vínculos comunitários, o reconhecimento social e a valorização das histórias individuais.

Constatamos ainda, que as percepções sobre o envelhecimento entre nossas entrevistadas são multifacetadas, variando entre aceitação, resistência e adaptação. Elas refletem a complexidade de envelhecer em um contexto de baixa renda e pouca escolaridade, onde os recursos e apoios, como os oferecidos pelo CRAS, desempenham um papel bastante significativo na promoção do bem-estar e na manutenção da dignidade e da qualidade de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, propusemos a investigar como as mulheres participantes do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Pato Branco-PR percebem o processo de envelhecimento. Para isso, traçamos o perfil das entrevistadas; exploramos suas lembranças de infância, juventude e casamento, buscando compreender como essas experiências moldaram suas percepções e vivências ao longo do tempo; analisamos os espaços de sociabilidade e lazer frequentados por elas; examinamos como elas encaram as mudanças físicas e de saúde ao longo do envelhecimento, incluindo os cuidados com o corpo; e, por fim, investigamos como vivenciam essa etapa da vida e quais são suas perspectivas para o futuro. Deste modo alcançamos os objetivos propostos.

Os estudos realizados basearam-se em bibliografias relevantes ao tema, abordando conceitos de velhice e envelhecimento sob uma perspectiva biológica, psicológica, cultural, econômica e social. Contextualizamos o envelhecimento feminino no Brasil, priorizando aspectos estatísticos fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A metodologia adotada foi de natureza exploratória e qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo. Foram entrevistadas 10 mulheres frequentadoras assíduas do CRAS de Pato Branco-PR, com idades entre 63 e 93 anos.

No que se refere ao perfil das entrevistadas, percebemos uma composição diversificada de mulheres desde aquelas com idade de 63 anos, até mulheres com idades mais avançadas entre 70 e 80 e até mais de 93 anos. Confirmando que a expectativa de vida das mulheres no Brasil, ultrapassa os 79 anos, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022).

Em relação à escolaridade, a maioria apresentou baixo nível de escolaridade. Cujas justificativas eram que tinham que ajudar os pais no sustento da família. Esses dados confirmam o cotidiano de muitos idosos e idosas brasileiras que tiveram dificuldades e ainda têm no acesso à educação como um requisito imprescindível para consolidação da cidadania.

Nesta pesquisa, encontramos mulheres que precisam continuar trabalhando, porquanto, os valores recebidos como aposentadoria, pensão ou BPC não são suficientes para cobrir suas necessidades e as de seus dependentes. Esta situação é ainda mais crítica quando a Idosa assume a responsabilidade de provedora da família.

É sabido que mesmo com obtenção da aposentadoria a pessoa idosa não garante, em muitos casos, condições dignas de sobrevivência e de qualidade de vida. A renda de um salário mínimo ou mais não será suficiente para a realidade vivenciada por sujeitos que as vezes contribuem na renda familiar.

Os depoimentos revelaram a complexidade das relações familiares em contextos de vulnerabilidade social. A pobreza foi identificada como um fator agravante, refletindo-se em dificuldades como doença, dependência química e desemprego entre os filhos, o que aumenta a pressão sobre essas mulheres. Apesar disso, a resiliência foi uma característica marcante: muitas relataram manter a unidade familiar, oferecendo apoio emocional e prático, mesmo diante de limitações financeiras e de saúde.

As recordações da infância, juventude e casamento trazem uma mistura de sentimentos, combinando momentos de alegria e desafios marcados pela pobreza e pelo trabalho árduo. Apesar das dificuldades enfrentadas, essas experiências também moldaram trajetórias e decisões significativas ao longo da vida. As narrativas mostram que a pobreza não é um fenômeno recente para muitas dessas mulheres, mas sim uma realidade contínua.

Na infância, o ambiente rural e as condições precárias de sobrevivência se destacam, assim como a falta de orientação dos pais, criando um cenário de adversidade. No entanto, mesmo diante desses obstáculos, há lembranças que valorizam a união familiar e os pequenos instantes de alegria, como brincadeiras e conquistas simples.

A transição para a juventude reforça o equilíbrio entre desafios e conquistas. O trabalho árduo e a escassez de lazer continuam presentes, mas esse período também carrega relatos sobre decisões importantes, como o rompimento de relações opressivas, a busca por momentos de alegria em festas e bailes, e o desejo de liberdade e autonomia. Mais do que superar dificuldades, essas experiências refletem a força e a determinação de encontrar caminhos que permitam sonhar e alcançar uma vida melhor.

Ao conectar infância e juventude, compreendemos que essas trajetórias são tecidas por histórias de resistência e superação. As memórias da infância não se dissociam das experiências vividas na juventude, mas formam um alicerce essencial para as escolhas e percepções ao longo dos anos.

No que se refere as vivências conjugais, as idosas revelaram a diversidade das vivências conjugais, marcadas por desafios, perdas, resiliência e momentos de felicidade. Desde relações marcadas por conflitos até uniões harmoniosas e repletas de cumplicidade, cada história expressa a singularidade das trajetórias individuais. O casamento, para muitas, foi um espaço de construção de vínculos, mas também de enfrentamento de adversidades, como luto, violência, infidelidade e dificuldades financeiras.

Embora, parem diferenças, entre as entrevistadas um elemento comum se revela: a força e a capacidade de adaptação diante das dificuldades. Seja na busca por estabilidade emocional, no cuidado dedicado ao parceiro ou na decisão de seguir sozinhas. as idosas demonstraram uma evidente resiliência e determinação. Suas narrativas destacam a importância do afeto, da parceria e da autonomia na construção de relacionamentos saudáveis. Portanto, essas narrativas apresentam uma prova importante da riqueza das experiências vivenciadas pelas entrevistadas, revelando que, mesmo em meio às adversidades, é possível encontrar momentos de alegria e superação.

Em relação aos espaços de sociabilidade e lazer, identificou-se uma predominância de atividades em ambientes religiosos e visitas a vizinhos, e participação no CRAS, refletindo tanto as limitações financeiras quanto as opções disponíveis na comunidade local. A pobreza influencia diretamente as escolhas de lazer, enquanto os desafios enfrentados pelos filhos frequentemente restringem ainda mais o envolvimento social dessas mulheres que necessitam ficar em casa cuidando dos mesmos.

As limitações financeiras restringem a participação em atividades pagas, resultando em uma dependência maior de espaços gratuitos como igrejas e centros comunitários. Lembrando que, os problemas enfrentados pelos filhos, como doenças, desemprego e dependência química, colocam uma carga adicional sobre essas mulheres, que muitas vezes acabam assumindo papéis de cuidadoras e apoiadoras, que as impede de ter uma vida social mais ativa.

Quanto à participação no CRAS, existe um forte reconhecimento das idosas uma vez que segundo elas ocorreram importantes mudanças depois que passaram a participar, principalmente por esse espaço proporcionar um momento de lazer e distração e além disso devido amizades e pelos serviços prestados pelas assistentes.

Os serviços ofertados pelos CRAS constituem uma alternativa valiosa na comunidade, porquanto promovem a participação ativa e valorizam o conhecimento e a experiência que cada idosa traz consigo. Destacamos o papel fundamental dessas mulheres em participar ativamente das questões sociais e dos seus próprios direitos, através de conselhos, conferências e organizações comunitárias. Portanto, é essencial que esses profissionais facilitem uma educação emancipatória.

Quanto às mudanças físicas e de saúde ao longo do envelhecimento, as entrevistadas, mesmo diante de desafios significativos impostos pela saúde e pela idade avançada, essas mulheres demonstraram força, resiliência e uma profunda capacidade de adaptação. Seja pela busca de autonomia, pela manutenção de atividades cotidianas ou pelo apoio familiar, cada história destaca diferentes formas de enfrentar as adversidades e encontrar significado na vida. Assim, percebe-se que a saúde após os 60 anos vai além da ausência de doenças; ela envolve um equilíbrio delicado entre condições físicas, emocionais e sociais, refletindo a importância de valorizar e promover a qualidade de vida em todas as suas dimensões.

As entrevistadas relataram diferentes formas de vivenciar o processo de envelhecimento. Algumas valorizam a autonomia, a vaidade e a independência, enquanto outras aceitam as limitações de forma serena, muitas vezes com gratidão pelas experiências vividas. Entretanto, a preocupação com o futuro, especialmente em relação à dependência e à perda de autonomia, é uma constante nas suas falas. As falas revelaram que, muito embora existam adversidades, elas cultivam sonhos e aspirações que refletem suas necessidades emocionais, materiais e sociais.

As compreensões das idosas sobre o envelhecimento refletem um entendimento profundo e abrangente deste processo. Elas relataram, o envelhecimento não é apenas uma mudança física, mas envolve transformações biológicas, psicológicas, cronológicas e sociais. Cada idosa vivencia essas mudanças de maneira única e plural, uma observação que vai ao encontro com o pensamento de Simone de Beauvoir (2018).

Em se tratando de como as mulheres vivenciam o processo de envelhecimento, constatamos um retrato complexo da vivência do envelhecimento, marcado por desafios relacionados à escolaridade, condição socioeconômica e dinâmicas familiares. A faixa etária dessas mulheres, entre 63 e 93 anos, reflete a diversidade de experiências acumuladas ao longo de décadas. No entanto, os níveis

de instrução limitados evidenciam barreiras educacionais que continuam a impactar suas vidas, restringindo, muitas vezes, o acesso à autonomia e à vivência plena.

A análise do mesmo modo destaca a diversidade de situações familiares e conjugais, onde metade das idosas são viúvas e as demais se dividem entre casadas, solteiras e em união estável. Essas conjunturas formam suas percepções sobre envelhecer. Algumas mulheres desfrutam de relações positivas e harmoniosas, outras enfrentam conflitos significativos em relação aos seus filhos, como problemas relacionados à saúde mental, dependência química ou vulnerabilidades financeiras.

Por outro lado, as mulheres são resilientes. Elas encontram formas de manter a unidade familiar e proporcionar apoio emocional e prático, mesmo diante de tantas adversidades. A valorização do apoio familiar e a presença constante dos filhos e netos são um testemunho da força dessas relações, apesar dos desafios impostos pela pobreza.

As entrevistadas cultivam sonhos e perspectivas que refletem suas necessidades emocionais, materiais e sociais. Os desejos de proporcionar melhores condições de vida para si mesmas e suas famílias destacaram a resiliência e a esperança que persistem em suas vidas. Entendemos, portanto que compete às mulheres tornarem a velhice uma etapa com oportunidades positivas. Nesse processo de envelhecimento, deve-se incluir a aceitação das perdas associadas ao corpo e à mente, possibilitando o surgimento de novos modos de viver um tempo que pode ser interessante. As mudanças geradas no corpo podem apontar esse novo começo.

As idosas expressaram a importância de um novo olhar e significado para os valores estéticos no sentido de contribuir para um autoconceito positivo, todavia não ocupa lugar central em suas vidas. Ao envelhecer, o corpo sofre múltiplas transformações que afetam a integridade física, social e psicológica. Esse comprometimento estético, para tantas são carregadas de sofrimento, uma vez que envelhecer nas sociedades modernas significa perder o capital corporal, pois na sociedade, as mulheres são julgadas a partir de seus corpos.

Assim, este estudo evidenciou a importância do apoio social e dos serviços prestados pelo CRAS, que têm suprido necessidades e promovido a participação ativa dessas mulheres na comunidade. Esses serviços representam uma valiosa alternativa ao reconhecer o conhecimento e a experiência que cada idosa traz consigo. Ressalta-se, ainda, a necessidade de fomentar uma educação emancipatória e ampliar os debates sobre os direitos das mulheres idosas, fortalecendo sua posição como

agentes de transformação social. Conclui-se que a população envelhecida no Brasil, predominantemente feminina, exige maior atenção e reconhecimento como protagonistas de suas histórias.

Recomenda-se ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) atenção especial às mulheres idosas que relataram situações de violência doméstica, uma vez que, além dos desafios inerentes ao envelhecimento, enfrentam uma sobrecarga emocional significativa. Observamos relatos de filhos envolvidos com substâncias psicoativas, alcoolismo e, em alguns casos, privados de liberdade, o que contribui para o agravamento do sofrimento nos lares. Torna-se evidente a necessidade de visitas regulares por parte das profissionais de Serviço Social, com o objetivo de garantir um acompanhamento integral e contínuo dessas mulheres. Ademais, constatou-se que muitas enfrentam dificuldades de subsistência, sendo obrigadas a trabalhar mesmo em condições de saúde fragilizadas. Tal realidade revela a insuficiência dos benefícios ofertados pelas políticas públicas vigentes, indicando a urgência de ações mais efetivas. É imprescindível que a gestão municipal amplie sua atuação, somando esforços intersetoriais para assegurar que essa população seja atendida de forma digna, evitando que permaneça à margem da sociedade como sujeitos invisibilizados.

Por fim, este estudo se vincula ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UTFPR - Câmpus Pato Branco, que busca promover o avanço acadêmico e científico em áreas que contribuem diretamente no desenvolvimento das comunidades locais. A pesquisa realizada destacou a relevância do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Pato Branco como um espaço importante de apoio social, oferecendo serviços que fortalecem a participação ativa das mulheres idosas na comunidade. Assim, este trabalho evidencia a importância de iniciativas interdisciplinares que reconheçam o papel central das mulheres idosas como agentes de transformação social e protagonistas de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BERNARTT, M. de L.; PASSOS, A. A. dos; OLIVEIRA, S. M. L. de. **Pato Branco – Cidade amiga do idoso: primeiro diagnóstico para o envelhecimento ativo de seus cidadãos (Relatório Final)**. Pato Branco: UTFPR, 2019. 114. Disponível em: <https://extranet.who.int/agefriendlyworld/wp-content/uploads/2018/05/PATO-BRANCO-CIDADE-AMIGA-DO-IDOSO-PRIMEIRO-DIAGN%C3%93STICO-PARA-O-ENVELHECIMENTO-ATIVO-DE-SEUS-CIDAD%C3%83OS.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.

BIRMAN, J. O futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. *In*: BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 191-209.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1988. Seção 1, p. 1-32. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/douconstituicao88.pdf. Acesso em: 8 nov. 2023.

BRASIL. **Lei 10.741, de 1 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, 03 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 23 mar. 2023.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS**. 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. 72 p. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/cadernos/orientacoes_cras.pdf. Acesso em: 8 mai. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional da Saúde. **Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016**. O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Quinquagésima Nona Reunião Extraordinária, realizada nos dias 06 e 07 de abril de 2016, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei n o 8.080, de 19 de setembro de 1990, pela Lei n o 8.142, de 28 de dezembro de 1990, pelo Decreto n o 5.839, de 11 de julho de 2006. Brasília, DF, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html Acesso em: 8 mai. 2025.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Perguntas frequentes: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)**. Brasília: MC, 2022. 234 p. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e->

programas/suas/publicacoes/perguntas_frequentes_SCFV_2022.pdf. Acesso em: 10 mai. 2025.

BULLA, L. C.; KUNZLER, R. Brasil. Idosos brasileiros: o contexto dos direitos sociais e das políticas sociais. **Revista Argumentum**, v. 6, n.1, 2003.

CEPELLOS, V. M. **Os sentidos da idade: morte e renascimento no processo de envelhecimento de mulheres executivas**. 2016. 269 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, 2016.

CHAVES, S. S. **Envelhecer não é igual para todos: significados de envelhecer bem para mulheres idosas que tiveram e que não tiveram filhos**. 2015. 173 p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2015.

COSTA, G. R. da. **Que melhor idade é essa? Laços, afetos gerações e vínculos familiares**. 2019. 207 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, 2019.

DARDENGO, C. F. R.; MAFRA, S. C. T. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de Ciências Humanas**, n. 2, 2018.

DEBERT, G. G. Gênero e envelhecimento. **Estudos feministas**, v. 2, n. 3, p. 33, 1994.

DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *In*: DEBERT, G. G. (Org.). **Antropologia e velhice**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998.

DEBERT, G. G. **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

DIAS, A. C. G. Representações sobre a velhice: o ser velho e o estar na terceira idade. *In*: CASTRO, O. P. (Org.). **Velhice, que idade é esta?** Porto Alegre: Editora Síntese Ltda., 1998.

FERREIRA, D. da S. **Memória, trabalho e identidade: trajetórias de vida de mulheres idosas dos Quilombos de Botafogo Caveira na Região Dos Lagos (RJ)**. 2020. 122 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2020.

FERREIRA, O. G. L. *et al.* Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 21, p. 513-518, 2012.

HADDAD, E. G. de M. **A ideologia da Velhice**. São Paulo: Cortez, 2016.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 7 jun. 2023.

IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social). **Caderno Estatístico município de Pato Branco**. Curitiba: IparDES, 2025. 56p. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85500>. Acesso em: 8 mai. 2025.

KLOTZ, G. A. Q. **Percepção estética do envelhecimento feminino**. 2016. 341 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2016.

LEOPOLD, A. M. **O envelhecer na percepção de mulheres idosas solteiras e sem filhos: Um estudo na perspectiva da psicologia analítica**. 2018. 135 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2018.

MELLO, M.de. **Estética na velhice: a percepção da mulher idosa**. 2018. 37 p. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) - Fundação Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2019.

MINAYO, M. C. S. Envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo da vida brasileira. *In*: TRENCH, B; ROSA, T. E. da C. (Orgs.). **Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec; 2015.

NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Orgs.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

OLIVEIRA, J. R. F. De. **Nas telas do tempo, as memórias: narrativas de mulheres sobre seus corpos e o envelhecimento**. 2019. 188 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 2019.

OMS (Organização Mundial da Saúde). **Mulheres e saúde: evidências de hoje, agenda de amanhã**. Geneva: WHO, 2011. 112 p. Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/mulheres-saude-evidencias-hoje-agenda-amanha.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.

ONU (Organização das Nações Unidas). **A ONU e a população mundial**. 2022. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/populacao-mundial/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PAPALÉO NETTO, M. O estudo da velhice no séc.XX: histórico, definição do campo e termos básicos. *In*: FREITAS, E. *et al.* (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Kroogan, 2002. p. 2-12.

PARANÁ. Expectativa de vida do Paraná ultrapassa 79 anos, aponta projeção do IBGE. **Agência Estadual de notícias**, 25 jul. 2024a. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Expectativa-de-vida-do-Parana-ultrapassa-79-anos-aponta-projecao-do-IBGE>. Acesso em: 13 jan. 2024.

PARANÁ. Paraná atende 1,4 milhão de idosos pelo SUS e reforça ações pelo envelhecimento saudável. **Agência Estadual de notícias**, 1 out. 2024b. Disponível em: https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Parana-atende-14-milhao-de-idosos-pelo-SUS-e-reforca-acoes-pelo-envelhecimento-saudavel?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 28 abr. 2025.

PARANÁ. Governador Ratinho Junior sanciona lei que cria o Programa Paraná Amigo da Pessoa Idosa. **Agência Estadual de notícias**, 14 nov. 2024c. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Governador-Ratinho-Junior-sanciona-lei-que-cria-o-Programa-Parana-Amigo-da-Pessoa-Idosa>. Acesso em: 5 mai. 2025.

PASQUAL, K. K. **Concepção da mulher idosa sobre o envelhecer e sua percepção acerca da estratégia saúde da família nesse contexto**. 2015. 70 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e envelhecimento) - Faculdade de Medicina de Marília, Marília, SP, 2015. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

PELOSO, C. F. **Tem gente que sofre**. Poema. Pato Branco: [s.n], 2025. 1 p.

PERES, M. A. de C. Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal: a exclusão educacional em contextos rurais da região Nordeste. **Sociedade e Estado**, v. 26, p. 631-662, 2011.

PREFEITURA DE PATO BRANCO. **Guia de Serviços, Programas, Projetos e Benefícios**. 2024. Disponível em: <https://heyzine.com/flip-book/ec25441885.html#page/2>. Acesso em: 16 abr. 2025.

PREFEITURA DE PATO BRANCO. **Informações Gerais de Pato Branco**. 2025. Disponível em: <https://patobranco.pr.gov.br/informacoes-gerais-de-pato-branco/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SANTOS, M. F. dos; SOARES, N; SILVA, A. C. F. Velhice e questão social: qual a relação? *In*: TEIXEIRA, Solange Maria (Org.). **Envelhecimento na Sociabilidade do Capital**. Campinas: Editora Papel Social, 2017. p 75-83.

SANTOS, W. B. dos. **Encontros e despedidas**: O “envelhecimento ativo” a partir das práticas de mulheres idosas em João Pessoa. 2021. 100 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, C. C. F. **Por mulheres invisíveis**. 2019. 153 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, SP, 2019.

SOUZA, J. G. S. **Velha? Eu não!** Relatos de vida de mulheres que frequentam um espaço de convivência para a “terceira idade” em Belém do Pará. 2025. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2013.

TEIXEIRA, S. M. Envelhecimento do trabalhador na sociedade do capital. *In*: TEIXEIRA, S. M. (Org.). **Envelhecimento na Sociabilidade do Capital**. Campinas: Editora Papel Social, 2017. p. 31-51.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, K. B. **Singularidades**: feminismo, envelhecimento, ser mulher – autopercepção do envelhecer. 2022. 68 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Envelhecimento) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, 2022. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 08 ago. 2023.

VIEIRA, R. A.; CEPellos, V. M. Mulheres Executivas e seus corpos: as marcas do envelhecer. **Organizações & Sociedade**, v. 29, p. 151-176, 2022.

APÊNDICE A – Roteiro de Coleta de Dados

PESQUISADORA:

MARCIA ANTUNES DA ROCHA

LOCAL DAS ENTREVISTAS:

CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (CRAS) – PATO BRANCO-PR

- **CRAS Carolina Ferrari Amadori:** Travessa Ipacará, 50 - Bairro Alvorada, Pato Branco-PR.
- **CRAS Paulina Bonalume Andreatta:** Rua Sadi Bertol, S/N - Bairro São João, Pato Branco-PR.

SUJEITOS PARTICIPANTES DA ENTREVISTA:

- 10 mulheres acima de 60 anos que frequentam o CRAS do município de Pato Branco, sendo 05 frequentadoras de CRAS Carolina Ferrari Amadori e 05 frequentadoras do CRAS Paulina Bonalume Andreatta.

I ETAPA - Perfil das entrevistadas

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Qual sua cor?
4. Qual sua religião?
5. Qual Estado civil?
6. Quantos filhos(as)?
7. Exerce alguma ocupação ou atividade remunerada?
8. Qual seu grau de instrução?

II ETAPA – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Vamos conversar sobre sua vida:

- Infância;
- Juventude;
- Casamento;
- Convivência com os filhos;
- Convivência familiar;
- Espaços de sociabilidade;
- Atividades; Lazer; Outros.
- Dificuldades relacionadas no processo de envelhecimento.
- Quais seus desejos relacionados ao processo de envelhecimento e velhice?
- Convívio com outros grupos etários;
- Qual a importância do CRAS em sua vida?

ANEXO A - Termo de Compromisso, de Confidencialidade de Dados e Envio do Relatório Final

TERMO DE COMPROMISSO, DE CONFIDENCIALIDADE DE DADOS E ENVIO DO RELATÓRIO FINAL

Eu, Marcia Antunes da Rocha, pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa intitulado **UM OLHAR SOBRE VELHICE E ENVELHECIMENTO: PERCEPÇÃO DE MULHERES PATOBRANQUENSES**, comprometemo-nos a dar início a este estudo somente após apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e registro de aprovado na Plataforma Brasil.

Com relação à coleta de dados da pesquisa, nós pesquisadoras, abaixo firmados, asseguramos que o caráter anônimo dos dados coletados nesta pesquisa será mantido e que suas identidades serão protegidas. Bem como o questionário e outros documentos não serão identificados pelo nome, mas por um código.

Nós pesquisadoras, manteremos um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa para uso próprio. Os formulários: **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e /ou Termo de Consentimento de Uso de Voz e Imagem**, assinados pelas participantes serão mantidos pela pesquisadora em confidência estrita, juntos em um único arquivo.

Asseguramos que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; e/ou Termo de Consentimento de Uso de Voz e Imagem, que poderá ser solicitada de volta no caso deste não mais desejar participar da pesquisa.

Eu, como professora orientadora, declaro que este projeto de pesquisa, sob minha responsabilidade, será desenvolvido pela aluna Marcia Antunes da Rocha do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional.

Declaro, também, que li e entendi a Resolução 466/2012 (CNS) responsabilizando-me pelo andamento, realização e conclusão deste projeto e comprometendo-me a enviar ao CEP/UTFPR, relatório do projeto em tela quando da sua conclusão, ou a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

Pato Branco-PR, 06 de maio de 2025.

Orientadora: Dr^a. Prof.^a . Maria de Lourdes Bernartt

Marcia Antunes da Rocha

**ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e
Termo de Consentimento no uso de imagem e/ou voz (TCUISV)**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) E
TERMO DE CONSENTIMENTO NO USO DE IMAGEM E/OU VOZ (TCUISV)**

**Título da pesquisa: UM OLHAR SOBRE VELHICE E ENVELHECIMENTO:
PERCEPÇÃO DE MULHERES PATOBRANQUENSES**

Pesquisadoras responsáveis pela pesquisa:

Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Bernartt
Marcia Antunes da Rocha

ORGANIZAÇÃO PARTICIPANTE DA PESQUISA:

CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (CRAS) – PATO BRANCO-PR

1. CRAS Carolina Ferrari Amadori

- Endereço: Travessa Ipacará, 50 - Bairro Alvorada, - município de Pato Branco-PR.
- Telefone: (46) 3220-6052

2. CRAS Paulina Bonalume Andreatta

- Endereço: Rua Sadi Bertol, S/N -Bairro São João - município de Pato Branco-PR
- Telefone: (46) 3220-6052

Endereço das pesquisadoras:

Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Bernartt
Rua Natalino Dartora, 40, Bairro Fraron, CEP 85.503-385, Pato Branco - PR.
Fone (46)98807-8901
E-mail: marial@utfpr.edu.br

Marcia Antunes da Rocha

Endereço: Ibiporã, 340, Centro, AP 506, CEP: 85.501-056, Pato Branco - PR.
Fone: (46)99973-1339
E-mail: marciaarolim@hotmail.com

1 Apresentação da pesquisa

Mulheres vocês estão sendo convidadas para participar de uma pesquisa que trata como vocês vivenciam o processo de envelhecimento e velhice. A participação de vocês é muito importante, uma vez que são escassos os trabalhos que destacam o envelhecimento feminino e os aspectos que caracterizam a feminização do envelhecimento, sobretudo, quando o fenômeno é abordado a partir de seus olhares. Desse modo, é essencial e relevante o aprofundamento do tema velhice feminina, justificando, assim, a presente dissertação.

2 Objetivos da pesquisa

2.1 Objetivo Geral

Analisar como as mulheres participantes do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Pato Branco-PR vivenciam o processo de envelhecimento.

2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar (perfil) das mulheres entrevistadas;
- Refletir sobre as lembranças de infância, mocidade e casamento das entrevistadas buscando saber se essas experiências influenciaram suas percepções e vivências ao longo do tempo;
- Analisar os espaços de sociabilidade e lazer das entrevistadas;
- Investigar como as mulheres percebem as mudanças físicas e de saúde ao longo do envelhecimento, incluindo cuidados com o corpo;
- Analisar como as mulheres idosas vivenciam o processo de envelhecimento, e suas perspectivas em relação ao futuro.

3 Participação na pesquisa

Nos encontros do CRAS, geralmente, participam em média entre 20 a 25 mulheres. Desse modo, em um desses encontros, aquelas mulheres que estiverem presentes serão convidadas a participar do estudo. Para tanto, será realizado um sorteio, através de números: 1 a 25 escritos em um papel - depositados em um pequeno saco de pano. Deste modo, aquelas que pegarem números de 1 a 12 farão parte da amostra da pesquisa. Antes da aplicação da entrevista, será realizado um encontro com as 06 mulheres participantes do CRAS Carolina Ferrari Amadori e com as 06 mulheres do CRAS Paulina Bonalume Andreatta. Este encontro será destinado para apresentação e esclarecimento da pesquisa; apresentação da cláusula de confidencialidade; o formato da entrevista; e a participação voluntária, descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Consentimento de uso som e voz (TCUISV). Após serem assinados pelas participantes e pela pesquisadora, em duas cópias, é que se iniciam as entrevistas. As entrevistas serão realizadas presencialmente na casa das mulheres ou em algum lugar escolhidos por elas, com agendamento prévio.

4 Confidencialidade.

As pesquisadoras, garantem que a participação de todas as mulheres será sigilosa, que seus dados, imagens, áudios, gravação serão preservados.

5 Riscos e Benefícios

5a) Riscos:

A pesquisa não tem o desígnio de acarretar qualquer desconforto as mulheres entrevistadas, todavia para impedir possíveis desconforto, a entrevistada poderá a qualquer momento deixar o local naturalmente e retornar quando se sentir confortável. A pesquisadora não almeja criar qualquer pressão, mas se isso ocorrer, a interlocutora

terá a liberdade para se recusar a responder qualquer uma das perguntas, ou se não entender a pergunta, poderá solicitar esclarecimento.

5b) Benefícios:

Nesta perspectiva, apesar da importância do tema, são escassos os trabalhos que destacam o envelhecimento feminino e os aspectos que caracterizam a feminização do envelhecimento, sobretudo, quando o fenômeno é abordado a partir de suas percepções. Desse modo, é essencial e relevante o aprofundamento do tema velhice feminina, justificando, assim, a presente dissertação.

6 Critérios de inclusão e exclusão.

6a) Inclusão:

Os critérios de inclusão das mulheres para participação da pesquisa foram estabelecidos a saber: pelas diferentes idades, acima de 60 anos; casadas ou solteiras; com filhos ou sem filhos; viúvas; diferentes níveis de escolaridade; aposentadas ou não; e níveis econômicos distintos e que sejam frequentadoras do CRAS do município de Pato Branco-PR.

6b) Exclusão:

Mulheres que não sejam frequentadoras do CRAS e com idade menor que 60 anos de idade.

7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

A entrevistada tem direito de deixar a pesquisa a qualquer momento e de receber esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa, sem que isso lhe cause qualquer constrangimento.

8. Ressarcimento e indenização.

Não haverá custo para as mulheres participarem da pesquisa, mas caso tenha, terá direito ao ressarcimento. Caso tenha algum dano decorrente de sua participação na pesquisa, a interlocutora tem o direito de pleitear indenização nos termos da lei.

9. Esclarecimentos sobre o Comitê de Ética em Pesquisa:

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná campus Dois Vizinhos (CEP/UTFPR-DV). Estrada para Boa Esperança, km 04 – Zona Rural – Bloco G 10 – sala 711, Dois Vizinhos-PR, Telefone: (46) 3536-8215, e-mail: coep-dv@utfpr.edu.br.

9.1 Consentimento

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação

direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo. Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que os pesquisadores relacionados neste documento obtenham fotografia, filmagem ou gravação de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/ educacional. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma. Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome Completo: ----- _____

RG: _____

Data de

Nascimento: ____/____/____ Telefone: _____

Endereço:

CEP: _____ Pato Branco - Paraná

Data _____ : ____/____/2024

Assinatura do participante:

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Nome completo:

Assinatura da pesquisadora:

Data: ____/____/____ 2024

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com **Marcia Antunes da Rocha** via e-mail: marciaarolim@hotmail.com, ou telefone: **(46) 99973-1339**

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:

Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná campus Dois Vizinhos (CEP/UTFPR-DV). Estrada para Boa Esperança, km 04 – Zona Rural – Bloco G 10 – sala 711, Dois Vizinhos-PR, Telefone: **(46) 3536-8215**, e-mail: coep-dv@utfpr.edu.br.

OBS: o documento deve conter 2 (duas) vias iguais, sendo uma pertencente a pesquisadora e outra ao participante da pesquisa.

ANEXO C – Documento de Concordância do município**CONCORDÂNCIA EM PARTICIPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PATO BRANCO/PR NO PROJETO DE PESQUISA: “ANALISAR COMO AS MULHERES PARTICIPANTES DO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (CRAS) DE PATO BRANCO-PR VIVENCIAM O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO”,**

Pato Branco-PR, 10 de janeiro de 2025.

Senhora

Secretária Municipal de Assistência Social

Declaramos que nós, da Secretaria Municipal de Assistência Social do Município de Pato Branco/PR estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa “**analisar como as mulheres participantes do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Pato Branco-PR vivenciam o processo de envelhecimento**”, sob a responsabilidade da prof.^a Dra. Maria de Lourdes Bernartt e da mestranda Marcia Antunes da Rocha, nas nossas dependências, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, até o seu final em 2024.

Estamos cientes que as participantes da pesquisa serão as idosas do CRAS Carolina Ferrari Amadori e do CRAS Paulina Bonalume Andreatta, localizados no município de Pato Branco-PR, bem como de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 446/2012 – CNS e complementares.

Da mesma forma, estamos cientes que as pesquisadoras somente poderão iniciar a pesquisa pretendida após encaminharem, a esta Instituição, uma via do parecer de aprovação do estudo emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Atenciosamente,

Paulo Ricardo De Souza Centenaro

Secretário de Assistência Social